

O jornal aos

DEUS, PÁTRIA
E FAMÍLIA

A maior desgraça de um povo é não receber a educação que merece.

RENÉ BAZIN

Suplidos ao Exército

Redactor: HENRIQUE M. CARREIRA

DIRECTOR: ANTELO RIBEIRO GOMES

Editor: CURSOS FINALISTAS

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Editorial Império, Ld.ª / R. do Salitre, 151/5

A RAZÃO DA DISCIPLINA

«Quand le corps est glacé jusqu'à la moelle par le froid et la pluie, quand il est épuisé par la fatigue et les privations, quand le fer et le feu répandent la mort et la mutilation dans les rangs, il faut encore obtenir l'obéissance. La Discipline seule y parvient, et c'est en vue de circonstances de cette gravité qu'elle doit être établie».

Príncipe Frederico Carlos

SE ENDO incontestavelmente a característica fundamental de qualquer colectividade humana organizada, com atribuições definidas, a que não há dúvida, é que a primeira instituição que rigorosamente a aplicou desde tempos remotos, foi o Exército.

Em toda a humanidade, reconhecidos os benefícios flagrantes que advinham do seu emprego, o hábito da Disciplina, invadiu os restantes sectores da Sociedade, a ponto de, modernamente atingir formas consumadas, sob as designações de Disciplina Industrial, Disciplina Corporativa, Disciplina Social, etc.

Cada um destes conceitos, evidentemente, representa o respeito e observância de umas determinadas pessoas e princípios, patentes em leis escritas, que constituem a doutrina e orientação da Indústria, do Corporativismo, e das relações entre os indivíduos em geral.

Contudo, por ser a ideia embrionária da disciplina oriunda do Exército, vejamos a definição da mesma, relativa ao campo militar,

que nos é apresentada nos regulamentos de disciplina:

«Consiste na exacta observância das leis e regulamentos militares, e das determinações que de umas e de outras derivam».

Comete uma infracção de disciplina todo aquele que pratique uma acção contrária ao dever militar, ou uma omissão da mesma, e que por lei não seja classificada como crime.

Compreendemos perfeitamente que nas primeiras idades históricas, (ou entre povos de civilização mais atrasada), a Disciplina apresentasse um aspecto de coerção, porque tinha de ser mantida a todo o custo sobre as massas incultas e semi-bárbaras, ignorantes na sua quase totalidade, dos mais rudimentares deveres sociais, e sem princípios nenhuns de comunhão moral e rática.

Felizmente a civilização moderna — embora nem debaixo de todos os aspectos nos apresente uma me-

(Conclui na pág. 2)

PROGREDIR NA MATÉRIA SEM RETROCEDER NO ESPÍRITO

A civilização material do mundo moderno é um facto que se deve ao esforço paciente dos homens de ciência de todos os séculos. O génio inventivo manifesta-se em realizações progressivas e sistematizadas da ciência experimental, e aparecem como a esplêndida floração da actividade humana, desde o seu primeiro esforço consciente, no sentido de dominar completamente as forças brutas da matéria.

A civilização material contemporânea é a resultante de todos os progressos operados num incalculável período da história da Humanidade.

As invenções feitas de geração em geração, longe de se perderem,

foram-se acumulando, e formaram o património das civilizações passadas. A idade da pedra lascada precedeu e preparou a do bronze, que introduziu a idade do ferro. No limiar de cada nova era, os homens de génio, sem fazerem tábua rasa do passado, salvaguardaram as aquisições científicas dos antigos, para, sobre elas como sobre inabaláveis alicerces, construir os valores permanentes da civilização de cada época. Os suores duma geração regaram e fecundaram os esforços da geração seguinte, sem solução de continuidade, até se chegar aos tempos presentes.

Tal como, na árvore, a seiva, que circula e se eleva das raízes ao

trunco, aos ramos e às folhas, às flores e aos frutos, assim opera o génio civilizador.

É natural que os bens dos pais sejam transmitidos aos filhos, e quem dera que a mesma lei se não applicasse, no que respeita ao mal.

Um simples olhar retrospectivo sobre a génese desta civilização material, que usufruimos, basta para justificar a interpretação que acabamos de dar ao facto do progresso civilizador.

Dinis Papin, auxiliado pela sua célebre marmita, foi o primeiro que descobriu a força do vapor de água, preparando assim o terreno cientí-

(Conclui na pág. 2)

VIDA ESCOLAR

Após os intensos labores do primeiro período do corrente ano lectivo, vieram as tão desejadas, como úteis férias do Natal.

Suor, sangue e alegria foi o preço das boas classificações para todos os estudantes, que as mereceram, neste primeiro período. Sem trabalho perseverante, nada se consegue, e o estudante aplicado sabe que o gozo e a satisfação das boas notas são comparáveis aos saborosos frutos das boas árvores, que só no-los dão, depois do rebentar da primavera em flores, e do crescimento progressivo do verão, sob o calor ardente e fecundante dos suores da rega: muito trabalho.

A esses bons alunos, considerados os magnates da «nota alta», queremos dar os bem merecidos parabéns e esperamos que se no primeiro período do ano, eles foram aplicados ao estudo e à observância da boa disciplina, agora, neste segundo, que está a começar, sejam aplicadíssimos, para sua honra e proveito, para completa satisfação de seus professores e alegria de seus pais.

Na ascensão da vida não se pode parar, e muito menos descer.

As suas famílias estão satisfeitas, com justo motivo, mas não se esqueçam de que: «Noblesse oblige».

Aos madraços, gritamos: enver-

Alta função pedagógica das visitas de estudo

Com viva satisfação temos a registar várias visitas de estudo, efectuadas no decorrer do primeiro trimestre, por vários Cursos. Os alunos são sempre acompanhados pelo Professor da especialidade e realizam, pelos sentidos, no concreto, o que só possuíam em abstracto. Visitaram-se fábricas, empresas industriais e construções de vulto. Também fizemos visitas a museus e a obras de arte existentes na Capital.

Consta que está marcada para breve uma visita a conceituadas fábricas de chocolate, e, ao que parece, esta é uma das visitas mais... interessantes. Porque razão? É claro, aquele cheiro... e aquele sabor... Ninguém pode levar a mal que apreciemos as coisas boas.

gonhai-vos e tratai de reagir, de vencer a preguiça, corrigindo-vos já, no princípio da época, que será decisiva para o resultado ao fim do ano. Atendei à vossa honra em perigo e ao vosso interesse; lembrai-vos de dar consolação aos vossos pais e alegria aos vossos Superiores. Declarai guerra à preguiça e lançai-vos no estudo com ardor e perseverança, e vencereis.

Academia Dr. João das Regras

Ad perpetuam rei memoriam, num brado de alma exultante, novas perspectivas se abrem para a

vida da nossa muito querida «Academia Dr. João das Regras».

Algumas pessoas sabem do que se trata, muitas, porém, ignoram a nossa Sociedade Literário-Recreativa, Cultural e Educativa.

Causou-nos muita alegria o ver como o nosso Ex.^{mo} Director se interessou por ela e a ampara nos seus incertos passos de jovem dum ano.

(Conclui na pág. 4)

Dever de gratidão

Subordinado a este título, no nosso primeiro Número, prestamos justa e sentida homenagem à Ex.^{ma} Direcção e aos Senhores Professores do I. P. P. E.

Por lapso, que muito lamentamos, foi então omitido, na lista de Professores, o nome do Ex.^{mo} Sr. Capitão de Engenharia António Ferreira Molarinho do Carmo.

Com as nossas homenagens, exprimimos a este Ilustre Professor os nossos sentimentos de gratidão.

A razão da disciplina

(Conclusão da 1.ª pág.)

lhoría sensível em princípios morais — tende inegavelmente a uma cultura social cada vez mais elevada.

Hoje as expressões utilizadas de Pátria, raça, tradições, religião e história, adquiriram um sentido mais desanuviado, e são conhecidas de quase toda a gente, o que outrora só acidentalmente sucedia, em períodos de emergência e perigo, mais talvez pela influência contagiosa de indivíduos iluminados, guiados pela Divina Providência que os inspirava em momentos oportunos, do que pelo poder da consciência das massas. Além disso, com uma imprensa limitada, e meios de comunicação atrasadíssimos, difícil se tornava aos próprios homens vizinhos da mesma região, o conhecimento mútuo indispensável para a criação dum espírito comum, quanto às normas da existência.

Compreendemos assim que nessas eras distantes, de isolamento e ignorância, o homem na sua reduzida esfera vital, vivia unicamente à custa do produto individual do seu trabalho, sem necessidade, quase sempre, do seu semelhante; e que como consequência, sendo já a Disciplina o padrão imprescindível no Exército, ela se impuzesse pelo único sistema que actua acima de todas as razões humanas — a Força.

A necessidade dum tal conceito era já indiscutível, por serem reconhecidas as suas vantagens, mas desde que ela não fosse acatada, os meios coercivos, pela sua acção violenta ficavam como processo de a impôr.

A evolução da vida Social, a evolução dos Exércitos e a própria evolução do indivíduo — fizeram também evoluir esse conceito nos processos da sua manutenção. Analisou-se e estudou-se a sua posição, perante a consciência individual.

E reconheceu-se, como conclusão: «que a disciplina sem outro apoio que não seja o terror dos regulamentos e da justiça nunca está bem alicerçada, da mesma maneira que uma comunidade que não repousa senão na polícia não está bem segura».

Finalmente passando agora ao campo particular que nos interessa, — o meio educativo — como a devemos aplicar?

É fora de dúvida que nada de positivo se conseguirá pelos processos meramente mecânicos, automáticos e inconscientes, isso não seria mais do que trair a própria essência da verdadeira Educação.

Não há dúvida que é muito delicado fazer nascer e desenvolver o hábito da disciplina, na mocidade que o meio académico cria, entre os cábulas, os simplesmente bons estudantes, os relaxados e os aplicados, na falta de preparação espiritual metódica, muitas vezes fruto natural da sofreguidão técnica e profissional. E quando esse hábito se revela, pàlidamente, não anda longe duma interpretação errónea, com uma fachada de atitudes respeitadas e reverências, mas com um interior todo de críticas e descrença.

Urge então fazer compreender à Juventude escolar, que a Disciplina é altamente benéfica, por ser a coluna vertebral de qualquer organismo perfeito; e como consequência o primeiro princípio a aplicar num estabelecimento de preparação militar.

Lado a lado com a Educação, ela contudo não poderá deixar de ser firme, porque considerá-la possível só com palavras, que se não veem cumprir, redundam em luta escusada. Isto quer dizer que todos, sem excepção, devem velar por ela.

Mas para lutarmos e para vencer, teremos de a tornar não sòmente uma necessidade militar, mas ainda obra da razão, e da determinação inflexível de bem cumprir.

A Disciplina não nasceu para quebrar a personalidade do indivíduo, ou para a anular dentro do seu meio; surgiu sim para permitir que essa personalidade variável de homem para homem, possa actuar sempre em benefício e não em prejuízo colectivo, respeitando todas as outras que constituem a base e o fulcro sobre a qual assenta a existência das Forças armadas.

Obedecer cegamente às ordens superiores, sem discussões nem murmúrios, na vida militar, ao contrário do que raramente poderá suceder na vida civil, não representa humilhação, nem vergonha, mas sim um reflexo digno e honroso, porque significa compreensão, e boa educação cívica — a intuição de que assim é preciso, para melhor servir o interesse de todos, dentro do Exército — o que representa em profundidade a salvaguarda dos interesses da Pátria, porque o Exército não é mais do que a guarda da Pátria.

Lisboa 5 de Dezembro de 1950.

Capitão Rogado Quintino

Progredir na matéria sem retroceder no espírito

(Conclusão da 1.ª pág.)

fico, para que, um século mais tarde, James Watt viesse a inventar a máquina a vapor, a qual, pouco depois, o génio de Jorge Stephenson transformaria na moderna locomotiva. Notemos, de passagem, que, no domínio da matéria, as aquisições científicas se conservavam mais facilmente do que no campo das ideias abstractas, normativas.

Idêntica à descoberta da força elástica do vapor de água e suas aplicações mecânicas é a invenção da rádio-actividade.

Utilizando o conhecimento da Física, Maxwel como que adivinhou a existência das ondas da rádio. Mais tarde, baseado nos progressos anteriores, Hertz provou experimentalmente a existência dessas ondas maravilhosas, até que, por fim e na mesma linha de progresso científico, Guilherme Marconi, cujo centenário há pouco se celebrou, aplicando a potência do seu génio inventivo aos resultados conseguidos pelos seus predecessores, se cobriu de glória com a invenção da telegrafia sem fios e da rádio-telefonía.

Podemos concluir agora, que os grandes génios da Humanidade são os executores do Plano Providencial de Deus, para manifestação das maravilhas do mundo à inteligência do comum dos homens. O próprio Marconi teve plena consciência da grandeza providencial da sua missão

científica, quando, ao ser inaugurada a Estação da Rádio-Vaticana, utilizando o microfone, disse:

«Possa a minha obra, destinada a facilitar as comunicações entre os homens, contribuir para o estabelecimento da verdadeira paz cristã entre todos os povos».

Infelizmente a dura experiência dos tristes dias em que vivemos contradiz os humanitários votos do imortal inventor da Rádio. Estranho fenómeno esse, em que, utilizando coisas boas, os homens produzem o mal! É claro, todavia, que Marconi não tem culpa dos homens utilizarem para o mal aqueles bens que ele inventou para o progresso espiritual dos povos. Dir-se-ia que os maravilhosos progressos da civilização material ao saírem da mão do génio que os inventa, se tornam um perigo mortal para a Humanidade. Há-de haver, nisso, um grande desvio da inteligência e da vontade, que se afastam do recto caminho do bom senso, para se entregarem à embriaguês do orgulho, enquanto os sentidos se afundam e se perdem na sensualidade da matéria. Mas o espírito vivifica a matéria.

Espera-se um génio novo, que oriente a Humanidade na grande batalha do Espírito, defendendo os direitos da verdade contra os raivosos ataques do erro. Há valores humanos, antigos e modernos, que importa descobrir de novo para reconduzir o homem ao caminho da felicidade, do qual se transviou miseravelmente.

Quando virá o inventor dessa Rádio-Espiritualidade, que liberte o homem de tantos males, que o oprimem até ao esgotamento das energias vitais?

Quando possuímos um avanço de civilização espiritual, não só paralelo, mas superior ao progresso da civilização material, então os homens poderão gozar de todos os bens humanos, conservando o perfeito equilíbrio entre as forças materiais e as energias espirituais, entre a vida física e a vida moral.

Para haver verdadeira felicidade sobre a terra é necessário que, ao progresso da civilização material corresponda o progresso moral entre todos os povos. O mundo da ciência deve subordinar-se ao mundo da consciência recta para que todos os homens vivam de sentimentos puros, sem inveja e sem ódio, na verdadeira harmonia entre o pensamento e a acção, entre o sentimento e a palavra, entre a verdade e o bem.

A primeira necessidade do homem é a posse da verdade teórica e prática. Sem a verdade teórica não subsistirá a verdade prática, porque esta depende daquela, e inversamente. O teórico e o prático são dois aspectos complementares da mesma verdade.

A Humanidade progride sob o aspecto da civilização material mas retrocede sob o ponto de vista da civilização espiritual.

Em conclusão: Cada homem deve examinar-se, conhecer-se para corrigir os seus erros, a fim de se tornar um ser inteligente e bom.

A. R. GOMES

ESTE NÚMERO DE «O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

De como foi o Natal «Chez nous»

Bem sobeja razão temos para ser gratos aos nossos Superiores pela forma carinhosa com que nos preparam o nosso Natal. A grande maioria foi beber o carinho e a ternura incomparável no seio da Família. Mas nós, os que não temos pai nem mãe, nós tivemos aqui o nosso Natal feliz, tanto quanto se pode.

Primeiro, destaca-se o Natal do 401, que teve a honrosíssima e tocante visita de S. Ex.ª o Ministro das Colónias, que veio no dia 24, expressamente ao I. P. P. E., para representar seu pai e todos os seus, ausentes ou antes, distantes, lá longe, muito longe, Deus sabe onde.

Além das palavras amigas, cheias de bondade e de saudade, Sua Excelência cumulou-o de prendas, nas quais, ao útil se juntou o agradável, pelas deliciosas guloseimas, de que nós tanto gostamos, particularmente nestes dias de férias festivas.

O Benjamin Corte Real também recebeu o seu bom quinhão de carinho e prendas, lá no de Belém, onde tem estado a reforçar o seu

organismo, já robusto para as lides escolares.

Bem hajam por tudo, os nossos Superiores, que sé dignaram assim verter muito bálsamo nos corações tenros dos que já não têm as carícias do pai ou os beijos da mãe. Sentimos assim melhor o inesquecível dia da Faternidade Universal.

Mas saibam que também fizemos um lindo e artístico Presépio. Era ver o 89, mãos à obra, na engenharia e na arquitectura, a rebuscar musgos e pedras, por aqui e por ali. Sabem que ele até buscou papéis prateados, dos maços de cigarros, ali, no cesto dos papéis velhos, para fazer uma linda e brilhante estrela, nância dos três Reis Magos? Pois revelou-se um homenzinho de economia, porque, do velho soube fazer novo. Depois, como ele sabia apreciar o efeito, colocando-se nas várias posições em que a perspectiva era mais acusada, para admirar o lindo efeito da sua obra. Estas crianças são génios em botão, ou flores de esperança. Mas ai!, se o frio regela a seiva da planta tenra destes corações juvenis.

UM PEDIDO

Aos nossos dedicados Assinantes pedimos o obséquo de, logo que possam, nos enviarem a importância das suas assinaturas, para podermos normalizar a situação financeira de «O Jornal dos Pupilos do Exército».

Desde já, a todos os nossos agradecimentos.

PÁGINA Literária

Decepção

Sempre o disse
 Que mais dia menos dia
 Este amor teria fim,
 E que tu,
 Sem um adeus
 E sem nada me dizes
 Te afastarias de mim,
 Desta minha vida de sonho,
 De ilusões
 E de mentiras,
 Que levava todos os dias
 Pelos bordéis a cantar.

E hoje
 Que me deixaste,
 Não encontro satisfação
 Nas minhas noites perdidas
 Pelos bordéis a cantar,
 Vendo a lua que é de prata
 Vendo a minha alma a chorar.

DARIO BASTOS MARTINS

Em Novembro de 1950.

Passatempos para pessoas cultas

Sabe quais são os seguintes

U R a l
 D I - f a -
 e l o
 S o m a

B o d a n o
 D a n u b i o

E l e a
 D u d o
 H a r p a
 B o d e
 P e
 I a m i s e
 ?

Substitua os traços pelas letras convenientes e encontrará.

HENRIQUE MEDINA CARREIRA
aluno n.º 391

Solução de passatempo anterior

Batalhas em que os Portugueses tomaram parte:

Val Verde
 Austerlitz
 Vimieiro
 Marne

Mata Pan
 Bussac
 Montes Claros
 Montijo

Aljubarrota
 Guararapes
 Salado
 Waterloo

JOÃO H. DE OLIVEIRA PONTARES

Pais, acautelai-vos e vigiai, para que os amigos da família se não tornem um obstáculo à educação de vossos filhos.

São sempre perigosos, segundo o seu carácter e os seus métodos:

- 1.º O amigo frívolo, que censura os pais e os superiores e os contradiz;
- 2.º O amigo lisonjeiro, que estraga as crianças, sem que o pai e a mãe o suspeitem;
- 3.º O amigo ocioso, que rouba o tempo;
- 4.º O amigo estroina e corrupto, que escandaliza;
- 5.º O amigo sem escrúpulos, que abusa da confiança.

RENÉ BETHLÉEM

Esta página de ensaios literários é como o jardim onde as plantas nascem, crescem e se aperfeiçoam.

Por isso pedimos aos críticos exigentes um pouco de indulgência, que um dia ficarão plenamente satisfeitos.

SONETO

MENTINDO

Se vires à tua volta a Dor espalhada
 Não deixes que ela ocupe os corações
 Mesmo que sintas iguais sensações
 É teu dever ter a alma mascarada.

Mostra a todos que a Dor é suportada,
 Embora a sintas dentro em turbilhões.
 Tens que ser mestre em modificações
 Transformando uma Dor em gargalhada.

Tu sofres mais, eu sei, mas outra gente
 Vive na terra menos descontente,
 Repara bem como o teu gesto é lindo!

Todos na vida saberão um dia
 Que este mundo é uma eterna fantasia
 Que todos vivemos só mentindo.

David Nogueira Sequerra
aluno n.º 333

FOLHAS MORTAS

Não nasci para amar,
 Nasci somente p'ra pisar a lama
 Que os outros vão fazendo no caminho;
 Que importa? Eu rio, que já nem sei chorar
 Como d'antes a falta dum carinho!

Como d'antes... ah, d'antes quando eu era pequenino
 Minha mãe ensinava-me a rezar,
 Agora até as orações esqueci,
 E as rezas de menino
 Lá na infância eu as deixei ficar!

Lá na infância os espíritos amenos
 Habitavam minh'alma sem temor;
 Hoje (que passageiros os bens terrenos!)
 Vítimas da ilusão do seu amor!

Mas porque assim serei...
 Se há qualquer coisa que o meu peito guarda:
 (De que vale dizer que não amei?)
 É esse teu amor que já me tarda.
 Por que aprendi a amar e à fé tornei!...

Bernardino Torres

O DESPORTO COMO FACTOR DA VALORIZAÇÃO DO JOVEM

O desporto representa uma tarde de sol na vida do rapaz que se diverte com vontade, com entusiasmo. Para isso, há jogos próprios de cada idade, e de cada época, há jogos variadíssimos.

O desporto, por ser um exercício físico, robustece o organismo do desportista e auxilia na vida intelectual da mocidade.

O dia desportivo, para nós, é a quarta-feira, dia por todos esperado ansiosamente, dia que todos querem, pois o desporto dispõe-nos bem.

Temos de tudo, entre nós, mas o desporto, qualquer que seja, deve ser pra-

ticado com amor, para nós e para o nosso querido Instituto, porque só esse amor nos pode levar a ganhar as provas em que tomamos parte.

Para se ser bom desportista é preciso saber ganhar e saber perder. É certo que o ganhar traz-nos mais alegria, mas é nobre saber perder com o peito tranquilo e o olhar sereno, isto é, dentro do espírito forte.

A fortaleza de espírito não pensemos que já a temos, ela deve nascer em nós com o próprio desporto.

Há um ditado antigo que Hipócrates

As minhas impressões ao ler as obras de Afonso Lopes Vieira

Os livros de Afonso Lopes Vieira, não se leem — ouvem-se. As suas palavras são vozes e ritmo, que nos fazem a voz delgada e sôzinha dum fio de água correndo e cantando, oculto e esquivo por entre pedras e musgos, como que desejando dar somente a frescura da sua linfa e a melodia da sua cantiga àqueles, que melhor saibam saboreá-la e entendê-la...

Afonso Lopes Vieira, sabe ouvir e entender num buzio marinho, a linguagem marulhenta e salgada do mar. Também nós como num buzio encantado, ouvimos nos seus ritmos não só a voz do mar, mas também a voz colorida da paisagem e a voz apaixonada do povo. E o povo, a paisagem e o mar, no mesmo ritmo de mistério, confundindo as suas vozes numa só, entram nas palavras do poeta, e nelas se debruçam, cantando a sua dor e chorando o seu amor, porque, ai de nós Portugueses, por nossa glória e martírio, sabemos gozar a dor do amor e gostamos de sofrer o amor da dor. E por isso, porque se ouve, ouvindo-nos a nós próprios, é que ele é o maior e mais completo dos nossos líricos. Dentro de uma língua está um povo. E nenhum poeta melhor do que Afonso Lopes Vieira, tem o sentido da língua portuguesa — esta língua maravilhosa e heróica em que nós temos amado e sofrido, e que nos torna imortais — porque a maior glória não é vencer uma guerra, mas viver e criar uma língua. Por nós o poeta escreve e sofre, como se dentro da sua alma, as nossas almas se juntassem todas, numa estranha assembleia. Quem compõe os seus versos? É o poeta quem confessa:

«Não tenho culpa, meu Deus, de fazer versos assim: pensando bem, não são meus, são de alguém que canta em mim.»

Sente-se sempre nos versos de Afonso Lopes Vieira, a colaboração do povo, que dita, e só ele, as suas rimas. E o poeta, intérprete do povo, só escreve quando os versos querem. É esse o seu lirismo tão sentido e apaixonado que faz dele um grande, um nobre português. Em todos os seus livros, em todas as suas páginas, o seu amor lei e português, palpita generosamente, e a imagem da Pátria ergue-se, linda e soberana enchendo-nos o coração de ternura e esperança.

«Oh Portugal, florida e alpendurada sobre o mar, coisa saudosa... Esta é a Pátria ditosa minha amada, minha amada!

Carlos Alberto de Azevedo Araújo
aluno n.º 257

pronunciava com frequência: «Robustez, saúde, eis a base da vida».

Pelo desporto isto se consegue. Rapazes, tenhamos fé e vontade firme, e as vitórias serão nossas.

Alexandre Coelho Marques
aluno n.º 175

Academia Dr. João das Regras

(Conclusão da 1.ª pág.)

Os Estatutos, já sancionados por duas aprovações de Direcções sucessivas, abrem por estes três primeiros artigos, que transcrevemos para completa elucidação dos nossos leitores:

I — A Academia Dr. João das Regras é uma Sociedade Cultural, Educativa e Recreativa, fundada em 18 de Dezembro de 1949, entre os Alunos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército de Terra e Mar, em Lisboa, sob o patrocínio da Ex.ª Direcção do mesmo Instituto.

II — Esta Academia tem por fim promover, entre os seus membros, e no mais elevado grau possível, a cultura geral, nas letras, nas artes, e em especial na arte de bem dizer em público, e de bem conviver em sociedade, procurando fazer com que todos tenham a par de vasta cultura literária, aquele apuro e elegância de maneiras, que revelam uma pessoa culta, educada, um verdadeiro homem de carácter.

III — A Academia Dr. João das Regras orienta-se rigorosamente pelos princípios da Moral tradicional no País, mantem-se dentro dos fins e da disciplina do I. P. P. E., e abstem-se rigorosamente de se imiscuir em questões ou assuntos de natureza política, nem aceitará ideologias contrárias aos princípios da Actual Constituição da República Portuguesa do Estado Novo.

Trata-se, pois, duma instituição complementar da finalidade principal do Instituto, que é a de preparar os seus alunos com as habilitações dos Cursos técnicos, orientados no sentido das necessidades dos Exércitos de Portugal.

Durante o ano anterior, a partir da sua fundação e inauguração em 18 de Dezembro de 1949, fizeram-se mais quatro academias, com programas vastos e variados. Apresentaram-se, em público, vários alunos, uns com produções literárias da sua autoria, outros em recitativos dos nossos melhores clássicos. Exibiram-se, pelo menos, quatro peças de teatro: Brincadeira da Lotaria do Natal, adaptada do francês; Quadro vivo: O Pescador e a sua família na tempestade; O «Auto da Barca» de Gil Vicente. e uma comédia original: O Barbeiro em apuros. Tivemos o prazer de ouvir duas vezes a palavra fluente e bem burilada do Ex.º Sr. Tenente Coronel Cruz Ribeiro sobre o teatro de Gil Vicente e de Shakespeare, e uma brilhante lição sobre a filosofia da nossa História pelo Ex.º Major Subdirector Eloy Valverde. Ouviram-se vários números de música em português, francês e provençal, pela Escola do I. P. E., tornando-se particularmente notável o grupo dos «Bravos»; espontaneamente criado e ensaiado pelos óptimos rapazes do Curso de Contabilistas, e que nos deliciou com os mais selectos cantares do nosso folclore, desde o Minho ao Algarve.

Como se vê por este resumo, as actividades de Academia Dr. João das Regras, no seu primeiro ano de existência, foram algo de digno, útil e agradável.

Deparámos com resistências, é certo, mas, felizmente foram sempre vencidas, excepto uma que venceu, e pôs ponto final antes do tempo. Com isso, pouco ou nada se perdeu, a não ser a esplêndida lição, que nos daria o Ex.º Sr. Ca-

pitão Cabral de Melo sobre a Questão Social, e que, devido à dita resistência, não se pode realizar.

As novas perspectivas da nossa «Academia Dr. João das Regras» aparecem-nos sob a luz clara da especial protecção do nosso Ex.º Director Sr. Tenente Coronel Jorge César Oom, que logo deu o seu apoio, não só em palavras mas em obras. Já podemos contar com três horas por mês para a realização das nossas sessões académicas, sem contrariar os compromissos dos rapazes para os domingos.

Sob o signo deste precioso apoio, fizeram-se já eleições para constituir a nova Direcção da Academia, e note-se que essas eleições, completamente livres e em perfeita regra, efectuaram-se precisamente no dia do aniversário da fundação da Academia, isto é, no dia 18 de Dezembro último. Parece bom sinal. Todavia, apareceram certos óbices protocolares que não puderam ser removidos antes da partida para férias, e por isso não temos dados concretos sobre o programa da Academia para o corrente ano, a não ser a organização dos jogos florais. Depois diremos, se houver algo, que dizer se possa.

RECEBEMOS — REGISTAMOS — AGRADECEMOS

Tiveram a gentileza de nos enviar a importância das suas assinaturas anuais que muito agradecemos.

De Padrinho: O Ex.º Sr. António Joaquim Rodrigues, de Amoreira da Gândara.

De «Amigo do Jornal dos Pupilos do Exército»:

Companhia de Adidos do G. Militar de Lisboa.

D. Maria do Carmo Teles.

De Benfeitor:

António Eduardo Gomes da Silva

De Auxiliar:

José Francisco Jesuino

Comandante do Reg. Inf. 14, de

Viseu

De simples assinantes:

Aníbal Ramos Loureiro

Antero de Ramos Loureiro

Armando Mourão

Francisco Lourenço

Dr. Mário Loureiro

Mário Marques Teixeira

Rogério Pires Gomes Freire

Carlos Araújo

Félix A. Pires.

NOTA: Só publicaremos os nomes dos nossos Ex.ºs Assinantes que pagarem as suas assinaturas por um ano.

QUER FAZER

uma boa acção?

Assine «O Jornal dos Pupilos do Exército», inscrevendo-se em qualquer das seguintes categorias:

De simples assinante 20\$00 anuais

De auxiliar 25\$00 »

De benfeitor 30\$00 »

De amigo 50\$00 »

De Padrinho 100\$00 »

et ultra. E queira enviar-nos a respectiva importância para: «O Jornal dos Pupilos do Exército», Travessa de S. Domingos de Benfica, Lisboa, Portugal.

OS NOSSOS VOTOS

A todos os nossos parentes, amigos e benfeitores, assinantes e colaboradores e simpatizantes, oferecemos os mais afectuosos votos de mil felicidades durante este Novo Ano de 1951.

O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

VIDA DESPORTIVA NO I. P. E.

“Regras, Técnica e Táctica de Hand-Ball”

1.ª Parte

História do hand-ball de 11 no Instituto

Ano lectivo de 1948-49

Conforme o meu plano de trabalhos, expresso no n.º 1 do nosso jornal, começo hoje a contar a história do hand-ball de 11 no Instituto.

O hand-ball, embora se tivessem feito tentativas nesse sentido em anos anteriores, só se tornou desporto oficial no Instituto no ano lectivo de 1948-49.

A nossa posição no campeonato da Estremadura desse ano na categoria de Iniciados, foi muito honrosa. De facto, o segundo lugar alcançado por nós nesse campeonato não estava dentro dos prognósticos mais optimistas.

Relatarei seguidamente, e em resumo, os desafios disputados por nós no primeiro ano da existência do hand-ball no Instituto.



Foi esta a primeira equipa de hand-ball de onze do Instituto. Da esquerda para a direita: 1.º plano: Rodrigues, Cardoso, E. Pereira, Mendes Peste e Cruz (cap.). 2.º plano: Fernandes, Belo, Loureiro, Nogueira, Lima, Vital e Durão, treinador

1.º jogo — Dia 13-3-1949

Pupilos, 2 — Col. «O Académico», 0

Para este jogo, que constituia a nossa estreia, alinhámos do seguinte modo:

Loureiro; Belo, Lima e Fernandes; Vital e Nogueira; Cardoso, E. Pereira, Mendes, Peste e Cruz (capitão).

Suplente: — Rodrigues.

Logo no primeiro avanço da nossa equipa E. Pereira atirou a contar com um remate forte e bem dirigido. Com este golo começou um período de intenso domínio da nossa parte. No entanto, o resultado manteve-se até perto do fim do jogo, quando Peste com um remate em recarga a uma bola que havia chocado com a trave, marcou o segundo e último golo da partida.

2.º jogo — Dia 20-3-1949

Vitória nossa por falta de comparecimento do Centro Extra-Escolar de Belém. A constituição da nossa equipa foi a mesma do jogo anterior à excepção de Cardoso que cedeu o seu lugar a Mourão.

3.º jogo — Dia 26-3-1949

Nova vitória por falta de comparecimento do adversário, desta vez a Escola Afonso Domingues. Alinhámos da mesma maneira.

4.º jogo — Dia 2-4-1949

Pupilos, 5 — Escola Portugália, 1

Alinhámos: Loureiro; Belo, Lima e Fernandes; Vital e Nogueira; Mourão, E. Pereira, Mendes, Peste e Cruz (cap.).

Suplentes: Cardoso e Rodrigues.

A Escola Portugália marcou primeiro num livre perto da área. A minha estirada, que foi tardia por não ver o remate, nada mais fez que desviar um pouco a trajectória da bola, sem no entanto evitar o ponto. A nossa reacção não se fez esperar e Mendes igualou, para pouco depois elevar a conta para 2-1. Perto do fim da primeira parte E. Pereira marcou a terceira bola, fixando o resultado da primeira parte em 3-1. Na segunda parte continuámos a dominar, e Mendes e Mourão marcaram mais duas bolas pondo o resultado em 5-1 com que terminou o encontro.

Com esta vitória vencemos a série, conquistando o direito de disputar a final contra o Liceu D. João de Castro, campeão no ano anterior.

Final — Dia 24-4-1949

A vitória dos nossos adversários foi justa, pois de facto jogaram mais ao ataque que nós e a rematar mostraram-se mais perigosos. Se os nossos avançados, no entanto, rematassem com mais profundidade, a nossa derrota seria menos expressiva. Na 1.ª parte o marcador acusava 1-0 a favor do D. João de Castro. No 2.º tempo o jogo continuou a ser disputado de igual para igual, mas os nossos adversários mais felizes no remate, marcaram duas bolas, terminando o desafio com o resultado final de 3-0 a favor do Liceu D. João de Castro.

Fernando Loureiro
aluno n.º 390

No próximo número: O hand-ball de 11 no ano lectivo de 1949-50.

«HAND-BALL DE SETE»

Com vistas à preparação da equipa de «Vanguardistas» representativa do Instituto no campeonato da M. P., realizou a mesma um desafio-treino, no nosso campo de jogos, com outra equipa que possivelmente entrará no campeonato.

Eis o relato resumido do treino efectuado.

Pupilos, 12 — Esc. Portugália, 2

Os nossos alinharam com: Nunes; Sousa e Fernandes; Nor-tadas; Brites, Pereira e Alves.

Supl. Faca, Romão, Ramalho e Silva.

Ábitro: Fernando Loureiro.

A partida foi agradável de seguir, tendo a nossa equipa demonstrado mais preparação que a adversária, ajustando-se o resultado ao desenrolar do jogo. Marcaram pelos vencedores: Pereira (6), Brites (3), Alves (2) e Fernandes (1).

Arbitragem sem erros que influíssem no resultado final.

Vital dos Reis
aluno n.º 164

O jornal aos

DEUS, PÁTRIA
E FAMÍLIA

...A hora é de luta em guerra santa para que reine a verdadeira paz entre todas as nações, em cumprimento da palavra divina — guerra às ideias, e paz, na Terra, aos homens de boa vontade.

Eng. CABRAL DE MELO — Em «A VOZ»

Suplimentos ao Exército

Redactor: HENRIQUE M. CARREIRA

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

Editor: OS FINALISTAS

Pub. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Preço: 100 Escudos do I. P. E. / Conta e Imp. na Editorial Império, Lda. / R. do Salitre, 15/5

DIFICULDADES DE UM ENGENHEIRO EM ÁFRICA

FACTOS DA VIDA REAL

Já por várias vezes tenho dito aos meus alunos que os cursos técnicos apenas exercitam a inteligência e fornecem as bases para a solução dos problemas, que a vida prática nos apresenta, sendo, quase sempre, necessário aprofundar os conhecimentos, na especialidade em que se trabalha, lendo muitos e bons livros da técnica respectiva. Tenho também acentuado que a ponderação é absolutamente indispensável ao técnico para resolver, com eficiência e economia, os problemas que surgem.

Guardo as melhores recordações dos anos em que trabalhei na Província de Moçambique, como engenheiro civil, reconstruindo as estradas principais que convergem em Lourenço Marques, sobretudo pela liberdade de acção que me foi outorgada, cumulativamente com a correlativa responsabilidade técnica e administrativa.

Por vezes, recordo-me das dificuldades que tive de vencer, em certas ocasiões, e hoje venho aqui descrever-lhes uma delas para que vejam que nem tudo vem nos livros usados durante os cursos, e por vezes, é necessário fazer apelo à cultura e bom senso técnico que só uma larga leitura dos livros da especialidade pode facultar.

Uma das missões, que me coube, foi a de construir pavimentos sobre os piores terrenos da Província, isto é, sobre areia solta e fina, mais parecendo pó do que areia, e sobre lama negra, isto é, terreno humoso que pela acção da humidade se transformava em lama viscosa.

Uma das estradas passava no vale do rio Umbeluzi, onde a acção dos séculos acumulara uma espessa camada de um metro a metro e meio do tal húmus negro.

Era impossível fundar um pavimento em cima deste terreno. Houve que abrir valas a uma certa distância da plataforma, atravessar a camada de húmus e ir escavar o terreno subjacente, constituído por areia ainda com uma certa quantidade do mesmo húmus. Com esta areia, ligeiramente argilosa, se constituiu o aterro da estrada, tendo cerca de um quilómetro de extensão, a largura na face superior de cerca de sete metros e uma altura de um metro a um metro e meio.

O aterro foi devidamente executado por camadas e compactado com cilindro, levando sobre si, uma camada de enrocamento, constituída por pedra grossa arrumada à mão, com os vazios preenchidos

por brita grossa e saibro, a qual foi em seguida regada e cilindrada.

Após a execução desta camada, a estrada deu, durante uns dias, bom trânsito ao tráfego intenso e pesado. Circulavam sobre ela, camiões «Thornicroft» com doze toneladas, além de um elevado número de camionetas e carros ligeiros. Tratava-se de uma estrada de grande volume de circulação.

Tudo corria o melhor possível. Surgiu, porém, o imprevisto! Desabou sobre a estrada, uma chuva torrencial e prolongada, característica daquele clima africano dominado pela intensidade excessiva de todos os factores climatéricos — uma chuvada daquelas que tudo alaga e chega a obrigar o pluviómetro a marcar 200 mm.

O aterro, embora pouco argiloso, empapou-se com aquela água em catadupa. O pavimento, sob a acção do trânsito pesado, parecia constituído por cauchú, afundando-se aqui e acolá, o que o tornava quase intransitável, apesar das reparações que o pessoal efectuava constantemente.

Era necessário dar uma solução, tecnicamente eficiente e económica, à deficiência notada e no mínimo prazo de tempo, tanto mais que estávamos na época das chuvas e era de prever o agravamento da intransitabilidade do aterro, o que daria lugar a fortes reclamações do público.

Substituir o aterro por outro, não seria económico, dado que o seu volume era muito elevado e que a terra de melhor qualidade se encontrava a alguns quilómetros de distância.

Construir em cima da primeira, uma segunda camada de enrocamento, para reforçar o efeito de ponte produzido pelo pavimento consolidado, também seria muito dispendioso, porque, na região não havia pedra, a qual vinha de dezenas de quilómetros de distância e custava, posta no local, algumas dezenas de escudos, cada metro cúbico.

Que solução adoptar?

Deixamos a resposta em suspenso e analisaremos as soluções concretas que os alunos que frequentam a cadeira de Estradas nos queiram apresentar.

Queremos assim dar-lhes a possibilidade de se encontrarem desde já em face de um problema da vida prática.

I. P. E., 23-1-51.

J. Mexia
Major de Engenharia

O sentido da trilogia:

Deus-Pátria-Família

Não há nenhum homem, por mais ateu que se diga, que não erga o pensamento para a ideia de Deus quando se vir perdido.

Não há nenhum homem, por mais céptico ou mais fechado às ideias de Pátria, que não vibre de profunda emoção quando, longe dela, vir passar a sua bandeira.

Não há nenhum homem, por mais egoísta ou mais escondido em si mesmo, que não sinta chegarem-lhe as lágrimas quando o barco em que parte para longe se for afastando, e os lenços brancos deixarem, no cais, de acenar para ele.

Tudo quanto queira fazer ver que assim não é se evidencia tão falso como o beijo de Judas. Todos os ideais que não tragam em si, fundamentalmente, estes ideais, tendem a destruir a própria essência humana cuja condição é tão firme que nada poderá abalá-la.

Todos os sentidos mais puros vivem no homem, e, se ele os contradiz, é por pura fanfarronice ou hipocrisia. Todos sentem que têm dentro de si alguma coisa mais que um coração que bate e é a fonte da vida. Sentem que tudo aquilo que em si passa a barreira dos instintos é qualquer coisa de mais puro, de mais alto, de mais inviolável, de mais nobre.

E sabem também que não é em vão que possuem esses dotes. Tudo gravita em volta de um Ideal que é a razão da existência; e não é por puro instinto que o homem

chora ou ri, faz o mal ou faz o bem, ama ou odeia. O sentimento, ninguém, por mais materialista que seja, é capaz de ocultar.

Geralmente as ideias más nascem de uma revolta qualquer; o que não quer dizer que o revoltado, se o não fosse, não tivesse ideias boas. A incompreensão de certos homens não é mais que desmedido orgulho a cegá-los, não os deixando ver aquilo que sentem.

Mas é certo também que os excessos perdem o homem, talvez devido a uma sociedade mal constituída onde vagueia a maldade, a inveja, a ambição; a regra é pois uma moderação nos sentimentos, a não ser que se queira fazer um extremo sacrifício em prol de uma obsecante ideia, o que eu acho um erro, por ir também contra a própria natureza.

Todos temos sede de justiça, porém não sabemos ser justiceiros; daí a perdição no labirinto do pensamento humano.

Esta pequena crónica (Deus me livre!) não pretende ensinar. Apenas desejo mostrar aos mais novos, aos iniciados, a imagem de uma pobre filosofia adquirida através de uma existência curta mas tão cheia de frutos e exemplos, que não pôde ser vivida em vão.

Bernardino Oliveira Torres

História da fundição

A fusão dos metais data de muitos séculos atrás. As análises que se efectuaram, fizeram-nos chegar à conclusão concreta de que o homem pré-histórico conhecia alguns métodos de fundição e manipulação de metais; eles mesmo construíam suas armas e utensílios de guerra e domésticos, geralmente de um metal amarelo, que nós conhecemos com o nome de bronze. A extracção do ferro directamente do mineral, é tão antiga como a obtenção do bronze.

Apesar de tudo isto, só em meados do século XIV, apareceu pela primeira vez, a fundição de ferro. Datam desta época os únicos fornos e forjas que se conheciam: eram accionados à mão, porém a

aparição de motores hidráulicos permitiu construir fornos de maior capacidade e pelas mesmas causas obtive-se uma descarbonização mais rápida do material.

A partir de então pôde-se estudar mais rapidamente esta nova indústria e puderam fazer-se pelo método directo e do alto forno, inumeráveis quantidades de peças, que se modelavam no bronze e no ferro.

No século XIII, os processos fundamentais se experimentaram na prática de metalurgia: — por uma, o carvão de lenha foi trocado pela hulha, que cedeu o lugar ao coque, como combustível para os

(Conclue na 2.ª pág.)

HISTÓRIA DA FUNDIÇÃO

(Conclusão da 1.ª pág.)

altos fornos; esta oportuna inovação permitiu assegurar aprovisionamento definitivo e calorias indispensáveis na indústria do ferro, salvando a tempo a eminente destruição e perda completa de bosques e montes.

Por outra parte a invenção da máquina a vapor, deu um novo impulso ao desenvolvimento da fundição. A organização de indústrias siderúrgicas devido à muita necessidade de conseguir próximo, cursos de água, serviu de perto os pontos abastecedores de mineral e combustível. Estes progressos acentuaram-se muito mais quando da invenção do comboio, no ano de 1825. A partir desta época, pode dizer-se data a era da metalurgia moderna, posto que o seu desenvolvimento se deu rapidamente. A aparição de processos modernos de obtenção do aço, abriu um período de produção intensiva, que caracteriza a hora actual nas indústrias derivadas da transformação da fundição do alto forno.

Ao mesmo tempo que aparecia a máquina a vapor começou-se a empregar os fornos especiais para aperfeiçoamento da fundição, pode-se dizer, que desde então data a aparição das forjas de cadinhos, que permitem refundir uma apreciável quantidade de artigos.

No ano de 1790, Wilkson deu o seu nome a um forno de cúpula dotado de grandes dimensões: este foi o primeiro forno de cúpula apto para uso industrial.

Progresso da fundição

É indiscutível, que a indústria siderúrgica avançou a passos largos e em forma constante depois do ano de 1860. Isto deveu-se em grande parte, à grande aplicação tanto artística como industrial, que teve esta nova fase da siderurgia.

No que se refere a processos de obtenção também se avançou muitíssimo. Antigamente um mestre de fundição não trabalhava cientificamente, chamemos-lhe assim, e então todo aquele que sabia, guardava zelosamente por temer ser suplantado. Por sorte na actualidade todo esse monopólio de trabalho desapareceu e deu lugar a procedimentos tecnicamente controlados, e que permitiu um desenvolvimento muito mais rápido da indústria.

Toda a fundição moderna tem um laboratório no qual se anali-

sam desde as areias para moldar, até às mais pequenas partículas de material a empregar.

A aparição dos trabalhos executados em série, forneceu a aplicação e desenvolvimento do molde e desenvolvimento do molde mecânico.

A contínua concorrência para a baixa de preços, moveu os industriais a uma constante modernização dos utensílios e ferramentas de ajuda ao operário.

Actualmente existem empresas fundidoras, nas quais os trabalhos manuais, se vêem supridos por uma intrincada rede de maquinarias que executam o trabalho com mais perfeição e rapidez.

Em resumo, podemos dizer que o progresso da fundição é uma das teclas mais importantes dentro do concerto da indústria mecânica moderna, de cada país.

Carlos Alberto de Azevedo Araújo
Aluno n.º 257

Passatempos e palavras cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	R	A		A	V	E		P	A	L	
2	Y	R	A		L	E	R		A	G	E
3	M	I	U	R	A		V	I	S	A	O
4	A	C	R	O	S		A	L	A	P	A
5											
6	S		O	D	E		A	T	A		A
7	A		E	S			V	I		A	
8											
9	C	R	E	V	E		V	O	C	A	L
10	M	A	V		E		A		N	O	M
11	A	O	S		S	I	R		A	R	A

Horizontais — 1) Chefe etíope; vertebrado volátil com bico córneo e penas; óxido de cálcio. 2) Cólera; observar; actua. 3) Raça de touro que matou Manolete; faculdade de ver. 4) Acres; oculta. 5) Língua que antigamente se falava ao Norte da França; nid. das medidas agrárias. 6) Composição poética; planta frutífera do Brasil. 7) Grito de dor; estás; visitei; antes de Cristo. 8) Contra-torp. da Marinha portug.; planta lambiada; 9) Marinheiro que toma conta dos navios de sal (inv.); relativo à voz. 10) Nocivo; meu (francês) (inv.). 11) Prep. e art. (pl.); senhor (ingl.); constelação austral.

Verticais — 1) Fenda; peixe esparoiide. 2) Ariano; oco. 3) Ordem de repteis (sing.); ser supremo criador do Universo. 4) Dividir água pelos campos. 5) Filéiras; família de peixes que tem por tipo o lúcio. 6) Nome duma letra. 7) Relva; apressar. 8) Conclusivo. 9) Ligar; antiga medida agrária dos romanos. 10) Refeição que os primitivos cristãos faziam em comum; corte com os dentes (inv.). 11) Mulher de instintos felinos; sossega.

VITAL DOS REIS
aluno n.º 164

Solução do passatempo anterior:

Rios da Europa:

uRal
dnlepre
tejo
Soma
roDano
dAnúbio
Ebro
doUro
gaRona
loire
Pó
tAmisa

HENRIQUE M. CARREIRA
Aluno n.º 391

RECEBEMOS REGISTAMOS AGRADECEMOS

Tiveram a gentileza de nos enviar a importância das suas assinaturas, que muito agradecemos, os Ex.ªs Senhores:

DE AMIGO:

Tenente-coronel José R. Pereira do Nascimento.

DE BENFEITOR:

Capitão Carlos Amorim Castanheira.

DE AUXILIAR:

Capitão Francisco Carlos Martins.
D. Maria José Carloto.

DE SIMPLES ASSINANTES:

Capitão Raul de Brito Subtil.
Dr. Filipe T. L. Pinto Furtado.
David de Almeida Pinto.
D. Júlia de Castro.
Padre Luís G. Leite Barreiros.
Martinho Sobrinho.
Joaquim Faria Ribeiro.
Rui Carlos Abreu Ribeiro.
Franklin Luís Viana.
António Fernando de S. Nunes.
Luís Chaves C. de Lemos.
Joaquim V. Ribeiro de Carvalho.
José Aires Júnior.
Carlos Manuel Nunes.
Joaquim Adelino Salgueiro.
João da S. A. Nogueira.
Airoldo Casal Simões.
Alfredo Maria Barros.
Rui E. M. Trincheiras.
Henrique B. Martins.
José F. P. Dourado.
José Maria Dias.
Daciano A. M. de Amaral Brito.
José M. G. Fernandes.
António dos S. Policarpo.
Orlando Santos.
José G. da S. Tavares Dias.
Orlando A. Caeiro Junça.
José Matos da Silva.
José Rodrigues Iça.
Artur Barroca da Cunha.
António de Oliveira Pena.
Armando Albino de Oliveira.
Francisco José C. Almeida.
António Alberto B. Ferreira.
Carlos Tomás C. Leitão.
José Gonçalves Bandeira.
Euclides Reis.
Américo Pinto Fernandes.
José L. Ferreira da Cruz.
Eurico R. Capela.
António Silva Cabral.
João José M. F. Agualusa.
Luís Xavier de Bastos.

Manuel A. P. Sacramento.
José C. da Silva Pereira.
Rui N. Moreira dos Santos.
Joaquim Rosado de S. Vilarinho.
António Mira Ganhão.
Lucínio Carlos Fernandes.
António Franco.
José Eugénio Santos.
Fernando A. B. Ribeiro.
Florentino Armando Antunes.
José Joaquim de Magalhães.
António V. C. Moreco.
Carlos Dias da Silva.
Francisco Vargas Correia.
Alexandre J. R. de Sousa Franco.

«Um dia de treinos no I. P. E.»

Reina grande animação no Instituto, porque se aproximam as competições desportivas da M. P. Por isso resolvemos registar para os nossos leitores o que vimos num dia de treinos do I. P. E.

Começámos pelo futebol, por ser desporto-rei. No campo, juntamente com os alunos, encontrava-se o nosso capitão Noronha. Os jogadores executavam alguns exercícios de ginástica, seguindo-se o reino de domínio de bola, factor importantíssimo no bom rendimento de uma equipa.

Ao lado, no campo de volley-ball os infantes desta modalidade desportiva faziam um treino muito animado, corrigindo e repetindo jogadas que não saíam perfeitas. O mesmo sucedia no ginásio com os anguardistas orientados pelo nosso capitão Antas.

No tanque de remos, os nossos futuros remadores pegavam bem na água remando com alegria e vontade. De pé corrigindo posições e marcando a cadência da remada, estava o aluno Oliveira, um carola do remo.

No campo de basket, o sr. Monalvão iniciava os nossos rapazes nos segredos dos lançamentos ao esto.

Finalmente, no campo da para-la, E. Pereira treinava a equipa de hand-ball de sete.

E é assim todas as quartas-feiras. Esperamos com interesse pelo início das competições, depositando toda a confiança nos rapazes que riosos e orgulhosamente envergarão a equipa branca do nosso Instituto, e daqui lhes endereçamos os nossos votos de felicidades.

Fernando Loureiro
aluno n.º 390

Mutualidade dos Pupilos do Exército

(Associação de Socorros Mutuos)

Convocação

Nos termos do art.º 15.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral para as 15 horas do dia 9 de Fevereiro de 1951 com a seguinte ordem do dia:

1.º — Discussão e aprovação do relatório e das contas da Direcção referidas ao ano de 1950.

2.º — Eleição dos Corpos Gerentes. Não havendo número de sócios presentes proceder-se-á a nova reunião no dia 12 de Fevereiro de 1951.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1951.

O Presidente,
Jorge César Oom
ten-cor. Eng.

Recreio e cultura no I. P. E.

As ondas da Rádio já o espalharam aos quatro ventos do Mundo, por intermédio da Emissora Nacional, mas queremos registar o facto no nosso jornal.

No dia 13 do mês passado, realizou-se no nosso Salão de Festas um sarau de arte musical, efectuado pelas duas orquestras ligeiras da Emissora Nacional, sob a direcção do Maestro Tavares Belo.

O vasto salão estava repleto. Todos os alunos assistiram, tomando os lugares do camarim alto, formando um impressionante conjunto. As cadeiras estavam todas ocupadas por numerosa assistência, que tributou os mais calorosos aplausos aos consagrados artistas que trabalham nos serviços da Emissora Nacional.

Foi uma noite recreativa e cultural de alto valor artístico, que em todos deixou a melhor impressão, e que deve ter rasgado novos horizontes culturais na mente dos nossos mais jovens estudantes.

Deve-se este melhoramento à iniciativa da Ex.ª Direcção do I. P. E., que vem realizando um magnífico programa para a educação e cultura dos nossos estudantes.

QUER FAZER

uma boa acção?

Assine «O Jornal dos Pupilos do Exército», inscrevendo-se em qualquer das seguintes categorias:

De simples assinante 20\$00 anuais
De auxiliar 25\$00 »
De benfeitor 30\$00 »
De amigo 50\$00 »
De Padrinho 100\$00 »

et ultra. E queira enviar-nos a respectiva importância para: «O Jornal dos Pupilos do Exército», Travessa de S. Domingos de Benfica, Lisboa, Portugal.

PÁGINA Literária

A resignação do meu amigo:

O DOENTE

Estás doente, mas enfim,
Embora contra vontade;
Se Deus quer que seja assim,
Aceita com felicidade.

Sofre então com alegria,
Porque é Deus que assim o quer;
Aquele Deus que te guia,
Ele é quem assim prefere.

Aquele que é nosso Pai,
Nos ama do coração,
Sofre pois tu sem um ai
E pede-lhe em oração:

Que te ajude a conformar
Com amor e com bondade,
P'ra poderes alcançar.
Toda eterna felicidade.

E assim levarás a cruz
Com paixão e caridade,
Digamos como Jesus
«Faça-se à vossa vontade».

António Pinheiro
Aluno n.º 33

CARTA

Papel branco que aguardas insensível
As minhas frases a buril esculpidas.
Em ti vão mágoas, ilusões perdidas
No tenebroso Reino do Impossível.

Teu caminho é por vezes tão horrível!
Por terras tristes e desconhecidas
Levas beijos, desgostos, levas vidas,
Levas mentiras longe do plausível.

E num pedaço de papel singelo
Ergui altivamente o meu castelo,
Depus modestamente o meu enleio.

Sonhos loucos, febris, em desatino,
Meu amor, minha sina, o meu destino,
Coube tudo num marco de correio!

Abril 1950.

David Nogueira Sequerra
Aluno n.º 333

OLHOS PRETOS

dedicados a J. C. C. A. (Zézinho)

Teus olhos pretos têm tal encanto,
Que ao olhá-los estremei;
Ao vê-los soltava um canto,
E no cantar me perdi!
Olhos negros, gosto tanto.
Olhos assim nunca vi.

Nem uma gota de orvalho
A bailar num jasmim,
Tem mais graça que esses olhos
Lindos, quando voltam a mim!
Olhos que riem, dão vida,
Nunca vi olhos assim.

Carlos Alberto de Azevedo Araujo
Aluno n.º 257

VILA VIÇOSA MEU BERÇO NATAL

Desde há muito que sinto a necessidade de escrever este pequeno artigo acerca da pequena Vila Viçosa. Pequena... pequena no sentido geral da palavra, mas grande no seu passado histórico; e senão, basta olhar para o seu majestoso palácio, onde tantas vezes me senti emocionado, para verificar um pouco, a veracidade das minhas palavras. E a estátua? A não menos majestosa estátua, símbolo de um rei que se soube impor à força das circunstâncias E o castelo? E a «Porta do nó», assim geralmente chamada, por apresentar um nó na parte superior. E o pelourinho? E o povo? Até este é nobre, símbolo dos nobres que ali viveram. Sim, o povo possui em si, um carácter nobre e jovial, reflectido no seu olhar leal e franco. Tudo isto é o bastante para tornar grande a pequena Vila Viçosa. Pensais talvez que digo tudo isto por ser natural dessa encantadora vila. De certo, quem não faria o mesmo? Quem não gostaria de elevar a sua terra, aos píncaros da glória? E não é só o amor à terra que me viu nascer que me levou a escrever estas palavras, mas também a estima que me merecem os seus habitantes, que por si só, sem a menor ajuda, souberam tornar grande, a pequena Vila Viçosa.

António José Barradas Barroso
Aluno n.º 120

A MORTE

Eu te renego, oh! Morte horripilante!
Sumida sejas p'ra voltares jamais...
És o desgosto, a garra traficante
Que em nós germina os mais pungentes ais!

Penso e repenso em ti a cada instante,
E choro ao ver chorar filhos e pais...
E ao ver-te entrar nas casas, arrogante,
Mais me comovo e choro muito mais.

És triste como a noite sem luar
Que se avizinha e vem amedrontar
A gente nos seus lares já recolhida.

Não causes mais tristeza nem horror,
Foge daqui, do Mundo sofredor,
E morta fosses tu p'ra toda a Vida!...

Lx.ª, Janeiro de 1951

David de Almeida Pinto

«HAND-BALL» DE SETE

Realizaram-se, no dia 17 do mês findo, mais dois desafios para treino da equipa de Vanguardistas, desta modalidade, acusando o nosso conjunto falta de treino pela inactividade a que foi forçado, provocada pelas férias do Natal e também pelo tempo que se tem apresentado bastante chuvoso.

Pupilos, 3 — Escola Veiga Beirão, 0

Alinhámos com: Nunes; Sousa e Fernandes; Silva; Brites, Pereira e Alves. Suplentes: Romão, Ramalho, Araujo, Pina e Marcelino. Árbitro: Fernando Loureiro.

Na primeira parte, que terminou com o empate a zero bolas, os 5 minutos iniciais foram caracterizados pela má actuação da nossa equipa, que parecia uma sombra da que jogou contra a Escola Portuguesa, excepção feita ao guarda-redes. Os nossos adversários mostraram-se bem preparados tanto técnica como fisicamente; após este período o jogo equilibrou-se chegando o final do primeiro tempo sem golos.

Começamos a segunda parte a jogar mais, tendo sido introduzidas algumas modificações na equipa e assim obtivemos 3 golos em 5 minutos por Brites (2)

e Pereira (1), após isto o jogo decaiu não havendo nada mais digno de registo. Arbitragem pouco feliz.

Pupilos, 9—Colégio V. Castelões, 0

Apresentamos a seguinte formação: Nunes; Pina e Marcelino; Araujo; Ramalho, Brites e Alves. Suplentes: Sousa, Pereira, Silva, Alves, e Fernandes. Árbitro: Fernando Loureiro.

Como se verifica, a equipa apresentou algumas modificações durante o encontro, para descanso dos elementos que actuaram no jogo antecedente. O adversário era mais fraco que o anterior e por esse motivo o resultado final chegou a esta marca tão elevada. A primeira parte terminou com a vantagem de 3 bolas obtidas por Alves (2) e Brites (1) este de grande penalidade. No segundo tempo foram marcados os restantes, sem esforço de maior, por Brites (3), Alves (2) e Pereira (1) tornando a haver modificações com a entrada de Fernandes, e Silva.

O trabalho do árbitro foi facilitado pela correcção dos jogadores.

Vital dos Reis
Aluno n.º 164

RECORDAR

Porque lembras tempos idos,
Se me fazem recordar,
Dias e dias perdidos
Em que vivi a adorar!

Perdidos não foram bem
Porque em mim, algo ficou:
Que foi o amor por alguém...
Alguém que nunca me amou.

Foram um sonho, afinal,
Esses dias já passados
Que não voltam, por meu mal,
São apenas recordados...

Tu tens no meu coração
O lugar que te ofereci,
Que jamais preencherão,
Porque, meu Deus!... dei-to a ti.

Bem juntinho ao coração
Guardo o amor que te dei,
Porque não foi ilusão,
Eu jamais te esquecerei!

Fui feliz nesse momento,
Ao pensar no teu amor
Mas depois... veio o tormento,
Que me causou esta dor.

Perdi-te sim, para sempre
Embora a dor me persiga
Mas no fundo, estou contente
Porque Deus... deu-me uma amiga.

Na amizade que me deste,
Em troça do meu amor,
Só uma coisa fizeste
Demonstraste o teu valor.

Tu foste boa p'ra mim
Pois soubeste perdoar
Ao homem que mesmo assim,
Não deixará de te amar.

Não liguês a estas quadras
Que embora feitas p'ra ti
São como águas passadas
São dias que revivi!...

Fevereiro de 1951.

Brandão de Brito

CANTARES DE AMIGO

ABRANTES

Ó terra de Abrantes
Ó terra de raparigas
Ó terra de trigo doirado
Ó terra de lindas espigas

No alto do monte estás
Descoberta ao Sol espelheiro
Terra de gente audaz
Povo de grande talento

Conquistada aos moiros fostes
Pelo nosso primeiro Rei
Abrantes, e Afonso Henriques
A um laço eu ateí.

Abrantes, que lindo nome
O povo também o diz
Pois foi de lá que partiram
D. Nuno e Mestre de Aviz.

Minha terra eu te saúdo
Como te saudavam dantes
Sauda-te Rui Manuel
Filho de ti, minha Abrantes.

Rui Manuel da Conceição Dias
Aluno n.º 71

PANEM ET CIRCENSES

O «Hand-ball» de 11 no Instituto no ano lectivo de 1949-50

Foi muito pequena a nossa actividade no ano lectivo de 1949-50. Sòmente disputamos dois encontros: um na série, e outro na final. Notou-se mais entusiasmo entre os alunos do Instituto, devido à nossa magnífica classificação no ano anterior. O sorteio caprichou em colocar só duas equipas na nossa série. Por isso, nós e a Escola Afonso Domingues de-frontámo-nos no campo do Liceu Pedro Nunes no

DIA 30 DE ABRIL DE 1950

Pupilos, 5 — Esc. Af. Domingues, 0

Dirigiu o encontro o sr. Costa e Almeida alinhando o Instituto com: Loureiro; Cardoso, Viegas e Squerra; Vital (cap.) e Nogueira; Brito, Pereira I (Vale), Mendes, Sousa e Pereira II.

Suplentes: Cruz, Dourado, Vale e Fernandes.

O encontro teve pouca história. Dominamos intensamente do princípio ao fim do jogo, mas não passamos das cinco bolas sem resposta.

No final do primeiro tempo o marcador acusava 1-0 a nosso favor. Obteve o golo o nosso avançado centro Mendes. No segundo tempo começamos a jogar com mais vontade de marcar golos e por isso, logo no início, Mendes elevou a conta para 2-0. Os nossos adversários não passavam do meio campo. Pouco depois dos dez minutos da segunda parte, Mendes obteve a terceira bola. Após este tento, Pereira I saiu dando lugar a Vale. O encontro continuava a decorrer sem entusiasmo pois a nossa superioridade era flagrante. Como corolário do nosso domínio, Sousa e Mendes elevaram a conta para 5-0.

FINAL

DIA 28 DE MAIO DE 1950

Pupilos, 2 — D. João de Castro, 4

Sob a direcção do sr. João Penteadinho começou o encontro, alinhando os Pupilos com:

Loureiro; Cardoso (Fernandes), Viegas e Squerra; Vital (cap.) e Nogueira; Brito (Pereira I), Pereira I (Cardoso), Mendes, Sousa e Pereira II.

Com nervosismo de ambas as partes começou o encontro, e ainda não se tinham passado cinco minutos, o D. João de Castro colocou-se em vencedor com um remate de Acácio. Lançámo-nos então ao ataque e Cardoso numa fuga espectacular restabeleceu a igualdade com um remate certo. No primeiro tempo o jogo caracterizou-se pelo bom nível técnico dos contendores e pela correcção de todos os jogadores. Até ao fim da 1.ª parte não se marcaram mais tentos, ficando os grupos iguados a uma bola.

Na segunda parte houve modificações na nossa equipa, mas nem todas felizes, quanto a mim. Logo no início desta parte Cardoso colocou o nosso grupo em vencedor com um lindo remate. Este tento deu-nos ânimo e então praticamos o melhor hand-ball do encontro. A bola girava de jogador para jogador sem oposição dos adversários, mas nada de golos por falta de remate dos avançados.

Mas estava escrito que não seríamos os vencedores. Uma série de erros de arbitragem conduziu a nossa equipa à derrota, e então o D. João de Castro marcou mais três bolas por intermédio

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

FUTURO RISONHO

Era de confiança o ambiente dos «cadetes» do I. P. E.

Antes de começar o encontro de Volley-ball entre a nossa equipa de Cadetes e a da Escola Fonseca Benevides, conversei longamente com dois dos nossos jogadores desta categoria.

Fonseca e Martelo, os meus dois interlocutores, mostravam-se confiantes. Da nossa conversa, aproveitei as seguintes partes:

— Ainda não conquistei nenhum título, diz-me o Fonseca, e como é

o último ano de aluno do Instituto, confesso que me agradaria imenso ser campeão. Há no entanto a considerar o valor dos nossos adversários que farão todos os possíveis para tornarem cara a nossa vitória.

— Mas já foste várias vezes sub-campeão, atalhei eu.

— Sim, com quatro anos de prática, fui sempre segundo classificado, tanto na zona como nos campeonatos de Lisboa.

Campeonatos de «Volley-Ball» da M. P.

Começaram as actividades desportivas da M. P. As primeiras equipas do Instituto a entrarem em competição, foram apresentamos três equipas, uma em cada categoria: infantes, vanguardistas e cadetes.

O volley é dos desportos em que o Instituto melhor tem vincado a sua categoria. Anos atrás, a equipa de «Os Belemnenses» era totalmente constituída por alunos deste Instituto.

Havia grande interesse em ver em acção as nossas equipas, pois todos os jogadores foram submetidos a intensa preparação, a cargo do nosso capitão Antas. Os resultados dos primeiros jogos já são conhecidos, mas eu vou fazer uns pequenos comentários dos encontros.

DIA 14 DE JANEIRO

INFANTES

Pupilos, 2 — Machado de Castro, 0 (10-1 e 10-0)

Os primeiros rapazes a defenderem as cores do Instituto este ano, foram os in-

de Acácio, fixando o resultado final de 4-2. Neste meio tempo sucederam-se as cenas deselegantes que culminaram com a expulsão de Cardoso. Eu saí também do campo, mas em braços, por ter chocado com o poste.

Mais uma vez derrotados! Perdeu-se a melhor oportunidade de se conquistar o título de campeões da Extremadura de hand-ball. Veremos se este ano os nossos sucessores são mais felizes que nós.

Aproveitei a oportunidade para saudar as valorosas equipas do Liceu D. João de Castro que nos venceram por duas vezes, e para agradecer ao nosso capitão Noronha, ao ex-aluno Rafael Durão de Matos e a todos os que nos acompanharam, os valiosos apoios: material, técnico e moral. Pena foi que não pudéssemos corresponder de maneira condigna. Muito obrigado a todos!

No próximo número:

«A HISTÓRIA DO HAND-BALL DE SETE, E REGRAS DO HAND-BALL DE ONZE»

Fernando Loureiro
Aluno n.º 390

— Ao todo oito segundos lugares, o que é bem bom.

— Sim, de facto não é mau o meu palmarés, mas gostava que entre esses segundos lugares aparecesse um título. Talvez seja este ano.

— E tu, Martelo, também esperas ser campeão?

— Sem dúvida! Com a equipa que temos, em que todos nos entendemos muito bem, será quase certa a nossa vitória. No entanto...

E mais não disse a este respeito. Tentei mudar o rumo à conversa e disparei uma pergunta inofensiva.

— Quais os momentos mais felizes da tua vida desportiva?

— Em futebol, quando vencemos o Liceu Camões; foi a primeira vitória alcançada sobre esse Liceu, e o facto encheu-me de alegria. Ainda no futebol, senti também grande alegria quando vencemos o colégio «O Académico», o que nos permitiu a conquista do título de campeões de Lisboa. Como sabes, «O Académico» era treinado pelo famoso Peyroteu. A minha maior tristeza no futebol foi a derrota que sofremos em Torres Vedras, por 1-0. Em volley-ball senti grande satisfação ao vencer a Escola Marquês de Pombal no campeonato de Lisboa em 1948. Foi uma boa vitória.

A nossa conversa continuou, com a recordação de episódios deste jogo. Eu era suplente dessa equipa, e sofri intensamente durante esse encontro. Todos os efectivos se bateram com galhardia, e entre eles estava Martelo.

Praticamente estava terminada a conversa, mas não resistimos à tentação de fazermos mais uma pergunta.

— E este ano esperas ser campeão de futebol?

Martelo hesita um pouco, mas por fim decide-se.

— É um pouco difícil o prognóstico, no entanto conto com a alma de todos para que o título conquistado no último ano continue em nosso poder.

E assim acabámos a nossa conversa. A hora do jogo aproximava-se e era preciso afinar os músculos. Que os desejos destes dois nossos atletas se realizem, são os nossos votos ardentes, para honra do nome do Instituto.

Fernando Loureiro
Aluno n.º 390

nossos jogadores e então os pontos foram aparecendo até se conseguir a conta final dos 15.

Distinguiram-se na nossa equipa: Fonseca, M. Silva e Belo. Os restantes esforçaram-se e brilharam em alguns lances.

A nossa equipa formou: Junça, Lima, Belo, M. Silva, Martelo e Fonseca. Suplentes: Dourado, Vale, Iglésias, Soares e Cruz.

Jogo-treino

No dia 17 do mês passado, realizou-se no nosso campo de jogos entre as equipas de Vanguardistas do Instituto e do Colégio Visconde Castelões, um jogo-treino. O resultado final foi-nos favorável por 2-0 (15-13 e 15-11), tendo os nossos jogadores feito exibição apreciável.

Fernando Loureiro
Aluno n.º 390

ESTE NÚMERO DE «O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO» FOI VISA-DO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O jornal aos

DEUS, PÁTRIA
FAMÍLI

Suplidos ao Exército

A ... desviou-se do seu caminho. Abejurou a honestidade. Deixou de ser um guia seguro que vos possa conduzir ao templo do belo.

DEPOISIER

Rec... ENRIQUE M. CARREIRA

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

Editor: CURSOS FINALISTAS

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Editorial Império, Lda. / R. do Salitre, 151/5

DIFICULDADES de um engenheiro em Africa

FACTOS DA VIDA REAL

Não nos foi apresentada solução, pelos alunos da cadeira de Estradas, para o problema técnico que apresentámos no último número deste jornal. Ficaram, possivelmente, supondo que se tratava dum caso muito difícil de resolver. Vão agora ver que ele não continha maior dificuldade que o do ovo de Colombo.

O aterro estava impregnado de água?!

Pois bem, tornava-se necessário:

1.º) Que, rapidamente, fosse eliminado o excesso de água que continha;

2.º) Que, com a maior brevidade possível, fosse impermeabilizado o pavimento, de forma a evitar novas infiltrações.

Para atingir o 1.º desideratum, fez-se uma drenagem do aterro por meio de drenos franceses. De 5 em 5 metros e por meias larguras, a fim de manter o tráfego, foram abertas valas com a largura de 30 a 40 cms.

Pensámos em utilizar a própria brita grossa para o enchimento dessas valas, mas como não muito longe, havia calhau rolado, foi este o material empregado, com vantagem, por ficarem maiores vazios entre os diferentes elementos e ser menos dispendioso.

As valas foram cheias deste calhau, até à altura de 40 a 50 cms. e de terra por cima, devidamente compactada a massa. A camada de enrocamento foi recomposta.

Os drenos assim constituídos funcionaram bem. Passados alguns dias, o tráfego passou a fazer-se, em boas condições, na extensão drenada ao aterro.

Para realizar o 2.º objectivo, construiu-se, com toda a rapidez, a camada de desgaste com a espessura de 10 cms. em macadame a saibro e, logo em seguida, fez-se o revestimento betuminoso por semi-penetração.

A estrada, daí para o futuro, deu sempre trânsito, em óptimas condições.

Se o terreno argiloso fez sentir as suas dificuldades, a areia também pregou a sua partida.

Estava-se no início dos trabalhos. O terreno onde ia ser construído o pavimento, era constituído por areia fina, solta, movediça, mais parecendo pó do que areia. Era na estrada n.º 1 da Província, a qual, desde o início até cerca do quilómetro 100, está implantada em terreno desta natureza. Tratava-se da execução da camada de fundação, constituída por blocos de

pedra escacilhada, colocados com a base maior para baixo. Os vazios eram preenchidos com brita de 8 cms. Ensaibrava-se, regava-se e comprimia-se com um cilindro de 11 tons., a óleos pesados. A espessura final, antes do recalque, ficava em 15 cms.

Iniciada a compressão, o cilindro avançou alguns metros e logo se deteve. Uma das rodas motoras começou a afundar-se, em virtude do terreno arenoso não aguentar a pressão.

Aumentou-se o esforço motor para tentar safar o cilindro daquela situação, mas este, em vez de avançar, mais se afundou ainda.

Ordenei então que se levantasse o cilindro com o auxílio de pranchões e macacos, trabalho sempre moroso e de mui difícil execução.

Naquele momento, senti-me desolado e procurei concentrar energias mentais para resolver o problema que se me afigurava quase insolúvel.

Já estava executada uma extensão relativamente grande da camada de fundação e não convinha, por isso, fazer o seu levantamento e estudar outro sistema de pavimentação.

Resolvi, por conseguinte, tentar o impossível.

Ordenei que se desse, de novo, uma rega abundante, visto ser conhecido que as areias molhadas aumentam de coesão.

Entretanto, após algumas horas de porfiados e exaustivos esforços, o cilindro estava, outra vez, em posição normal.

Trocaram-se então entre mim e o maquinista do cilindro, as seguintes frases:

— Manuel, pegue no cilindro e conduza-o com mais velocidade, para ver se conseguimos que ele não se enterre.

— Oh senhor engenheiro, é escusado tentar porque o cilindro vai enterrar-se outra vez.

— Deixa lá, Manuel. Vamos experimentar mais uma vez.

O Manuel conduziu o cilindro com mais alguma velocidade e andada uma dezena de metros, este afundou-se, novamente. Então, desceu do cilindro, veio até mim e disse com ares triunfantes, mas com algum respeito: «Eu bem dizia, Sr. engenheiro, que o cilindro não se aguentava».

Não gostei da observação, mas nada respondi.

Apesar de quase vencido pela situação adversa, resolvi perseverar

(Conclui na 2.ª pág.)

EM DEFESA DA VIDA E DO AMOR

Tal como a saúde corporal, a saúde mental exige certos cuidados higiénicos de ordem psíquica e moral.

Ao entrarmos na adolescência impõe-se-nos a necessidade de procurar resposta eficaz a certas interrogações ou problemas fundamentais, como as da nossa origem, da constituição da natureza humana e da sua finalidade, problemas que trazemos dentro de nós e que se manifestam com a violência de verdadeiros impulsos vitais.

Da solução dessas dificuldades irá depender toda a orientação do sentido da vida, que envolve e afecta toda a nossa existência.

Enquanto adquirimos informações e dados seguros acerca destes assuntos tão sérios, surgem dúvidas, que é preciso esclarecer quanto antes.

A saúde mental só se consegue manter, se o espírito viver em clima de verdade. No caso de se respirar o ar pestilencial do erro e da falsidade, torna-se impossível gozar de saúde no espírito, no coração e até no sangue.

O seio da família é o primeiro ambiente espiritual em que desabrocham os primeiros conhecimentos, onde começa a formação ou a perversão da inteligência, da vontade e da sensibilidade.

Depois da iniciação na vida dentro do seio da família, segue-se o ambiente da escola, e, finalmente, o da sociedade.

Por sua vez, a sociedade, a escola e a família são o resultado do «ser» e do «agir» dos indivíduos que as constituem. Nessas circunstâncias, todo o indivíduo é necessariamente activo e passivo, isto é, recebe e dá, sem que nisso haja círculo vicioso ou contradição. Nós só podemos receber o que se nos dá e só podemos dar do que temos, visto que ninguém dá o que não tem.

Estas parecem ser as primeiras bases e a condição da saúde mental para toda a vida humana, porque o homem é essencialmente um ser social.

Postos e admitidos estes princípios da formação da pessoa, somos levados à consideração de assuntos simples e difíceis ao mesmo tempo mas de capital importância na tarefa que sobre nós impende — a da formação dos novos para que possam viver a vida dignamente.

Somos, pois, levados a tratar, ainda que sucintamente:

1.º) Do ambiente da família e da saúde mental dos seus membros.

(Conclui na 2.ª pág.)

A ARTE DE ESTUDAR

A palavra — «técnica» — emprega-se hoje a propósito de ciências, de artes e de ofícios, e de outras coisas mais.

Haverá também uma técnica para quem se dedica ao estudo, como acontece aos estudantes? Sem dúvida que sim.

O estudante é, também, a seu modo, um aprendiz, não só em cada uma das disciplinas dos vários cursos que se seguem nas Escolas, mas até na arte de estudar as suas diversas lições em cada disciplina ou matéria do curso.

Ninguém nasce a saber estudar as lições. É necessário ensinar, sobretudo aos principiantes, a técnica mais conveniente para preparar bem essas lições dentro do programa.

Nota-se, geralmente, que numerosos estudantes perdem muito no seu tempo, no seu esforço, no seu aproveitamento e na sua formação por não saberem como se estuda, ou melhor, como cada qual há-de fazer para conseguir vencer certas dificuldades em estudar, particularmente certas disciplinas.

É necessário um esforço perseverante em ensinar aos principiantes como se há-de entregar à preparação diária das suas lições.

Primeiro, deve o estudante convencer-se de que é obrigado ao trabalho do estudo como qualquer operário é obrigado a fornecer o máximo de produção

dentro da sua actividade específica. O trabalho do estudo é para o estudante o mesmo que para o atleta desportista são os treinos, o mesmo que para as avezinhas é o voar.

O estudante tem de viver na convicção de que não deve entrar na sala de aulas com as lições em branco, pois isso seria para ele tão prejudicial como para o navegante o lançar-se ao mar dentro de um barco sem remos e sem velas.

Depois deve o estudante compreender praticamente a importância que tem para ele próprio, o uso dos diversos materiais de estudo, como são: os livros manuais, os dicionários, os cadernos diários, as sebatas ou cadernos de apontamentos e os cadernos de significados, indispensáveis para o estudo das línguas.

É claro que esta multiplicidade de coisas, não falando nas canetas, lápis, borrachas, estojos de desenho, etc., etc., parecem um estorvo, e, na verdade, é necessário simplificar as coisas ao máximo para diminuir as causas de aborrecimento e desalentos na vida do estudante. Todavia, é necessário saber-se que a vida nos impõe sacrifícios, aos quais não podemos nem devemos fugir, sob pena de irreparáveis prejuízos.

Tenho encontrado rapazes do 1.º e do

(Conclui na 3.ª pág.)

EM DEFESA DA VIDA E DO AMOR

(Conclusão da 1.ª pág.)

2.º) Da escola na sua actuação preparando os homens para a vida.

3.º) Da sociedade e das virtudes sociais do homem como factor e produto da mesma sociedade.

I

Na sua função natural, a família é a primeira célula da sociedade humana.

A sua constituição é estável, necessária, e reveste o aspecto de uma associação sagrada.

Deus criou e fundou directamente a família quando formou o primeiro homem, composto de matéria e de espírito, tornando-o uma substância una e inconfundível no conjunto do Universo dos seres, e diferenciou os sexos e as respectivas funções complementares fazendo-os varão e mulher, aos quais abençoou dizendo: «Crescei, multiplicai-vos e enchei a terra». Génesis, cap. I.

Esta união entre um homem e uma mulher, o casamento, elemento primordial da sociedade é, pois, feito da vontade expressa de Deus-Criador, e faz o objecto de um contrato formal entre os esposos, que se dão mutuamente, tornando-se pertença um do outro com rigorosa exclusão de todo e qualquer outro indivíduo, no que se refere ao amor e aos actos conjugais. Pelo contrato matrimonial, os dois esposos entregam-se um ao outro, ficam a pertencer-se mutuamente, unindo-se do modo mais completo possível pela união das vontades e dos corpos até ao ponto de, sendo dois, tornarem-se num só princípio ou causa para a transmissão da sua natureza a novos seres da mesma espécie, que são os filhos.

O casamento é, pois, um contrato formal dentro da mais rigorosa justiça comutativa, pelo qual o marido adquire legitimamente direitos sagrados sobre a sua esposa e vice-versa. Esses direitos são absolutamente pessoais e intransmissíveis, enquanto ambos viverem. Por isso, o casamento reveste-se de circunstâncias e de preparativos, de sanções legais, de cerimónias e de solenidades que traduzem o seu carácter de união sagrada e indissolúvel entre os dois cônjuges. «Serão dois numa só carne», e, «que o homem não separe aquilo que Deus uniu», diz-nos o seu Legislador Supremo.

Esta vida de íntima união indissolúvel, entre o homem e a sua única mulher, pelo casamento, é a primeira base da família e a condição indispensável para estabelecer um ambiente familiar são, porque nela assente a verdade de sentimentos, de convicções e da palavra solenemente dada.

Desse estado normal e permanente derivam, em consequência natural, os maiores benefícios, que são: a geração, criação e educação dos filhos, a colaboração, o apoio mútuo e outros bens e remédios a certas fraquezas humanas, dos quais resulta a felicidade dos cônjuges e o maior bem dos filhos, dentro da mais rigorosa fidelidade e respeito mútuos.

Sólidamente constituída desta forma, a família oferece todas as garantias para a formação da sociedade humana, cujos membros virão aptos para produzir, manter e usufruir todos os bens sociais de ordem, de paz, de progresso e de riqueza, que constituem o mais elevado nível da relativa felicidade, dentro do condicionamento da Humanidade.

Sobre estas bases pode levantar-se o edifício da Sociedade, da Nação e da Pátria.

Chegamos ao ponto de lançar um olhar sobre as qualidades e defeitos dos cônjuges, como sobre as matérias-primas que servem para o edifício social. Segundo se vê na ordem da Natureza, tal como Deus a estabeleceu, a chave da abóbada para a consolidação da So-

ciiedade consiste no princípio da autoridade legítima respeitada e obedecida.

A pessoa em quem reside a autoridade chama-se o chefe ou cabeça, que preside, exerce o seu influxo e dirige toda a actividade dos restantes membros da família, de um modo político, como convém a pessoas humanas, e não despoticamente. Este chefe é o marido, o pai. A esposa é auxiliar do chefe, mas um auxiliar que participa do exercício activo da autoridade em relação aos membros inferiores da família, estando ela, ao mesmo tempo, sujeita, passivamente por tanto, sem violências nem constrangimento, no perfeito acordo entre as duas vontades unidas, funcionando unânimemente para o bem comum.

Os chefes não se improvisam; formam-se e preparam-se em ordem ao perfeito e justo exercício das funções de comando e de orientação.

Compreendendo as dificuldades inerentes, praticamente, ao munus paternal no seio da família, os antigos sentiram bem que a preparação do homem para essa vital função, deve começar muito cedo, recuar mesmo além do berço, principiando com a geração, e exprimiam o seu pensamento neste sensato rífilo popular: «Casa de pais — escola de filhos». É a voz do bom senso. Os filhos de hoje serão os pais de amanhã, e por isso acrescentavam: «Filho és e pai serás, como fizeres assim acharás».

Esta filosofia prática, cheia de verdade, parece ter perdido o seu valor para muitos lares modernos.

Esse problema de preparação do homem para vir a ser chefe da sua família acha-se falseado na solução e errado nos resultados, porque o transpuseram do terreno moral para o domínio das actividades psico-genésicas, considerado só o factor reprodução, como se a Natureza tivesse falhado e não bastasse, e por essa causa vêm-se hoje as mais lamentáveis deficiências por falta de justa compreensão e da exacta solução de tão grande problema da preparação moral e espiritual dos chefes de família. Sem a necessária preparação moral, o marido será um déspota ou um tirano,

que abusa do poder sobre a esposa, ou então será um íraço, uma nuca, no que respeita às funções de comando e de orientação daqueles que, naturalmente dependem e necessitam da sua autoridade para atingirem o fim da sua existência.

É que, para vir a ser chefe de família, não basta ao homem o sentir-se apto para a geração de filhos como bastaria para o irracional. É necessário que ele possua, além das qualidades do homem dotado de justiça, fortaleza de alma, domínio de si mesmo e de prudência para o governo, os conhecimentos da sua missão relativamente às necessidades da esposa e dos filhos, de cuja perfeição ele é o obreiro e o responsável em parte considerável.

A experiência prova e o rífilo afirma que só saberá mandar bem aquele que soube obedecer.

Todos sabemos demasiadamente o que se passa nos lares onde os esposos não possuem as indispensáveis qualidades morais para o bom desempenho das suas funções, e na sociedade há chagas purulentas, que não queremos trazer para este lugar, por desnecessário, mas importa ao propósito que nos anima ao escrever estas linhas, o dizer que o homem investido nas funções de marido e de pai sem a conveniente preparação moral para elas, sem carácter, sem respeito pela atureza e pelas leis que a regem, ignorante dos seus deveres e todo entregue aos caprichos do egoísmo exaltado pela facilidade da vida moderna, deserta do lar, trai a sua missão, e abandona o outro cônjuge e os filhos à mercê de todas as desgraças, até às mais aviltantes.

Considerando o avultado número de lares contemporâneos vitimados pela falta de chefes competentes ou pela deserção de qualquer dos cônjuges, encontramos nesse triste facto a explicação do drama aflitivo que tantos desgraçados causa no Mundo.

É este um problema da mais candente actualidade, bem superior à falta do pão do corpo, porque é a miséria do espírito sem o pão da verdade e da virtude. E

que é que se faz para a boa solução dele?

A casa paterna, salvas raras e nobres excepções, deixou de ser a escola de boa formação dos filhos. Urge que, os que podem, trabalhem afincadamente no sentido de evitar tantos males, saneando o ambiente da família portuguesa. A benemérita Obra das Mães ocupa-se de um aspecto da questão, mas isso não basta. É necessário a obra dos pais, dos esposos, dos chefes de família, e então extirpar-se-á o mal pela raiz.

A falta da preparação moral individual dos pais tem como primeira consequência o desaparecimento de todo o respeito pela autoridade legítima, que acaba por não existir. Em lugar dela na anarquia na família, que principia na mais dolorosa divisão e contradição entre os esposos. Os filhos, quando os pais os deixam vir a luz do mundo, são atirados para um ambiente de destruição, sem verdade, sem harmonia, sem paz, e tantas vezes sem pão, ainda que, para outros fins, o dinheiro não falte.

Estes filhos nascidos e criados à mercê de todos os encontrões, na atmosfera envenenada dos lares desfeitos pela quebra da autoridade e pelo desacordo até ao desprezo, e, tantas vezes, até ao ódio entre os esposos, nunca poderão vir a ser bons chefes de família, salvas raras excepções, quase por milagre.

Todavia existe a doutrina de verdade na Instituição mais completa do Mundo, capaz de formar os homens e de os conservar no cumprimento do dever dentro do mais acolhedor e salutar ambiente de família. Mas os homens, por uma fatalidade do orgulho humano, ou a ignorância, ou fogem-lhe, por falta de coragem e de lógica na vida.

O ambiente são na família consegue-se com relativa facilidade, naturalmente, desde que os jovens tenham recebido, antes do casamento, aqueles princípios virtuosos de obediência, de respeito pela autoridade paterna, de espírito de renúncia aos seus caprichos, dentro da justiça e do amor.

Preparados assim, pelo exemplo e pela palavra os futuros pais têm de conhecer as leis de Deus sobre a constituição da família, e de adquirir os hábitos que levam fácil e consoladoramente à inteligente, voluntária, pronta e constante aceitação do dever, na plena luz da verdade.

A todos os meus leitores que se interessam por este tão grave como urgente problema, ouso já aconselhar a leitura de um precioso livrinho de Raul Plus, intitulado, «A Caminho do Matrimónio».

Depois dessa preparação especializada no domínio da moral e do espírito, e feita a preparação técnica para conseguir o pão do corpo com o suor do mesmo corpo, e sabendo utilizar os meios sobrenaturais e divinos postos à disposição do homem num segredo misterioso, os novos de hoje constituirão famílias felizes e modelares, cujos filhos serão semelhantes às perfumadas e encantadoras flores dos mais famosos jardins.

Devem os novos entrar para a vida de casados com o coração cheio e o espírito bem formado, fugindo sempre das situações ilegais perante Deus e perante a sociedade honesta. As uniões livres, salvas também raríssimas excepções, não podem garantir o equilíbrio nem a saúde mental da família, porque lhes faltam as bases que garantem e defendem a estabilidade para conservar a ordem, donde resulte a paz e a harmonia da felicidade do lar.

Quando isto conseguirmos, teremos famílias sãs de corpo e de espírito, capazes de corresponderem ao plano divino da verdadeira felicidade para todo o homem que vem a este Mundo.

ANTERO RIBEIRO GOMES
(Continua no próximo número)

DIFICULDADES DE UM ENGENHEIRO EM AFRICA

(Conclusão da 1.ª pág.)

rar. Mandei deitar mais saibro sobre a camada de fundação e efectuar novamente uma forte rega. Entretanto, passadas mais umas horas, o cilindro estava outra vez, pronto a marchar.

Voltei-me então para o mecânico dos cilindros e outras máquinas existentes nos trabalhos e disse-lhe:

«Oh João, você que é um rapaz desembaraçado, salte para cima do cilindro, dê-lhe a máxima velocidade e veja se é capaz de fazer esse cilindramento».

O João pôs o cilindro em andamento com grande velocidade e tão bem se houve que conseguiu dar um bom acabamento à compressão da camada de fundação.

A situação foi salva no limite da resistência do terreno e no último momento, por aquele óptimo operário, obediente, enérgico e desembaraçado que nada teve que observar a ordem legítima do seu superior.

Mais uma vez se constatou o inestimável valor do técnico que diligência cumprir a sua missão, com inteligência e energia, em vez de apresentar dificuldades para fugir à actuação conducente à vi-

tória sobre essas mesmas dificuldades.

Na continuação dos trabalhos sobre areia, adoptou-se a precaução de empregar pedra escacilhada de base maior e de ensaiar e regar com maior abundância.

I. P. E., 24/2/51.

J. MEXIA
Major de Engenharia

Uma confidência...

Os Serviços Administrativos do nosso Jornal encontram-se em séria dificuldade para fazer frente aos encargos financeiros provenientes da existência do mesmo Jornal. Por isso, pedimos aos nossos estimados Assinantes o obséquio de nos virem em auxílio, pagando as suas assinaturas dentro de qualquer destas modalidades:

De simples assinante ...	20\$00 anuais
De auxiliar	25\$00 »
De benfeitor	30\$00 »
De amigo	50\$00 »
De padrinho	100\$00 »

E queiram enviar-nos a respectiva importância para: «O Jornal dos Pupilos do Exército», Travessa de S. Domingos de Benfica — Lisboa — Portugal.

PÁGINA Literária

Paradoxos

Tudo em mim é repleto de alegria
Que servê p'ra esconder minha tristeza
Tudo em mim é fingido, é fantasia,
Tudo em mim é mistério, é incerteza!

Sem mentir, hora a hora dia a dia,
Mentir piedosamente, com nobreza,
Pretendo não saber que já sabia
Que a Vida é triste e que não tem beleza!

Não tenho de ninguém um só carinho,
E sou por todos tão acarinhado!
Sou caminhante que não tem caminho!

Vocês, amigos, fujam de meu lado
Pois só quando eu m' encontro bem
É que me acho mais acompanhado!

Lisboa, Abril de 1950.

DAVID SEQUERRA
aluno n.º 333

Mar Português

Desde o Sr. D. Duarte
Até ao Rei D. Manuel
Fostes sempre atravessado
Por gente forte e fiel

Já em D. João II
Sofreste golpe mortal
Para engrandecer o Mundo
E o nome de Portugal.

Sempre foste bem tratado
Não soubeste agradecer
Muitos dos nossos heróis
Em ti foram morrer.

No Cabo Bojador
O aminho nos impediste
Pedimos sempre ao Senhor
E tu, triste, desististe.

Foste todo percorrido
Percurso não há igual,
Por homens mui corajosos
Marinheiros de Portugal.

Rui Manuel da Conceição Dias
Aluno n.º 73

Recebemos, registamos e agradecemos

Tiveram a gentileza de nos enviar as importâncias das suas assinaturas, o que muito agradecemos, os Ex.ªs Srs.:

De benfeitor:

Major Borges da Silva, Capitão Rogado Quintino e Dr. Filipe T. L. Pinto Furtado (pela remessa de mais 10\$00).

De auxiliar:

Major Laurentino de Almeida e Sá, Capitão José de Lemos, Octávio Gomes, Capitão Eugénio Garcia e José Álvaro César de P. Bandeira.

De simples assinante:

Capitão António Ferreira Molarinho do Carmo, Capitão José D. Peres Garrido, Ulisses Ribeiro Braga, D. Maria Al. P. Borges, D. Maria Amália Teles, Timóteo M. Adegas, Jorge da Silva Matos, Prof. Rogério Palléti Berger e Benjamim Corte Real

LUTAS DO AMOR E DO MAR

O mar agitava-se. As suas ondas erguiam-se com fúria, chocando-se raivosamente em luta de morte, indo tombar mais além, como que cansadas, morrendo em gritos de desespero, de encontro às rochas, ou alastrando-se pelo mar fora, em espuma branca.

Havia vento. Havia ansiedade nos corações daquela gente que via o mar crescer, subir, gritar, numa ameaça sem esperanças. Essas gentes lutavam pela existência, pela vida, enfrentando um mar que se agigantava. Os seus olhos fitavam um céu escuro que os comprimia. Viam nas nuvens que corriam pelos ares, sem caminho nem destino, mais desgraças e mais lutas, sentiam a chuva. Viam as ondas que cresciam, que lutavam, que choravam e que gritavam loucamente.

Percebiam o perigo, mas não sentiam medo. Avançavam pelo mar, com fé, confiantes na sua crença e nas orações que um dia, em meninos, lhes ensinaram...

O mar acalmou-se. Havia estrelas no céu. Respiraram o ar da noite e sentiam na brisa que pas-

sava uma música estranha que não sabiam definir, que lhes tomava os sentidos e os fazia recordar... recordar o passado da mocidade distante, que lhes fez nascer uma

A MORTE

Quem diria que tu eras,
O germen da minha morte.
Vivo há tantas Primaveras,
Sem nunca ter esta sorte.

Mas uma vez que me viste,
Tocaste-me só com um dedo.
Nunca mais daqui partiste.
E disseste-me a segredo

Vais morrer, é tua a hora
Eis que chega o teu momento.
És como a folha já morta.
Qu'ê arrastada pelo vento.

Foi assim que sucedeu.
Tal como ela me dissera.
O que foi vivo, morreu.
E o que fora, já não era.

ANTÓNIO PINHEIRO
Aluno n.º 33

A ARTE DE ESTUDAR

(Conclusão da 1.ª pág.)

2.º ciclo dos liceus, que trazem a pasta atafalhada quase só de cadernos, não havendo nelas lugar para outros objectos necessários, obrigando-se os pobres escolares a deixar em casa os livros, pedindo-os depois a algum camarada, só porque se lhes exige, e com razão, que tenham os seus cadernos diários em dia. Julgo que, neste caso, deve aconselhar-se-lhes o uso de dois ou três cadernos apenas, fazendo-os servir para as diversas disciplinas, com a condição de os dividir, de modo que sejam utilizados ordenadamente, em secções distintas. Assim, por exemplo, possuir um só caderno diário para línguas, dividido em partes proporcionais ao número de aulas de cada matéria, e, quando esse único caderno estivesse cheio, arrumava-se e tomava-se outro novo. Outro poderia servir para matemática, ciências, desenho, etc. O uso de sebtas no 1.º ciclo não parece muito de aconselhar pelo facto de serem raros os apontamentos neste ciclo, e, os que houvesse, tomavam-se no caderno diário, após o sumário da respectiva lição.

Os cadernos diários são auxiliares preciosos, não podem dispensar-se, mas o principal lugar pertence aos livros manuais, sobre que se deve exercer a máxima actividade do aluno.

Mas, o mais importante da técnica na arte de estudar e de aprender, está na organização do estudo, na aplicação e no modo de proceder metódicamente, destinando tempos e lugares favoráveis ao estudo, de acordo com a importância da disciplina e as dificuldades pessoais para tal ou tal matéria.

O ensino desta técnica do estudo não poderá fazer-se colectivamente, pois resultaria ineficaz em certos casos e, talvez, até contraproducente. É, pois, necessário orientar individualmente os que principiam a carreira dos estudos. É a isto que se chama iniciação.

As introduções usadas nos cursos médios e superiores são os restos da técnica de iniciação dos inexperientes, anti-gamente designada pelo nome de peda-

gogia ou *manuductio*, palavra que, à força de utilizada, gasta, já significa tudo o que se quiser, menos aquilo para que foi feita e que tão necessário é na vida do estudante.

Por isso, na prática do estudo, devem seguir-se as regras mais eficazes.

Os programas são excessivamente carregados, e o tempo é insuficiente para que os alunos possam obter grandes resultados do seu trabalho pessoal, fora das aulas. No entanto, o trabalho pessoal é a primeira condição para a disciplina mental e para a aquisição da ciência. O contrário disto são utopias e sonhos, e não pesadelos.

Como há-de então proceder o novel estudante na organização do trabalho?

1.º — Fixar claramente o tempo para o estudo das lições de cada dia, determinando o seu horário por escrito: estudo das tantas às tantas, e ser fiel observante desse horário.

2.º — Conhecer qual a hora em que se sente melhor disposto para o seu trabalho. Geralmente as horas que precedem as refeições são as que melhores disposições nos permitem, enquanto que o estudo após as refeições costuma fazer-se em condições desfavoráveis. Conhecido o tempo da melhor disposição do sistema nervoso para o trabalho intelectual, o estudante deve saber quais as disciplinas em que está mais fraco, ou aquelas que mais dificuldades lhe apresentam. Depois deve dar ao estudo dessas matérias a melhor parte do seu tempo de estudo e do seu esforço.

3.º — Como estudar? Há de habituarse cedo a distinguir, no assunto da lição, duas coisas: o assunto ou ideia principal, e os assuntos ou ideias secundárias. Depois, deve aplicar toda a sua atenção, custe o que custar, ao estudo do assunto principal, do essencial, e se, depois de o apreender e assimilar, lhe restar tempo e forças, então passa uma vista de olhos pelos assuntos secundários ou accidentais, e o trabalho assim feito é excelente.

O resto di-lo-emos noutra ocasião, se Deus quiser.

O VOSSO AMIGO

saudade por alguém, que no cais ficou, com lágrimas nos olhos, num soluçar de amargura. Eles são rudes. Vivem quase sempre entre a chuva e o vento, entre o céu e o mar. Seus horizontes são rasgados. E o nada é o infinito.

Todos se mostram tomados por pensamentos que os abstraem. Recordam, idealizam nos seus sonhos de poetas. Esquecem-se do temporal, das ondas furiosas que crescem, que choravam, que se mordiam e que gritavam loucamente. Não vêm a lua que é de amor nem fitam o céu que é azul.

Estão tomados pela canção da noite, trazida pela brisa, que veio de longas paragens, e lhes dilacera os corações e lhes canta saudades. E a música, que não houveram, penetra-lhes nas almas, fazendo-lhes sentir um amor distante, um beijo nunca dado, um sorriso que jamais virá. A música, que os invade, põe-lhes no pensamento o adeus e as lágrimas de alguém a soluçar, num dia de amargura, e que ficou no cais fitando o barco, que desaparecia...

Eles são rudes. Enfrentam com a oração nos lábios e com a fé no coração a impetuosidade do mar. Mas sentem-se diminuídos pela canção que vem de longe, pela música estranha que lhes toca o coração e os estremece, que traz nas suas notas gritos de outras gentes, recordando-lhes amores e beijos e as lágrimas que alguém chorou numa manhã de desespero, quando partiram para o mar.

Eles são rudes... mas seus corações são grandes.

DARIO BASTOS MARTINS

PASSATEMPOS E PALAVRAS CRUZADAS

I — Solução do problema anterior, n.º 1.

HORIZONTAIS — 1) Rás; ave; cal. 2) Ira; ler; age. 3) Miura; visão. 4) Acros; alapa. 5) Oil; are. 6) Ode; ata. 7) Ai; es; vi; Ac. 8) Dão; iva. 9) Creve; vocal. 10) Mau; mon. 11) Aos; sir; ara.

VERTICAIS — 1) Rima; salema. 2) Arico; vão. 3) Sáurio; Deus. 4) Roldear. 5) Alas; esóces. 6) Vê. 7) Erva; avivar. 8) Ilativo. 9) Casara; acna. 10) Agape; roa. 11) Leoa; acalma.

VITAL DOS REIS
Aluno n.º 164

II — Substitua os traços por letras, de modo a formar nomes de cidades e de vilas portuguesas, que enviam os seus filhos a formarem-se no Instituto dos

P O V O A D E V
L U A D A
P O U B A L
O I S B O A
P e n a f i e
L O M A S
S A U T A S E I M
L U G U A
O S A
D. R. S. A
S
E N I C E I R A
X I S A
S I L V E S
B A R S E I S E
C O I U M A
L A V I A O
P O N T E
L A M E I S O
E L V A S

Al. do 2.º ano Curso Geral do Comércio

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

“Técnica de Hand-Ball” História do “Hand-Ball” de Sete no Instituto

1) — O lançamento

O lançamento da bola de jogador para jogador, é um factor importante, pois, se ele for bem executado, poucas possibilidades há de o adversário interceptar o esférico. Para se atingir a perfeição, torna-se necessário um treino intenso e paciente.

RECORDS DE ATLETISMO NO INSTITUTO

Estas marcas foram obtidas todas nas provas oficiais da M. P.

CATEGORIA A (16 aos 18 anos)

Corridas:

60 m.: Pires Weber, 7,2 s., 1947; 150 m.: João Pontares, 18 s., 1947; 800 m.: Carlos Monteiro, 2 20,4 s., 1948; 1.500 m.: Carlos Monteiro, 4 42,3 s., 1948; 83 barreiras: Manuel Lopes, 13,1 s., 1943; 3×60 (Júlio de Sousa, Pires Weber e Roseiro Botelho), 21,2 s., 1948.

Salto:

Comprimento: Lino Lopes, 6,05 m., 1943; Vara: Mário Soares, 3,10 m., 1948.

Concursos:

Peso: Lopes Arranhado, 11,27 m., 1948; Disco: Clemente Ferreira, 36,28 m., 1948; Dardo: Nascimento Pires, 40,26 m., 1943.

CATEGORIA B (18 aos 20 anos)

Corridas:

80 m., João Pontares, 8,9 s., 1948; 150 m., João Pontares, 17 s., 1948; 1.500 m., José Oliveira, 5 19,2 s., 1947; 5×80 m., (Brasiliano da Silva, José de Oliveira, José da Silva, Filomeno de Sá e João Pontares), 47,4 s., 1948; 3×300 m., (Dagoberto Lima, José da Silva e Vilarinho), 2 16,7 s., 1948; 83 barreiras: José Oliveira, 15,1 s., 1947.

Salto:

Altura: Filomeno de Sá, 1,75 m., 1948; Comprimento: Filomeno de Sá, 5,80 m., 1948; Vara: Manuel Lopes, 2,90 m., 1943.

Concursos:

Peso: Ferreira Monteiro, 12,40 m., 1943; Disco: Proença, 27,67 m., 1943; Dardo: Jorge de Matos, 42,15 m., 1947.

RECORDS DA M. P.

Disco: Clemente Ferreira, 36,28 m., (categoria A); Altura: Filomeno de Sá, 1,75 m., (categoria B); Dardo: Ferreira Monteiro, 40,10 m., (categoria B).

RECORDS IGUALADOS DA M. P.

80 metros: João Pontares, 9 s., (categoria B).

A marca de Jorge de Matos no dardo de 42,15 m., foi obtida nos Campeonatos Regionais, assim como a marca de João Pontares nos 80 metros.

Ex-aluno
JOÃO PONTARES

Antigamente, usava-se o lançamento de braço comprido que consistia em atirar a bola para um companheiro de equipa, levando o braço que faz o lançamento, estendido por cima da cabeça. Este modo de lançar a bola tem um grande inconveniente; a bola sai com pouca força, e descreve uma trajectória curva. Além disso, obriga o jogador a um maior esforço muscular, que acelera a fadiga.

Actualmente usa-se o lançamento com o braço flectido, dando, como resultado, uma trajectória rectilínea da bola. Este lançamento deve ser executado da seguinte forma: a mão é lançada da mesma maneira por cima da cabeça, mas o ante-braço deve formar com o braço, um ângulo de, pelo menos, 130 graus. Esta inclinação é atinçada automaticamente depois de treinos aturados e sucessivos. Para que a bola saia da mão, torna-se necessária uma chicotada forte do cotovelo, tal qual os lançadores de dardo executam nos lançamentos desse engenho de atletismo. Se o lançamento da bola for executado desta forma, é quase certo que sairá com força e direcção rectilínea para o peito do jogador a quem pretendemos passar a bola. A fim de se imprimir maior direcção à bola, é conveniente inclinar o corpo um pouco à frente no momento em que ela (a bola) abandona a mão.

Quando se está a jogar, torna-se conveniente abrir bem o jogo, utilizando-se para esse fim os passes em profundidade de um extremo ao outro. Exemplifiquemos: o extremo esquerdo de uma equipa recebe a bola e, para que a sua equipa ataque velozmente, precisa de passar a bola rapidamente, mas nota que no sector central do terreno se encontra grande número de jogadores. Lança a bola, então, com força para o seu extremo direito, que por sua vez a lançará para o centro avançado ou tentará a sorte rematando à baliza. Estes remates dos extremos são os mais perigosos para os guarda-redes.

Os lançamentos à baliza devem ser executados, de preferência, de cima para baixo, batendo a bola no solo alguns centímetros à frente da linha de baliza. Deste modo originam-se ressaltos da bola, que muitas vezes atraioam os guarda-redes, mesmo os mais cotados. Apontando um exemplo, direi que o guarda-redes da selecção nacional, Polleri, sofreu no jogo contra a selecção espanhola disputada no Porto, pelo menos uma bola nestas condições. Portanto todos os jogadores devem ter presente que os remates mais perigosos são executados de cima para baixo.

FERNANDO LOUREIRO
aluno n.º 390

NOTA: — Por motivos alheios à nossa vontade, não pudemos iniciar hoje a publicação das regras de hand-ball de onze. Por esse motivo, pedimos desculpa aos nossos leitores.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Como segurar a bola; exercícios de aperfeiçoamento.

Esta modalidade desportiva foi praticada na Mocidade Portuguesa, e a título experimental, no ano lectivo de 1949-50. Primeiramente ficou combinado que os concorrentes seriam divididos em duas séries, disputando os seus vencedores o título absoluto numa final, mas, por falta de tempo, acabou o campeonato por ser disputado em eliminatórias. Seguem-se, tal como na história do hand-ball de 11 já publicada, uns resumos dos dois encontros disputados pela nossa equipa.

1.º jogo — Dia 7 de Maio de 1950.

Pupilos, 6-Fonseca eBnevides, 1

Todos os jogadores acusaram a responsabilidade da estreia. Por esse motivo o jogo de início foi muito confuso mas, à medida que o tempo corria, os nossos jogadores assentaram jogo e exibiram-se à vontade.

O resultado traduz bem a nossa superioridade Rodrigues por três vezes, Araújo, Alves e Faca, uma vez cada, bateram o guarda-redes contrário.

Alinhámos com: Nunes; Pina e Verde; Nortadas; Araújo, Rodrigues e Alves.

Suplentes: Faca, Fernandes e Calarão.

2.º jogo — Dia 14 de Maio de 1950

Pupilos, 2-Marquês de Pombal B, 3

Alinhámos: Faca; Pina e Verde; Nortadas; Araújo, Rodrigues e Alves.

Suplentes: Fernandes e Calarão.

O encontro foi emocionante dado o equilíbrio existente entre as duas formações em luta. A Marquês marcou primeiro, mas pouco depois Rodrigues igualou. Na defesa, por falta de Nunes, os nossos elementos não se mostravam confiantes, e, cada vez que entravam em acção, faziam-no atabalhoadamente. A Marquês de Pombal volta a marcar, e Rodrigues falha duas grandes penalidades. Perto do final do primeiro tempo Araújo repõe a igualdade.

Na segunda parte a luta prosseguiu cada vez mais animada. Rodrigues, em manhã infeliz, falha mais uma grande penalidade, e vê um tento seu invalidado pelo árbitro. Perto do fim do jogo os nossos adversários logram obter o terceiro tento, estabelecendo o resultado final de 3-2.

Devido a esta derrota, vimo-nos afastados da competição de que poderíamos ser os vencedores. Rodrigues, Pina e Nunes cotaram-se como os nossos melhores jogadores.

FERNANDO LOUREIRO
Aluno n.º 390

Campeonatos de «Volley-Ball» da Mocidade Portuguesa

Dia 21 de Janeiro de 1951

INFANTES

Pupilos, 2 - Escola Patrício Prazeres, 0

(10-3; 10-0)

Vitória nítida da nossa equipa de infantes, que actuou durante todo o encontro com um admirável espírito de entre-ajuda; os jogadores nunca se esqueceram de que estava em campo uma equipa, resultando daí um jogo agradável de seguir.

É nosso desejo que esse espírito de equipa se mantenha até ao fim do campeonato, e que nos treinos procurem corrigir os pequenos defeitos ainda existentes.

VANGUARDISTAS

Pupilos, 2 - Escola Agrícola D. Dinis, 0

(15-1; 16-14)

Depois de uma magnífica vitória dos nossos por 15-1, experimentámos sérias dificuldades no segundo encontro, arrancando uma vitória por 16-14 após um minuto de descanso.

CADETES

Pupilos, 2-Escola Comercial Voz do Operário, 0

(15-1; 15-1)

Mesmo alinhando desfalcados de três elementos (Martelo, M. Silva e Belo), vencemos facilmente, pois os nossos adversários eram muito fracos. Por este motivo, não podemos fazer um juízo certo do valor dos jogadores que neste dia nos representaram, esperando por futuros encontros para julgarmos com justiça o valor dos suplentes à equipa de cadetes.

FERNANDO LOUREIRO
Aluno n.º 390

Dia 31 de Janeiro de 1951

INFANTES

Pupilos-Escola Comercial de Ferreira Borges

Vitória dos Pupilos por falta de comparecimento do adversário.

VANGUARDISTAS

Pupilos, 2-Escola Comercial de Ferreira Borges, 1

(10-15; 15-4; 15-8)

A nossa equipa encontrou inúmeras dificuldades para vencer este encontro. Na primeira partida a equipa da Escola Ferreira Borges mereceu a vitória, pois de facto lutou com mais alma e sorte. Os nossos jogadores pareciam desinteressados do jogo, e por esse motivo, os alunos que se encontravam a ver sofreram bastante.

No segundo jogo, atacámos logo de início.

No terceiro jogo continuámos a ser superiores, acabando por vencer justamente. Neste jogo, Rodrigues sofreu uma luxação no pulso direito, que o impossibilita de jogar durante algum tempo.

Neste dia só se disputavam encontros de infantes e cadetes, mas os nossos adversários limitaram-se a faltar, pelo que marcámos os pontos regulamentares.

Eram nossos adversários as equipas das Escolas de Pedro de Santarém e Agrícola da Paia, em infantes e cadetes, respectivamente.

FERNANDO LOUREIRO
Aluno n.º 390

ESTE NÚMERO DE «O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O jornal aos

DEUS, PÁTRIA
E FAMÍLIA

Alunos do Exército

Toda a Educação Física,
para ser Educação digna de
tal nome, precisa de atender
à alma do indivíduo.

MÁRIO GONÇALVES VIANA

Redactor: HENRIQUE M. CARREIRA

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

Editor: CURSOS FINALISTAS

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Editorial Império, Ld.ª / R. do Salitre, 151/5

EGOISMO E PERSONALIDADE

Ouve-se frequentemente falar da personalidade de alguém, e este vocábulo, sonoro pelo número e arranjo das sílabas, entra-nos no coração, deixando lá a ressonância de um eco cheio de idealismo, que nos entusiasma. É natural.

Todo o indivíduo humano é uma pessoa, mas, coisa paradoxal à primeira vista, nem toda a pessoa é uma personalidade.

Não vamos entrar na análise metafísica do constitutivo da pessoa humana, porque seria assunto demasiadamente profundo para a maioria dos leitores do nosso jornal. Vamos simplesmente fazer uma distinção real entre egoísmo e personalidade para que nos não aconteça a triste aventura de comer gato por lebre.

Desde que se fale do ser humano, composto de matéria e de espírito, está-se em presença de uma pessoa, pelo simples facto de, no homem, haver a alma racional, centelha do espírito do próprio Deus, cujo Mistério se nos descobre na Trindade de Pessoas e na Unidade da Substância.

No homem, a pessoa nasce do espírito e não da matéria. Ninguém, por mais materialista que seja, se atreve a falar da pessoa atribuindo-a ao irracional, ao cavalo, por exemplo. Entre os seres que habitam a face da Terra só o homem é pessoa.

Personalidade e pessoa não são sinónimos, embora não haja personalidade sem pessoa. Toda e qualquer pessoa pode e deve tornar-se personalidade. Mas isso é resultado de um grande segredo.

Indivíduo, pessoa e personalidade são realidades bem distintas.

O termo — indivíduo — podemos atribuí-lo tanto ao irracional como ao homem. Mas, pessoa só convém ao homem, e não ao irracional.

Fedro, numa das suas fábulas, conta-nos como a raposa um dia fez a distinção entre indivíduo e pessoa. Numa certa ocasião, uma raposa viu uma máscara, como essas que se usam por aí, no Carnaval. Parou a contemplar a máscara até que percebeu o facto de ela não raciocinar. Então, o bicho teria dito com ares de desilusão — Oh! quanta species, sed cerebrum non habet! Oh! que beleza, mas não tem cérebro!

A pessoa manifesta-se nos por meio do cérebro raciocinante. Mas a personalidade é outra coisa bem superior. Consiste na vontade po-

derosa até ao completo domínio de si mesmo.

Quando uma pessoa atingiu aquele estado de virtude até se dominar completamente, essa é uma personalidade. É segredo, isto. Em que consiste, pois, esse segredo? Na actividade de quatro forças ou virtudes chamadas: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

Para que alguém chegue a ser uma personalidade tem de possuir e de desenvolver ao máximo aquelas quatro virtudes morais.

Ora, a verdade é que se encontram numerosas criaturas humanas que, das virtudes só possuem as raízes nuas e raquiticas, e, no entanto, atrevem-se a blasonar-se personalidades! E então? Então, é muito simples. Comem gato por lebre!

O facto está em que o «eu», atascado na matéria até ao ponto em que os franceses dizem «le moi est haïssable», agita-se num esforço titânico, barafusta e disfarça-se só

(Conclui na 2.ª pág.)

Para os alunos do Ciclo Preparatório

O NOVO MILAGRE DAS ROSAS

(CONTO INFANTIL)

Joãozinho anda na 4.ª classe e, este ano, começou a estudar a «História de Portugal».

O que mais o entusiasmou ainda foi o conhecido episódio da «Lenda das rosas»; e até se lhe meteu na cabeça escrevê-lo em peça para o representar com os manos, numa das suas costumadas brincadeiras. A Teresa, a irmã mais velha, havia de ser a Rainha Isabel. O mais pequenito, o Carlitos, seria o pagem da Rainha, aquele que a levou ao casebre tão pobre onde o milagre se deu. Os restantes, (a irmandade era numerosa...) representariam os pobrezinhos.

E o papel de D. Dinis, o papel de Rei... — adivinhem lá a quem ficou pertencendo? — Pois foi ao nosso Joãozinho, está bem de ver!

Há-de ser uma coisa a sério! — afiançava o jovem dramaturgo entusiasmado — mas o que se chama a sério!

E logo nessa noite, após o jantar, começou a planear a sua obra... Tantos actos, tantos intervalos... ia ser uma coisa a sério!

Quando o mandaram deitar, deu as boas-noites, como de costume, aos pais e aos manos, foi para o

quarto, despiu-se, deitou-se, fechou a luz, mas...

Ficou assim deitado, muito quieto, e não se deixou dormir; esperou, com um olho aberto e outro fechado, que todos se deitassem também e adormecessem.

O relógio deu as dez horas, deu as onze horas...

Na casa havia já, então, silêncio completo.

Joãozinho acendeu o candeeiro e, sem fazer barulho, saiu da cama, vestiu-se e sentou-se à sua secretária em frente mesmo da janela do quarto.

Nervoso mas encantado, sentindo bater-lhe o coração mas inebriado pela aventura, começou então a escrever, no alto duma folha branca — a maior que tinha encontrado na sua pequenina secretária:

«O milagre das rosas»

«Esta história passou-se no tempo de El-Rei D. Dinis que tinha por sinal o cognome de «Lavrador» porque mandou plantar o pinhal de Leiria»

Releu a introdução que lhe pareceu muito boa; e o diálogo começou:

os animais, e, por cúmulo de perfeição entitativa, é dotado de inteligência, pela qual participa do mundo suprasensível e imaterial, com os espíritos.

Esta riqueza do ser humano causa sérias dificuldades às próprias ciências que dele se ocupam, e a nossa inteligência, limitada, vê-se na necessidade de proceder por partes, estudando-as separadamente, para chegar a um conhecimento total, sintético, capaz de dirigir eficazmente o trabalho da educação. Além desta complexidade da natureza humana tornada objecto de ciência, as ciências e as artes educacionais deparam com outras não menores dificuldades de método, acrescidas pelas que são inerentes à natural tendência da razão para totalizar o conhecimento parcial, tratando-o independentemente do todo substancial, que é o composto humano.

Sem perdemos de vista as realidades que acabamos de lembrar, entremos no assunto que nos propomos estudar hoje:

Da Escola na sua actuação preparando os homens para a vida.

Na introdução geral a estes temas educativos (Conclui na 2.ª pág.)

Diz o Rei para a Rainha:

— Olha que eu vou passear mas não quero que gastes dinheiro nem des pão a ninguém, ouviste?

A Rainha respondia que «sim» e o Rei saía. Vinha então o pagem contar que, não muito longe do palácio, vivia uma família tão pobrezinha que nem pão tinha para comer, nem roupa para se agasalhar.

A Rainha diz para o pagem:

— Está bem, eu vou lá, mas o Rei escusa de saber, ouviste?

E o Joãozinho dispunha-se a começar a cena final, a mais linda cena de todas, quando reparou que a peça já ia muito longe, com um acto muito comprido. Então, pôs-lhe seguidamente esta breve advertência:

«Para as pessoas descansarem, há um intervalo; e depois é o segundo acto, a seguir ao primeiro»

O trabalho corria-lhe bem! O que não havia era tempo para parar... A peça era muito grande! Realmente o relógio começou nessa altura a dar a meia-noite.

(Conclui na 2.ª pág.)

A ESCOLA PELA VIDA PARA O AMOR

(Conclusão da 1.ª pág.)

acionais, dissemos que: Depois da iniciação na vida dentro do seio da família, segue-se o ambiente da escola, e, finalmente o da sociedade.

Na formação de um homem verifica-se o mais completo processo de evolução natural desde as primeiras células do embrião até à plenitude do homem perfeito.

Esta evolução natural e homogênia dentro da própria espécie criou necessidades tais que a família, por si só, não basta para a formação integral do homem, e exige a colaboração de instituições especiais, uma das quais é a Escola.

O fenómeno da evolução existe dentro da própria Escola como instituição, sempre subordinada à evolução da criança, e por isso a criança necessita de passar do âmbito restrito do seio da família para o ambiente da Escola chamada maternal, sem mudança brusca nem violência, como o exige a delicadeza natural da evolução da criança.

Na hipótese de família sã no corpo e no espírito, a Escola só poderá continuar a acção formativa, se for instituída dentro dos mesmos princípios sãos, para que os elementos recebidos com o leite materno e as primeiras verdades e sentimentos possam continuar a informar a criança no seu desenvolvimento contínuo.

Logo a Escola não se pode instituir arbitrariamente, mas há-de ser a continuação aperfeiçoada do ambiente de família sã, e há-de dispor de todos os meios aptos para promover a evolução da criança no sentido do homem perfeito, actuando de modo tal, que realize completamente o conceito — EDUCAÇÃO, que é «a arte de cultivar, exercitar, desenvolver, fortificar e polir todas as faculdades físicas, intelectuais, morais e religiosas, que constituem, na criança, a natureza e a dignidade humanas».

A luz deste conceito normal de educação já se vê que a Escola desempenha uma função de primeira ordem na preparação do homem para a vida.

Se, por infelicidade, a Escola não é o que deve ser, a sua actuação já não será um estímulo e a orientação de uma vida humana, que evolui no sentido do homem perfeito, mas será um agente de morte, mais temível do que a falta da mesma escola, porque iria destruir as fontes da

EGOISMO E PERSONALIDADE

(Conclusão da 1.ª pág.)

para dar aos outros a impressão, com aparência de personalidade. Pobres máscaras, que fazem dó à raposa de Fedro!

O egoísmo é o estado da pessoa que, despida das quatro virtudes morais, se constitui o centro do Mundo, como um sol que quer ver girar muitas estrelas e planetas em torno de si. Como, por definição real, o egoísta é odioso, não tem força de atracção suficiente para fazer girar em torno de si o seu almejado sistema, e então vá de se impor tiranicamente por todos os meios, e assim consegue momentos de doce ilusão de personalidade trágica.

As personalidades são raras, e os egoístas abundam como as ervas daninhas.

Se alguém quiser tornar-se verdadeira personalidade, comece por destruir o seu egoísmo. Vença-se a si próprio, e então, sobre as ruínas do egoísmo ergue-se a torre inexpugnável da personalidade irradiando vida, luz e calor.

Sócrates ensinou ao homem — conhece-te a ti mesmo. Este é o primeiro passo para a personalidade. Cristo ensinou: Vence-te a ti mesmo. Este é o segundo passo. Depois é só marchar.

Viva Voce

perfeição e da felicidade do indivíduo, e, consequentemente, da sociedade.

Se olhássemos o problema à luz da história, veríamos que, em dadas épocas, a Escola tem seguido princípios arbitrários inspirados por preconceitos, filhos da cegueira das paixões sectárias, desviando-se da finalidade e da missão que lhe impõe a natureza da criança. A título de confirmação recordemos a sentença de Guerra Junqueiro no seu livro: «Prosas Dispersas», onde escreveu: «A Escola sem Deus é como o Universo sem rumo, morto, decapitado».

A Escola, para cumprir a sua altíssima missão tem de conhecer a criança na sua natureza e na sua finalidade ou destino eterno, e a cujos interesses se há de subordinar.

O modo de actuação da Escola, durante os primeiros anos, certamente até à entrada da criança na puberdade, tem de ser o modo da actuação maternal, que acompanhará sempre o emprego dos métodos científicos e toda a perfeição da técnica pedagógica. A Escola agirá, pois, à maneira de mãe, isto é, envolvendo a criança numa atmosfera de verdade, de bem e de amor com tal jeito que realize, a seu modo, o que é essencial no conceito de maternidade.

A propósito do que acabo de escrever, devo dizer que se tem feito grande barulho à volta de métodos de ensino torturantes para os professores primários e esterilizantes para a boa formação das crianças, métodos interessantes na teoria, ou para as investigações policiais, mas julgo que teríamos maiores vantagens em seguir os nossos métodos portugueses, como nos ensinou o nosso eminente Pedagogo, que foi João de Deus. A febre de importação de todas as inovações causando o desinteresse e abandono dos valores nacionais e humanos, tem causado muito mal nos resultados práticos da nossa Escola.

Ótimo seria, pois, que a actuação da Escola primária se mantivesse dentro do modo de actuação maternal.

A mãe envolve o filho numa atmosfera de verdade, de bem e de amor que o defende de perigos enormes, no seu desenvolvimento progressivo até se fazer homem. A Escola também pode e deve agir assim. Nestas condições a Escola preparará homens para viverem a vida dignamente.

Mas o problema é difícil. E parece que, quanto mais se avança, mais longe se está da boa solução.

O que mais importa na obra de educação, ministrada por quem quer que seja, é conservar a saúde mental que se manifesta no justo equilíbrio do juízo recto, sempre dentro do bom senso e da justiça. Mas parece que é precisamente contra a rectidão do juízo e do raciocínio que a Escola vai agindo. A mais nobre função do homem, e do homem educado, é *Julgar*. Para julgar tem de discernir ou distinguir. Ora o espírito falso, pelos princípios, nunca pode julgar bem.

Para prova destas considerações queria apresentar os argumentos que o Sr. Engenheiro Cabral de Melo escreveu no jornal «A Voz», de dia 17-II-951.

Fala o Autor precisamente acerca de crítica, e diz que: «Crítica, fundamentalmente, é a arte de julgar por comparação de duas coisas comparáveis entre si ou com uma terceira, a fim de encontrar a verdadeira expressão do seu valor relativo ou absoluto».

«A Crítica tem a sua técnica exigindo de quem se proponha exercê-la, além de vasta cultura geral e apurado sentido das proporções, elevado espírito de justiça para julgar com acerto, à margem de simpatias ou antipatias, de amizades ou inimidades — qualidades raras entre os portugueses. A estes falta, sobretudo, o sentimento da objectividade».

E diz, ainda, isto, que é bem mais pesado, e muito importa para o nosso caso da actuação da Escola — «Longe de a contrariar, cultiva-se em Portugal esta

tendência, se não veja-se como, de um modo geral, se ministra nas nossas escolas o ensino da História Pátria.

Antes que o aluno possua capacidade para ajuizar do valor relativo dos acontecimentos e das pessoas, reportados à época em que se deram ou existiram, sem o que não pode haver Crítica; antes de a criança saber ainda o que seja a História, de conhecer os factos ordenados cronologicamente e de saber quais foram os Chefes da Nação desde a sua fundação até ao presente; antes de tudo isto, ensina-se-lhe a criticar — de cor e inconscientemente, como não podia deixar de ser — as figuras da nossa História, não havendo Rei ou Presidente, herói ou sábio a quem, depois de feito o panegírico, se não aponte este ou aquele defeito, que lhe empane o brilho».

O português, por via de regra, não sabe fazer Crítica; faz má língua, a que ninguém nem coisa alguma consegue escapar».

É claro que se a escola formasse na má língua em vez de formar na rectidão do juízo acerca das coisas e das pessoas, tornar-se-ia responsável pelo envenenamento das fontes de felicidade e de bem-estar, que Deus criou no homem, para que ele ocupe dignamente o lugar que lhe cabe no Mundo.

Será necessário tornar sãos os principais factores da verdadeira elevação dos povos. O Sr. Capitão Cabral de Melo cita depois um caso de amor, devoção e exaltação dos valores pátrios tirado da

educação francesa. Notaríamos que a reacção da verdade histórica foi violenta em França, quando se começou a pôr de parte a História feita para uso do Delfim. Não se advoga o falso princípio de deturpação, escondendo os defeitos para só mostrar as qualidades, mas a Escola maternal sabe formar primeiramente a faculdade de julgar com objectividade e justiça, para depois lançar o educando no contacto com as realidades da vida. Na França também há erros de formação, e a Escola francesa nem sempre serve de modelo.

É possível que a Escola perca de vista o objectivo principal da sua actuação, que é formar homens, para se ocupar principalmente em ministrar noções das ciências naturais, com vista à instrução sem educação.

O que importa é a qualidade e não a quantidade. O pensamento francês procura este objectivo na educação, como se vê na frase: *il vaut mieux une tête bien faite qu'une tête trop pleine*. — Mais vale um espírito bem formado que um cérebro muito cheio de noções.

Estes pensamentos sobre a Escola, na sua actuação formando os homens para a vida, não se referem só à Escola primária, mas aplicam-se a toda a orgânica educativa, até ao final dos cursos superiores.

O Homem será por toda a vida aquilo que a família e a Escola o tiverem feito, salvas raras excepções.

Antero Ribeiro Gomes

O NOVO MILAGRE DAS ROSAS

(Conclusão da 1.ª pág.)

Depois a Rainha chegou ao casebre que o pajem lhe havia indicado. E aquela pobre gente ergueu-se da sua tristeza à chegada dela. Todos a rodearam, cheios de esperança e de fé. A Rainha é tão boa! A Rainha é uma santa! Ela sorria, e só de a verem sorrir já todos sentiam menos fome!

Mas nisto abre-se de novo a porta e... quem aparece?

— O Rei, façanhudo e iracundo. Está terrível, de sobrolho carregado; a sua voz faz tremer:

E diz o Rei para a Rainha:

— O que é que trazes aí no teu vestido? Anda, diz lá?

A Rainha baixa os olhos e não diz nada. Traz pão, já se sabe; traz algumas moedas de ouro... Pobre Rainha! Tão santa! Tão boa! E o Rei a insistir:

— Anda, mostra lá, deixa lá ver o que é que trazes aí?

Ela então abre o manto, abre-o lentamente e... oh milagre! — são rosas, rosas aos montes que caem do seu regaço e se espalham pelo chão, enchendo de luz todo o casebre!

Mas nisto Joãozinho pára de escrever. Sente um suor frio, uma grande aflicção! Porquê?

Lembrou-se (só nesta altura, veja lá!) que a Teresa precisava de rosas para representar aquela cena; e logo, por fatalidade, já não era o tempo delas; já todas as roseiras do seu jardim estavam despidas, aguardando o próximo Abril para voltarem a florir!

E agora?

O relógio deu uma badalada, um pingo de som, frio também, na quietude da noite. Então é que o

Joãozinho começou a ouvir uma voz dentro de si que lhe estava dizendo:

— Joãozinho, fizeste uma má acção por teres enganado os teus paisinhos!

Desgostoso e infeliz, correu a deitar-se outra vez, sem mesmo cuidar de arrumar os papéis onde palpitava ainda, cheia de emoção e de arte, a sua primeira obra literária.

Custou-lhe a adormecer... O remorso é mau companheiro! Mas, por fim, o sono sempre levou a melhor.

E era já tarde quando, na manhã seguinte, despertou.

A janela estava aberta de par em par e o Sol entrava, chamando-o. Joãozinho sentou-se imediatamente na cama, com pressa de se levantar, não fosse a mãezinha perceber, pela extensão do seu sono, a maldade daquela noite.

E ia a dar um pulo quando...

...Esfregou os olhos e depois abriu-os, muito, muito...

— O que era aquilo? Seria verdade? Oh meu Deus!

Em cima da secretária e ao lado dos seus papéis dispersos, uma jarra com lindas rosas sorria para ele... misteriosamente... enigmáticamente... (Joãozinho não sabia que há rosas de todo o ano).

Sim, era um milagre... um novo milagre das rosas. E sentiu lágrimas nos olhos...

Então, mesmo em pijama, correu pela casa e atirou-se para os braços da mãezinha:

— Mãezinha, Mãezinha, obrigado, muito obrigado, e... desculpa!

Assim a sua peça se pôde representar, naquele dia, por esse novo milagre das rosas, milagre do amor de Mãe!

Instituto de Benfica.

José M. Alves Ribeiro
Capitão

PÁGINA Literária

E o menino chorou...

Era um daqueles tristes, cruéis mesmo, dias dos fins de Dezembro. Ao cair da tarde, uma chuva que não é chuva, mas molha, um céu pardo que nem merece o nome de céu, as casas com uma carranca terrível, dir-se-iam novos Adamastores, o impertinente buzinar dos veículos de mil e um aspectos, uma Babilónia de ruídos, de esgarres, enfim, uma rua duma cidade cosmopolita, numa tarde de Dezembro tão cheia de poesia negativa que nunca chegou positivamente a inspirar um fazedor de versos.

Numa rua cheia de pessoas e de ruídos, mas vazia de beleza (clássicamente entendida) havia um ser que aos olhos dum cego devia parecer um rubi dos mais belos, mas que aos olhos dos que dizem ver era um nada no meio de outros nadas que constituíam o todo do ambiente.

Era um menino, descalço, com uns resíduos de calças com multicores remendos, um casacão que em tempos fora ostentado nos salões por um militar que blasonava aos quatro ventos que estivera no Cuangar, depois nos Dembos, em seguida fora até ao Moxico. O menino possuía um coração e também um anjão neste oval com duas safiras, e meia dúzia de autênticos caracois fulvos, onde nunca entrara o que se chama um pente. Esse nada que continha tudo do que há de mais sublime, estava parado, um dedito na boquita, os olhos fixos, a cabeça um tanto inclinada e olhava... Acordava de vez em quando e então lembrava-se da sua missão e pedia uma esmola.

Parei, olhei, vi, desejei, pedi e Deus fez-me a vontade. Durante aquela tarde deixei de existir para ter um lugar naquela singela alma e com ela vivi.

Cinzas dum sonho

Ao I. P. E.,
recordando nove anos

Ai, a Vida!
A decadência das horas
E o tempo que há-de chegar.
A saudade dos que ficam
No último beijo triste.
Os sonhos que se desfazem:
Mar alto da fantasia
Que o destino encapelou.

Ai, este livro da vida!
Que vontade de rasgá-lo,
Que desejo de queimá-lo
E ser eu a sua cinza:
Liberta, pelos ares fora,
Pelos mundos ignorados
Onde não haja pecados
Nem nada por aprender.
Ai, a vida!
Que vontade de esquecer!

Ilha do Sal, Fevereiro, 1951.

BERNARDINO OLIVEIRA TORRES

... ..
O menino parado e olhando o vácuo era já um homem feito, embora fosse menino, tanto vivia... Ele evocava o frio da manhã. O vento assobiando sem piedade, nem tinha pena dele! Via o pai: estava tão amarelo e deitava sangue pela boca, estava sempre zangado! A mãe batera-lhe para sair da cama. E ele caíndo de sono e de fome metera a mão num cântaro e tirara um pouco de água para tirar as remelas dos olhos. Tinha fome! A mãe não lhe dera nada, não tinha. Ele via ali ao lado a irmã, já grande, estava na cama com aquele homem que entrava tarde, fazia barulho, dizia muitas palavras que ele não compreendia, mas que a mãe não gostava de ouvir. Ele batia na irmã, dormia com ela e, às vezes, deixava dinheiro. Era tão mau! Tinha tanto medo dele! Não queria voltar para casa, só tinha oito tostões, tinha fome!...

Viu uma senhora:
— «Eia! Que bonita! Tem tantas coisas a brilhar! Olha as unhas dela! Não são como as nossas, têm outra cor, ela cheira tão bem!» E ele pedia uma esmola. Via um carro, aproximava-se, e de olhos arregalados olhava: «— Eia! Uma coisa grande, redonda, muitos números, muitos pauzinhos entre ele! E sorria, com o dedito na boca.

Parava ao pé das pastelarias e via... «Olha! Eles comem tanto». E ria, «aquilo é que deve ser bom». E o pobrezinho, descalço, tiritando de frio, descia a rua, olhava para tudo tão candidamente que aquela fealdade que o cercava tornava-se bela e sublime. Ele agora olhava para um homem muito escuro, em cima dum as pedras, era muito grande; não compreendia o que era aquilo. O menino andava sempre, pensava sempre, olhava sempre, e pedia também sempre. A mãe tinha-lhe ensinado como dizer. «Dê-me uma esmola p'ró meu pai que está trubezuloso, dê».

E o menino com uma palhinha, ia, rua abaixo, alheio ao barulho, mas atento aos mais pequenos pormenores. Na sua alma entrechocavam-se os mais variados sentires. Ele via agora muitas senhoras e senhores a rir, a comer, e parava.

— «Eles devem ser ricos, eles ríem, eles estão contentes». E continuava.

... ..
Viu uma casa grande e de lá vinha um barulho, mas muito diferente do das ruas; e muita gente entrava e saía. E o menino muito tímido entrou, parou no meio da casa, qual anjo, olhou em redor e viu muita gente com uma coisa, nas mãos, que tinha muitas bolas; as mulheres tinham um pano na cabeça. Ele viu. Lá ao fundo havia muitas luzes, estava um homem com saias a falar. E o menino parado olhava para tudo. Via aqueles homens na parede, viu uma senhora muito linda que estava a olhar para ele. Ao pé dela estavam três meninos. Deu mais uns passos e

parou, olhou e riu para uma senhora toda de branco. Tinha umas saias muito grandes, todas brancas; na cabeça, também tinha um pano todo branco. Era tão linda! A senhora sorriu e chamou-o, ela também tinha um cordão com muitas bolas. E ele foi ao pé da senhora! Pegou no cordão, brincou com ele. Parou e olhou para a senhora: ela riu e perguntou-lhe o que fazia. Ele sorriu, olhou candidamente a senhora e pegou numa coisa com dois paus em que estava um homem com os braços abertos e ficou a olhar muito tempo.

— Quem é? — perguntou a senhora. O menino sorriu e olhou para o homem de braços abertos.

— Não sabes quem é? — E o menino acenou que não.

— Oh! É Nosso Senhor!

O menino sorriu e foi-se embora. À porta parou e olhou para trás, para a senhora de branco com os três meninos... e saiu a correr.

... ..
Cá fora fazia tanto frio, havia tanto barulho! O menino estremeceu, quis voltar para dentro, mas viu o pai a cuspir sangue, viu a mãe a ralar e a contar os tostões, a irmã com os cabelos no ar, a cantar muito alto, viu o homem mau entrar... e o menino teve medo. Pediu um tostão, não lhe deram. O menino não sabia contar, mas sabia que tinha pouco, e começou a chorar. Lembrou-se da senhora de branco e quis voltar.

E o menino foi indo...
... ..
Atravessava, agora, um montão

(Conclui na 4.ª pág.)

POR FAVOR

Aos nossos Prezados Assinantes que ainda não se dignaram satisfazer o débito da sua assinatura, pedimos o favor de o fazerem quanto antes. Nós não mandamos recibos à cobrança, e esperamos que nos enviem as importâncias, em vale postal, ou carta registada. Acusaremos a recepção publicando os nomes no próximo número. Também pedimos às Unidades Militares o favor de nos atenderem e de não devolverem o jornal. Os Pupilos do Exército esperam a protecção do Exército.

Os encargos financeiros do jornal são consideráveis, não obstante o nosso sacrifício, e, se não formos ouvidos desta vez, seremos obrigados a modificar o jornal.

Queremos agradecer publicamente ao aluno n.º 390, Fernando Loureiro, que tem sido de extrema dedicação ao jornal, pelo seu trabalho e pelo número de assinaturas que obteve.

Pela última vez indicamos o quadro das categorias estabelecidas para o pagamento das assinaturas:

De simples assinante	20\$00
De auxiliar	25\$00
De benfeitor	30\$00
De amigo	50\$00
De padrinho	100\$00

a enviar para: «O Jornal dos Pupilos do Exército» — Travessa de S. Domingos de Benfica — Lisboa — Portugal.

ESTE NÚMERO DE «O JORNAL DOS PUPLOS DO EXÉRCITO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ENCONTRO

Voltei hoje a vê-la, imponente na sua avançada idade, que se revelava pelas rugas da face que, ao contrário do que acontece geralmente, davam-lhe um ar juvenil e alegre de quem vive confiante no destino, amando a Vida e temendo a Morte.

Além disso, o cabelo prateado emprestava à sua pessoa uma saliente distinção, que obrigava todos a repararem nela. Era um rosto bondoso, alegre, simpático, com uns olhos que pareciam falar e chamar a todos nós irmãos, numa manifestação de solidariedade humana.

Foi nela, nessa senhora sexagenária, que eu pude ver reflectida a voragem dos dias que já passaram por cima de mim, transformando-me, pouco a pouco, num sério candidato à velhice. Num rápido impulso, senti-me levado pela onda das recordações e não consegui evitar um sorriso complacente de mim mesmo.

Já lá vão vinte e tantos anos...

★

Conhecem aquela idade de transição dos rapazes para homens,

em que todos os seus actos traduzem o forte desejo da maioridade, que a não ser reconhecida, constitui forte ofensa pessoal? A idade do sonho e da fantasia, tecida, minuto a minuto, de olhar para a própria sombra, usar poupas provocantes e donairosas no cabelo e uma milimétrica fita de cor incerta, entre o nariz e a boca, a que eles, mui sèriamente, chamam «o bigode»? Sim, todos sabem perfeitamente o que é essa idade, em que as conquistas são «aos milhares» e as verdades, às milésimas, do que seria plausível aceitar.

Pois bem; eu também fui dessa idade e experimentei (para que negá-lo) iguais sensações. Sentia-me por vezes, galã irresistível e o mínimo indicio de atenção era registado como paixão louca, desbertada noutro ser. Sentia-me um castigador! Como hoje tudo isso me parece ignóbil e ridículo!

Dentro da minha já avultada lista de conquistas, faltava-me, porém, aquela, que fosse tão espectacular que só por si me trouxesse uma celebridade relativa, pelo menos, no meu meio. E ela apareceu,

(Conclui na 4.ª pág.)

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

Campeonatos de "Volley-Ball" da Mocidade Portuguesa

Dia 25 de Fevereiro de 1951

INFANTES

Pupilos, 2 — Oficinas de S. José, 1

(10-8; 8-10; 10-6)

Vitória difícil dos nossos rapazes que, por este motivo, se encontram invictos

Técnica de "Hand-Ball"

2) — Como segurar a bola; exercícios de aperfeiçoamento

É importante, no capítulo técnico, a maneira como se segura a bola, porque, se for defeituosa a maneira de a segurar, podem originar-se ressaltos que, das duas uma, ou provocam falta do jogador (dois toques no ar), ou permitem ao adversário a interceptação e o conseqüente contra-ataque.

Portanto, vejamos qual a maneira correcta de segurar a bola, e quais os exercícios de aperfeiçoamento.

As mãos devem estar bem abertas, com os dedos estendidos, mas sem estarem rígidos. Os olhos devem estar voltados para a bola. Os dedos polegares devem quase unir-se na parte posterior da bola, isto é, na face da bola que está voltada para o rosto do jogador. Os outros dedos devem abraçar a bola pelos flancos. Se a bola for segura deste modo, nunca pode saltar das mãos. Qualquer outra maneira de segurar a bola é incorrecta e deficiente.

Quanto aos exercícios de aperfeiçoamento, podemos, para iniciar, fazer o seguinte: peguemos numa pequena bola de borracha, e tentemos colocar nela as mãos, da maneira como indico acima. Quando soubermos colocar as mãos correctamente, lancemos a bola ao ar, e procuremos agarrá-la na queda da maneira indicada; repitamos o exercício as vezes que forem necessárias, até que se faça a bloqueio de modo correcto. Falta-nos somente aprender a agarrar a bola vindo ela com força. Para isso, começemos por lançar a bola de borracha contra a parede, e a apanhá-la no ressalto do modo que se indicou. Depois, podemos começar o treino com um companheiro. A bola deve ser lançada dum para o outro com força progressiva. Não se deve desaminar se às primeiras tentativas se falhar. Os treinos devem ser diários, e a sua duração deve variar entre trinta e quarenta e cinco minutos.

FERNANDO LOUREIRO
al. n.º 390NÓ PRÓXIMO NÚMERO:
Como correr com a bola

no presente campeonato. O jogo foi agradável de seguir pelas constantes oscilações do marcador. Venceu, sem dúvida, a melhor equipa.

Pupilos, 2 — Fonseca Benevides, 0

(Vitória por falta de comparência)

CADETES

Pupilos, 2 — Ferreira Borges, 0

Pupilos, 2 — Patrício Prazeres, 0

(Vitórias por falta de comparência)

Estas faltas de comparência são de lamentar, pois com elas, as equipas faltosas demonstram pouca educação desportiva e nenhuma consideração pelos adversários.

FERNANDO LOUREIRO
Aluno n.º 390

ENCONTRO

(Conclusão da 3.ª pág.)

enfim, nesse sábado (claro está que somente existiu na minha vida e prodigiosa imaginação).

Vinha eu bem instalado no conforto da noite, consciente do poder que tinham os meus «másculos» 16 anos, quando reparei em alguém que me fitava fixamente. Era uma formosa mulher, elegante, e de fino traço. Os seus lindos olhos negros envolviam-me como numa estranha carícia, dotados dum intenso brilho, diferente, muito diferente mesmo do que vira até ali em outras mulheres.

Era um olhar meigo, todo amor, que me enleava, chegando a perturbar-me com a sua rígida fixidez.

Tinha chegado a minha ocasião. Estava totalmente entusiasmado e logo ali decifrei tudo o que significava aquele olhar: amor à primeira vista, arrebatado, louco.

Mil ideias me circularam na mente, mil projectos tecidos no espírito, que numa amálgama complexa exprimiam: Tenho de lhe falar hoje mesmo, ainda que seja necessário arriscar-me; está decidido!

Aquela situação manteve-se todo o caminho. Enredei aquela mulher com os mais cinéfilos e românticos olhares e colhi da sua boca o mágico sorriso, que eu logo interpretei como primeira manifestação concreta do que lhe ia na alma.

A viagem terminara, mas a aventura continuaria. E foi assim que eu a segui silenciosamente. Na solidão de Lisboa, àquela hora da noite, o som dos saltos dos seus sapatos chegava até mim, como se fosse a violenta pulsação do seu coração enamorado. Entrámos numa rua mais escura e eu estuguei mais o passo, até estar bem ao lado dela. E falei-lhe. Não me lembro bem o que disse, que piropos lhe dirigi e... ainda bem que não me lembro! Só me recordo perfeitamente dos seus olhos cravados nos meus, meigos como sempre, mais estranhos que nunca!

Resumiu-se ao jogo a seguir relatado a actividade da equipa de vanguardistas, durante o mês findo, devendo o Campeonato da Mocidade Portuguesa ter início este mês para o qual concorrem dez equipas divididas em duas séries estando a nossa equipa na 1.ª série.

Pupilos, 9-Colégio Visconde
de Castelões, 4.

Inicialmente alinhámos com: Nunes, Pina e Fernandes; Nortadas; Brites, Silva e Pereira

Suplentes: Romão e Sousa.

Árbitro: Fernando Loureiro.

Foi notório o equilíbrio entre as duas equipas durante a primeira parte, pedando os nossos avançados por falta de remate, e mostrando os nossos adversários bastante progresso em relação ao último jogo que efectuaram contra nós; assim, obtiveram o primeiro golo por intermédio de ataque; o empate surgiu aos dez minutos numa jogada de Romão

que entrou a substituir Silva. Pereira obteve o segundo golo após ter desperdiçado uma grande penalidade e novamente o empate aos 16 minutos. A poucos minutos do intervalo Brites obteve a terceira bola.

Com a entrada de Silva e Sousa a substituir Pina e Pereira a equipa carburou de outra maneira obtendo dois golos em dois minutos por intermédio de Romão e Brites. Silva fixa o resultado em 6-2 na transformação de uma grande penalidade; Brites eleva a marca com a obtenção de outro tento. Reacção do adversário resultando 3.º e 4.º golos. Próximo do final novamente Brites e Silva obtêm os dois últimos golos do encontro.

Arbitragem irregular.

VITAL DOS REIS

Aluno n.º 164

RECEBEMOS

REGISTAMOS

AGRADECEMOS

Tiveram a penhorante gentileza de nos enviarem as importâncias das suas assinaturas, os Ex.ªs Srs.

De amigo:

Capitão Mário Jorge Rios de Sousa, Engenheiro Teodoro Domingos Rita, D. Maria Alice S. Machado Dinis e Antero Seabra.

De auxiliar:

Coronel Vilhato da Fonseca Rodrigues e Major Dr. Carlos Silva e Costa.

De simples assinante:

Major Floriano Neves, Major Luís M. Soares e Silva, Capitão Alves Ribeiro, Engenheiro Bernardino Oliveira Torres, Engenheiro Olegário de B. Sousa Cristina, Salvia Vaz Peixoto, António da Costa, D. Odete Sirya da Costa, D. Arlete Marques da C. Duarte, Ivo Gabriel S. Santos, Afonso Cordeiro Banha, D. Maria Laura F. Barbosa e D. Maria M. da C. Resende.

E o menino chorou...

(Conclusão da 3.ª pág.)

de latas; ali adiante estava a casa dele. Entrou. Tossiu. Viu a mãe cheia de trapos a roer uma côdea, sofregamente. Viu o pai aos ais e a cuspir sangue, viu a irmã com o homem que tinha uma cara muito feia. A candura do menino era um paradoxo naquele ambiente. Alvo, leve, angélico. O menino parou, tirou os oito tostões e deu-os à mãe. A mãe olhou e sorriu desdenhosamente.

— Ah! Malandro, só isto?

O menino acordou, o vento assoviava. Ele tinha frio, fome, tinha dores terríveis, a mãe batera muito, muito mesmo. Virou a cara e ouviu o pai a tossir. Estava tudo tão escuro... o menino lembrou-se da senhora de branco com os três meninos e quis voltar, e chorou...

Luís António Ayres de Barros

★

Francamente gostei de a ver. Senti-me mais jovem e o meu encontro com ela foi por breves momentos o reencontro impossível com a minha mocidade!

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1951.

DAVID NOGUEIRA
SEQUERRA

O jornal aos

DEUS
E F
TRIA
LIA

Suplidos do Exército

«Cumpramos, meus senhores, devotada e sinceramente, o testamento de confiança deixado pelo nosso saudoso marechal na pessoa de Salazar».

disse o Sr. Ministro do Exército na visita ao Q. G. do Governo Militar de Lisboa.

Redactor: HENRIQUE M. CARREIRA

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

Editor: CURSOS FINALISTAS

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Preço: 100 Esc. / Imp. e Comp. na Editorial Império, Lda. / R. do Salitre, 151/5

O NOSSO UNIVERSO

A palavra «universo» está hoje um pouco desvalorizada! O facto é resultante de se ter usado e abusado de «universo» e de «universal», a propósito de tudo e de nada.

Agora até os sábios admitem a existência de vários, de milhares, de universos entre os quais se encontra aquele a que chamaremos «nosso» e cujo nome científico é «Universo Galáctico» ou «Galáxia».

Para sabermos o que é este «universo» e quais os outros, começemos por observar o céu e, para tal, recorramos a telescópios cada vez mais potentes, como o de Monte Wilson cujo espelho mede 2,50 m. de diâmetro, ou o de Monte Palomar cujo espelho tem, aproximadamente, o dobro do diâmetro do anterior.

A princípio, quando aumenta o poder amplificador do instrumento, reconhece-se que o número de estrelas vai aumentando; depois verificamos que a «Via Láctea» ou «Estrada de Santiago», que segundo a lenda é formada por gotas de leite de Juno que escorreram pelos astros, não é uma nebulosa mas sim um conjunto de miríades de estrelas e, finalmente, que a partir de um dado limite o número de estrelas não aumenta, o que nos mostra que o seu número é finito.

Não pretendamos, como Hiparco, contar este número mas, se medirmos a distância a que se encontram de nós, concluiremos que existe um limite para essas distâncias.

Ao nosso espírito pode vir a ideia de que o espaço seja opaco a partir desse limite; reconhece-se, porém, que muito além das estrelas mais afastadas de nós aparecem uns «corpos» que povoam o céu e que designaremos por «nebulosas espirais».

Conclui-se então que as estrelas que podemos observar, incluindo nelas a Via-Láctea, constituem um «grupo».

Estudando agora a distribuição das estrelas pelo céu, verificamos que elas estão irregularmente agrupadas formando como que «aldeias, vilas, cidades», mas que o seu conjunto apresenta a forma de um disco; é este disco, a que se dá o nome de Galáxia, que constitui o nosso «universo».

Continuando a análise que estamos fazendo vamos indicar as dimensões deste universo e, para isso, consideremos como unidade de medida o caminho percorrido por um raio de luz num ano, não

esquecendo que a velocidade desta é, aproximadamente, de 300.000 quilómetros por segundo: o diâmetro do disco será de 100.000 anos de luz e a sua espessura de 15.000 anos de luz!

Isto é que são, verdadeiramente, números astronómicos.

As dimensões apresentadas pouco nos dizem a não ser que o nosso universo é enorme!

Procuremos esclarecer o assunto: se uma estrela situada na periferia do disco deixasse de brilhar o facto só seria observado, no extremo oposto do diâmetro que por ela passasse, 100.000 anos depois!

Reconheço que até aqui pouco avancei na explicação mas lembremos que a luz vem do sol à terra em 8 minutos e que da estrela mais próxima até nós gasta 4 anos.

Se considerássemos reduzida a 12 cm a distância da Terra ao Sol a Galáxia teria de diâmetro 800.000 quilómetros e de espessura 120.000 quilómetros!

★

A noção do universo Galáctico é devida a William Herschel, o cé-

(Conclui na 2.ª pág.)

SERVIDORES E SUBSERVIENTES

Servidor e subserviente são dois polos opostos da mesma escola — trigo e joio, diamante e vidraça, nem sempre fáceis de distinguir ou cuja diferença não interessa a muito boa gente.

Servidor, para mim, é todo aquele que, sem quebra da dignidade nem limites de dedicação, tudo sacrifica à coisa ou pessoa servida.

O subserviente, pelo contrário, não conhece a dignidade e tudo sacrifica ao seu próprio interesse não poupando até o objecto ao serviço de que se encontra.

O primeiro tem alma de soldado e o segundo estofa de laçao ou alma de réptil; contudo não falta quem prefira o subserviente ao leal servidor pela mesma razão que muitos preferem a mentira que lisonjeia, à verdade respeitosa que magoa ou não encobre as dificuldades de determinados problemas.

Servir requer fidelidade, lealdade e dedicação; exige espírito de sacrifício e de subordinação pois quem serve, desserver-se muitas vezes, sacrificando interesses próprios, quer materiais quer espirituais, à nobre missão de bem servir.

Quem serve sob as ordens de outrém não pode esquecer a sua po-

sição relativamente a esta, sendo de sua obrigação procurar entender o pensamento de quem dirige para executar, como se fossem de iniciativa própria, as ordens que recebe.

No entanto, sempre que, em sua consciência, o cumprimento duma ordem pudesse conduzir a resultados inconvenientes, cumpre ao servidor acautelar o chefe, sem contudo pretender inverter os termos ao quebrado porque também há muitos subordinados, cuja preocupação máxima é contrapor sistematicamente uma sugestão sua a toda a ordem ou instruções recebidas de quem de direito.

O servidor só conhece um caminho — o da verdade que lhe dita a consciência.

Sem deixar de fazer o que lhe ordenam, o servidor diz o que pensa, não buscando, pela lisonja, o agrado dos chefes, procura facilitar-lhes a missão, poupando-os a incómodos e trabalhos mas não lhes encobre a verdade, embora saiba que pode vir a cair-lhes no desagrado.

Ao contrário, o subserviente só conhece a voz da conveniência. Li-

(Conclui na 2.ª pág.)

O NÓ GÓRDIO DO NOSSO TEMPO

Não podemos deixar de falar dos assuntos que nos encham o coração e o cérebro.

Em primeiro lugar está o problema da educação da juventude portuguesa. Nenhuma assembleia legislativa, nenhum poder humano pode reformar o mundo nem tornar melhores os homens por meio de decretos e de leis, ainda que sábias e justas, sem a preparação dos ânimos para aceitarem, incarnarem e viverem essas leis.

O medo gela e paralisa tudo, e por isso se explica o terrível silêncio de tantos educadores desanimados perante os insucessos na solução dos problemas da educação. Os resultados infelizes são flagrantes, ouvem-se freqüentes queixas e recriminações nas conversas, mas

não há quem tome corajosamente a palavra. Há medo. Não se querem queimar, como se diz.

Existem deficiências graves que impedem a nossa juventude de tomar o verdadeiro rumo dos novos, para a impelir nos caminhos da velha rotina, avessa aos progressos e às necessidades do nosso tempo. Não se trata já só dos programas de formação e de cultura, mas dos princípios de educação. Também não se trata, dos princípios teóricos, mas sim da prática, porque esta contradiz a teoria. Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Eu pergunto: Será verdade que estamos a educar os novos no respeito pela autoridade legítima? Note-se que toda a autoridade vem

de Deus, e ninguém pode pretender que se respeite a autoridade dos homens quando estes levam ao desrespeito pela autoridade de Deus.

Não é verdade, por exemplo, que a Mocidade Portuguesa é obrigada a colocar a bola acima de Deus e o desporto ou o atletismo acima dos sagrados deveres da religião? Com que autoridade é que os nossos chefes amanhã exigirão obediência duma juventude formada, ou melhor deformada, pela imposição prática da desobediência à Lei de Deus e à consciência?

Ninguém diga que este problema é insignificante. Se Deus existe e se nos dá leis, poderemos nós desobedecer-lhe impunemente, quando os homens são tão zelosos, tão

O nosso Universo

lebre descobridor de Urano, e as suas dimensões foram apresentadas, apenas em 1916, por Shapley baseado nas observações feitas às estrelas variáveis chamadas Cefeidas por Miss Leavitt.

Tendo a Galáxia a forma de um disco é de calcular que ela esteja em movimento.

Com efeito assim sucede e nem outra coisa se poderia verificar; basta pensarmos que se os planetas deixassem de se mover em torno do Sol precipitar-se-iam sobre ele!

O movimento da Galáxia faz-se como no nosso sistema Solar em que as velocidades obedecem a uma das leis Képler; as estrelas quanto mais próximas do centro de rotação mais rapidamente se movem.

O problema porém é da maior transcendência; a velocidade radial das estrelas é obtida através do seu espectro pelo princípio de Doppler-Fizeau, o qual nos determina a variação da posição das riscas em função da velocidade da fonte luminosa.

Calculem, porém, a dificuldade que há em obter o espectro duma estrela!

A velocidade do Sol, com o seu sistema planetário, nesse movimento imenso é, segundo os cálculos feitos pelo sueco Lindblad e aperfeiçoados por Oort, de 300 quilómetros por segundo e, apesar disso, só efectuará uma revolução completa em 250 milhões de anos!

★

Tendo-se dito, sumariamente, o que é o «nosso universo», vejamos quais são os outros.

Como já devem ter depreendido os «outros universos» são aqueles «corpos» que designámos por «nebulosas espirais» e que nos aparecem, como estranhas concentrações de luz com o aspecto de redemoinhos, muito para além das últimas estrelas.

Estas nebulosas, cujo número

Recebemos Registamos Agradecemos

a gentileza que tiveram em pagar as suas assinaturas, os Ex.^{mos} Srs.:

De amigo: 50\$00

Asp. Louro Coelho, D. Alice C. Tabaquinho.

De benfeitor: 30\$00

Fausto Lopes da Silva.

De auxiliar: 25\$00

Major António Taveira Pereira, Major Francisco M. Ramos e Silva.

De simples assinante: 20\$00

Luís de Sousa Jorge, Afonso C. Pinto Teixeira, D. Celeste Simões; D. Maria Trigo Lemos, Francisco Augusto Teodósio, Major David dos Santos, Major J. P. Mendes Dias, Com. Batalhão de Metralhadoras n.º 2, Fig. da Foz, Ten.-coronel José da Cruz Ribeiro, Capit. Botelho de Oliveira, Guilherme Jorge da Fonseca, João José A. Domingues, Cap. C. da Ponte Carvalho.

(Conclusão da 1.ª pág.)

excede 2 milhões e que apenas começaram a ser estudadas depois do aparecimento do grande telescópio de Monte Wilson, chegam a estar afastadas do Sol de 400 milhões de anos de luz!

Uma das que se encontra mais perto de nós é a grande nebulosa de Andrémida a qual dista do sistema solar 700.000 anos de luz, isto é, se agora deixasse de brilhar ainda seria vista na Terra durante sete mil séculos! Esta nebulosa tem sido um grande elemento de estudo e muito contribuiu para se concluir que as nebulosas espirais são universos semelhantes ao nosso; a eles se dá o nome de «Universos Ilhas».

Como conclusão vemos que o «Espaço infinito é povoado por Universos Ilhas, um dos quais é

aquele a que pertence o Sol e os astros que o acompanham.

Que caminho andado desde o Geocentrismo do tempo de Ptolomeu até hoje!

Depois do Geocentrismo veio o Heliocentrismo de Copérnico ao qual se segue a consideração do Universo Galáctico, primeiro com o Sol no centro e depois com ele a 2/3 do raio e, finalmente, a Galáxia atirada para o meio dos outros Universos Ilhas sem nada que a distinga deles!

A Terra está agora reduzida a pequeno grão de areia gravitando em torno do astro Rei (para nós humanos) e levada por ele, em corrida vertiginosa, através do espaço!

Que grande decepção para o Antropocentrismo e que grande triunfo para a ciência humana.

J. C. O.

O Nó Górdio do nosso tempo

(Conclusão da 1.ª pág.)

prontos e rigorosos em aplicar sanções contra quem transgride os seus preceitos? A caso será a Justiça de Deus inferior à dos homens?

Por conseguinte, trata-se de um grave problema de educadores. E o pior é que os responsáveis não querem ouvir as verdades, e se alguém ousa falar em defesa do bem comum tão gravemente ameaçado, corre o grave risco. A história do cavalo de Tróia é actualíssima. Pretende-se uma sociedade nova, instaurada nos princípios da verdade e do bem, mas negam-lhes a primeira verdade e o primeiro bem que é Deus conhecido, respeitado, obedecido e amado. As Leis do Estado bem o dizem, mas os homens encarregados de as executarem, sobretudo os homens velhos, velhos de espírito velho, impedem a boa execução dessas boas leis tão necessárias. E é nisto que bem se vê como anda meio mundo para enganar outro meio.

Estamos perante o nó górdio do nosso tempo; quem haverá aí capaz de o desatar?

Há falsos educadores, perigosos para a sociedade e para a Nação, e no entanto encobrem-se sob o nome do patriotismo.

Como sempre, mas hoje, mais do que nunca, não bastam palavras, são necessárias as obras. Os educadores são os maiores responsáveis pelo fracasso da nossa juventude. As Leis são justas, mas a sua execução é viciada, não de modo ostensivo, mas é viciada tanto quanto possível e tanto quanto basta para impedir todos os bons resultados da educação séria. Não se educa na convicção, mas sim na dúvida prática ou, pior ainda, no desprezo prático.

Quem está em contacto com a juventude, e é sincero, vê o futuro com grande tristeza. Os nossos jovens não são capazes de continuar a manter a herança dos nossos maiores, a não ser por milagre.

Sem ser profeta, parece que o

dia de amanhã se apresenta com as mais carregadas cores, não só por fóra mas até cá por dentro.

Ao Estado não se pode exigir mais, duma só vez, mas importa que os educadores sejam dotados de qualidades indispensáveis, isto é, a posse da verdade e o amor do bem. E' claro que eles podem ser e são bem intencionados, mas as suas idéias são erradas em bom número de casos. É pois impossível que a educação da juventude continue entregue nas mãos de tais educadores. Ministar noções de ciências não é educar. As ciências podem-se ensinar por meio de discos, mas a educação necessita da acção directa do educador que penetre na inteligência e no coração dos educandos para lá edificar na sinceridade, na verdade objectiva e subjectiva, e no amor do bem.

Quando as ideias pessoais do educador são erróneas, ainda que ele quisesse não podia impedir-se de as comunicar aos educandos. E quando o educador possui um coração cheio de azedume e cheio de insatisfações, mesmo muito recalçadas, há-de, por força, transmitir muito desses sentimentos aos novos. Quando um educador despreza os direitos de Deus, necessariamente há-de desprezar também os direitos dos educandos.

Se assim é ou não, que o digam os homens experimentados e reflectidos, pois basta que se lembrem dos educadores por cujas mãos passaram. Note-se que a criança evoluiu a partir da mudez própria da tabua rasa, e quem escreve nessa tabua é o educador. Por toda a vida nós seremos o fruto da nossa educação, e o nosso carácter, o nosso temperamento conservará sempre a marca dos nossos educadores, sobretudo daqueles que mais dinamismo exerceram sobre nós.

Confesso que este grave e momentoso problema me perturba e enche de angústia, e por isso desejo vê-lo solucionado por quem pode.

Antero Ribeiro Gomes

O seu a seu dono

Minas da Ribeira, 8-IV-951.

Ex.^{mo} Sr.

Sou o ex-aluno 226 de 1941, desse Instituto e como não será difícil de verificar, sou também assinante do nosso órgão, que V. Ex.^a dirige.

No último número, que recebi esta tarde, verifiquei um facto bastante lamentável e para o qual peço uma explicação.

Acontece que o meu nome vem inscrito na habitual lista de assinantes, como aliás era de esperar, mas, e aqui é o facto que lamento, encabeçado com um título de que não tenho direito e que certamente provocou reparos de muitos.

Quero dizer que não sou socialmente «Engenheiro» mas sim «Agente Técnico de Engenharia».

Peço, como já disse, que V. Ex.^a se digne a mandar alguém justificar o ocorrido, que eu considero bastante importância.

Sou

A BEM DO INSTITUTO
Olegário Barros Sousa Cristina
Ag.^{te} Técn. de Eng.^a

N. da R. — Gostosamente publicamos esta reclamação pelo que ela significa de parte de quem a faz.

Por nossa parte lamentamos o equívoco de chamar Engenheiro a um Agente Técnico de Engenharia, e prometemos não mais o fazer desde que estejamos suficientemente informados. O nosso Amigo Barros de Sousa Cristina já recebeu resposta escrita, e ter-nos-á desculpado.

Servidores e Subservientes

(Conclusão da 1.ª pág.)

sonjeia para agradar; na presença tudo acata com humildade para, na ausência, fazer aquilo que mais lhe convenha pois, para servir-se, não lhe importa desservir a causa e comprometer os que, legalmente, a representam nem salvar a própria dignidade.

Vem a propósito um pequeno episódio passado na corte de Luís XIV. Conta-se que o monarca, tendo perguntado a um dos seus cortesãos que horas eram, este, receando cair-lhe em desgraça, respondeu servilmente: — que horas deseja Vossa Majestade?

Não ignoramos que a missão do servidor não depende unicamente dele mas muito, se não mais ainda, das atitudes de quem dirige.

Servir é a condição do Homem, na sua curta passagem por esta vida, pois nem aqueles que nasceram para mandar deixam também de ser servidores e os que maior obrigação têm de mais sacrificarem ao interesse da Comunidade.

Servir com fé e com abnegação, sem mira em recompensa nem limite de sacrifícios, Deus, a Pátria e a família — valores imutáveis ou acima de regimes, de escolas e de partidos — constitui dever elementar do cristão e deverá ser a primeira preocupação de todo o bom português «para maior honra e glória da Pátria Portuguesa».

Lisboa, Abril de 1951.

Domingos Cabral de Melo

PÁGINA Literária

ELA, O SOL E AS ROSAS

SONETO

(Dedicado a S...)

Morena, tão esbelta e delicada
tem no olhar inocência da criança
que em fôfo leitozinho reclinada,
sorrindo sonha, e que a sonhar descansa.

Mas, quando sonha, gentil fada
voa dela ao redor, com asa mansa,
e com pés de setim sobre a amolfada
não fez ruído algum: — Quem é? A Es-
[p'rança.

Mas, logo que ela acorda e que em redor
ouve só gritos, ais, prantos de dor,
queixoso pranto lhe magoa o olhar.

Cerra de novo as pálpebras mimosas
quer ver de novo a Esp'rança, o Sol, as
[Rosas,
— Fazes bem, Silvina, que é bom sonhar.

Carlos Alberto de Azevedo Araújo
Aluno n.º 257

Passatempo

Para relembrar os conhecimentos da História de Portugal. Responda às perguntas a seguir indicadas, traçando as que estejam certas.

1) A ilha da Madeira foi descoberta por: Gonçalo Velho Cabral, Gonçalo Zarco, Tristão Teixeira ou Diego Gomes.

2) A batalha de Toro deu-se no reinado de: D. João II, D. Dinis, D. Afonso V ou D. Manuel I.

3) O inventor do nónio foi: Sá de Miranda, Pedro Nunes, S. Francisco de Xavier ou Damião de Góis.

4) A batalha de Matapan foi no reinado de: D. Dinis, D. Miguel, D. Luís ou D. João V.

5) A inauguração da linha férrea e do telégrafo eléctrico deu-se no reinado de: D. Fernando, D. Pedro V, D. João V ou D. Maria I.

VITAL DOS REIS
Aluno n.º 164

Solução do passatempo anterior

Póvoa de V.
GUarda
Pombal
Lisboa
Penafiel
TOMar
Santarém

LuanDã
ÉvORA
T. NovaS

Ericeira
V. F. de Xira
SilvEs
BaRreiro
Coimbra
Gavião
PorTO
LameGO
ElvaS

2.º Ano Curso Geral do Comércio

«PARA TI...»

I

Eu peço-te perdão das quadras que fizer,
Mas poeta... eu não sou... nem escrevi,
Se no entanto sinto... escrevo o que quiser,
Escrevo o que sinto, para ti que sempre amei.

II

Chamem-me poeta se quiserem... há tantos na verdade,
Que mais um ao mundo nada traz,
Mas por Deus... eu não escrevo por vaidade,
E porque escrevo? — Nem tu o saberás.

III

Só sei que escrevo pensando em ti,
E se escrevo pensando em ti, eu sinto-me feliz,
Renego novamente os dias que vivi,
Que me fazem saudade, mas que fazer... se Deus assim o quis?

IV

Mas sabes? — O amor não é amor se não nos fizer sofrer,
E sofrer por ti, jamais é triste,
Mas será triste, mas muito triste então eu querer,
Esse amor que não me tens... que não existe.

Março de 1951.

BRANDÃO DE BRITO

Só e triste

Saudade! quão cruel és, olha, vê
Que me matas, tem pena de mim, tem.
Tão só, tão triste, só tu, mais ninguém
Tão só no meio de tantos, porquê?

Tão só, porque quem quero, amo e creio
Não existe, melhor, já existiu.
Ah! sofrer como o meu jámais se viu
D'amargura o meu coração 'stá cheio.

Oh Saudade! revive-me com calma,
Como o fumo que ao céu sobe em 'spirais
O que eu tanto quis e qu'era a minh'alma.

Faz-me sofrer aos poucos. Isso s'ria
Uma compensação dos tristes ais
P'lo que perdi p'ra sempre — a Alegria.

Luís António Ayres de Barros

FANTASIA

Fantasia, sonho infindo...
Num enorme mar d'ilusões,
Onde se vê do mais lindo
Ao mais forte dos trovões.

Com todo o seu colorido,
Desde tod'alma mais pura,
Toda cheia de florido;
Até à alma mais impura.

Os que na tristeza vivem,
D'ilusões enchem a alma;
Mas em falso elas residem,
Como a mão sem ter a palma.

Mesmo assim, que belo é,
Na fantasia sonhar;
Duma nuvem o sopé,
Com mil coisas a brilhar.

E as belezas do futuro,
Não contrastam com a desgraça,
São como que enorme muro,
Rodeando estreita praça.

Isto só em Fantasia,
Porque na realidade;
Nunca tal acontecia,
Sem aparecer a infelicidade.

ANTÓNIO PINHEIRO
Aluno n.º 33

O RELÓGIO VELHO

Quantas vezes (mas quantas?)
eu meditei profundamente na presença
daquele relógio velho e já vencido
pelo seu próprio mister: — o tempo!

Quando era criança, o relógio
velho, como já então lhe chamávamos,
não tinha para mim outro significado
senão o de uma inutilidade, conservada
por mera consideração, para com os
nossos antepassados. Hoje, pasmo como
nesse tempo ido não o consegui interpretar
e compreender na sua estática mudez!

O tempo passou, contado monótona
e infalivelmente pelos irmãos daquela
reliquia caseira, e com ele foram-se os
melhores tempos da minha existência.
Comecei, então, a viver, já que, por
triste ironia, esse verbo representa o
morrer de tantas ilusões, o acabar de
tanto sonho tão belo. Mas, dentre as
poucas coisas que melhoraram em mim,
conta-se o facto de compreender, enfim,
a alma lúgubre daquele relógio velho.

Numa noite de Agosto em que o luar
penetrava maliciosamente no meu quarto,
reflectindo-se directamente no vidro do
relógio de parede, o meu espírito desanuviou-se
em absoluto, e a luz que nele se fez,
obrigou-me a começar a compreender
o drama daquela velharia.

Final era bem simples de perceber!
Um drama igual ao de todos os mortais,
um drama que será eterno neste Mundo
que teima em jamais terminar.

Fixei-lhe os ponteiros, inertes, mortos,
quedando-se naquela situação há já
tantos anos. Eles também já viveram,
já rodaram, alegremente, em torno do
mostrador, como num afago sempre mais
doce, marcando horas, que eram de
alegria ou de tristeza, de dúvida ou de
confirmação, de confiança ou impaciência.
Já rodaram muitas vezes, marcando
instantes supremos, que seres vivos
aproveitaram para tecer a sua felicidade
ou para desabafar as suas mágoas.
Viveram... e hoje não são mais que
duas múmias que só o pó rodeia e que
talvez ninguém, sem ser eu, compreende!

Que sina aquela, tão triste! E, enquanto
o luar continuava a extrair do vidro da
caixa da velharia os reflexos duma vida
que já não existe, pensei que, dentro de
alguns anos, eu e todos os meus contemporâneos
não seremos mais do que um relógio
velho, igual em tudo àquele que eu nunca
compreendi em criança:

David Nogueira Sequerra
aluno n.º 333

ESTE NÚMERO DE «O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

Campeonato de "Hand-ball" de Sete da Mocidade Portuguesa

Começou no dia 1 do mês findo o campeonato da M. P. desta modalidade. Para tal fim deslocou-se a nossa equipa de vanguardistas, ao compo de jogos do Liceu de Pedro Nunes, a fim de defrontar a equipa representativa da E. Académica. Como o nosso adversário não tivesse reunido o número de jogadores necessário, marcámos pontos por falta de comparência.

Dia 8 de Abril de 1951

Pupilos — Colégio de Clenardo

Marcámos pontos por falta de comparência do adversário.

Dia 11 de Abril de 1951

Pupilos, 0 — Liceu Gil Vicente, 12

Jogo realizado no campo de jogos do Liceu Gil Vicente, tendo a nossa representação sido confiada a:

Nunes, Sousa e Fernandes, Nortadas, Romão, Brites e Alves.

Suplentes: Silva, Ramalho e Ferreira.

1.ª parte: 0 — 9

Os nossos adversários, técnica e fisicamente melhor preparados que os nossos representantes, atingiram esta marca tão elevada, virtude da táctica errada que a nossa equipa utilizou nos primeiros momentos da partida.

2.ª parte: 0 — 3

No segundo tempo, já o jogo decorreu com outra toada, mostrando os nossos avançados precipitação no remate ao golo, não marcando o ponto de honra por manifesta falta de sorte e também devido à benevolência do árbitro, no julgamento de diversas faltas cometidas pelos defesas contrários.

VITAL DOS REIS

Dia 15 de Abril de 1951

Pupilos, 3 — Marquês de Pombal B, 1

Depois do resultado catastrófico verificado no dia 11, a equipa encontrava-se animada para rectificar esse resultado. Nem outra coisa seria de esperar. A derrota com o G. Vicente foi motivada por desorientação após dois golos sofridos de rajada, mas neste jogo os nossos rapazes farão todos os possíveis para vencer.

Alinhámos:

Nunes, Sousa e Fernandes, Nortadas, Romão (depois Ferreira, e Silva), Brites e Alves.

O jogo começou com avançadas alternadas de ambas as equipas. A igualdade no marcador foi quebrada por Brites aos 4 minutos que, com um remate colocado, surpreendeu o guarda adversário. Aos 7 minutos, o avançado centro da Marquês de Pombal igualou, aproveitando bem a má colocação do nosso guarda redes. Aos 19 minutos e aos 19 minutos em meio, Alves com dois remates de surpresa marcou os nossos dois restantes golos.

No segundo tempo a nossa equipa continuou a dominar, mas os nossos avançados complicaram tudo na zona de remate. Os minutos passaram e o resultado não se modificou.

Apreciações gerais

A nossa equipa jogou muito melhor do que contra o Liceu de Vicente. Não pode haver compa-

ração a este respeito. A defesa, que foi o ponto fraco contra o Gil, no jogo com a Marquês foi o melhor sector. Nunes creditou-se dum bom punhado de defesas, tendo errado só, quando sofreu o golo. Sousa foi a grande figura do encontro, acorrendo a todos os lances, e interceptando todo o jogo que se fazia pelo seu lado. Fernandes foi algumas vezes batido, mas recuperou sempre. Nortadas fez o seu melhor jogo de sempre.

No posto de extremo direito alinharam três jogadores (Romão, Ferreira e Silva), mas só Romão jogou alguma coisa. Apesar de magoado na mão esquerda, jogou bem mas teve de ser substituído por Ferreira, que estava doente. Este, por sua vez, cedeu o lugar a Silva. Brites nem sempre foi feliz, especialmente no remate. Alves, com uma missão bastante espinhosa, saíu-se bem da tarefa que lhe foi imposta; era ele o jogador encarregado de estabelecer a ligação entre a defesa, e o ataque, o que fez sempre com inteligência. A sua exibição foi coroada com dois excelentes golos.

Campeonatos de «Volley-Ball» da Mocidade Portuguesa

Dia 4 de Março de 1951

INFANTES

Pupilos, 2 — Marq. de Pombal B, 0

(10-7; 10-3)

Era o penúltimo encontro do campeonato da zona. Ficaram-nos para o fim os piores encontros. Como os resultados parciais indicam, a nossa vitória foi nítida.

Pupilos, 2 — Marq. de Pombal A, 1

(12-10; 7-10; 10-5)

Constituíam este encontro a final do campeonato da zona, pois defrontavam-se as duas únicas equipas sem derrotas. Por este motivo, os jogadores de ambos os lados apresentaram-se em campo com os nervos excitados. Na 1.ª partida, os nossos adversários tiveram domínio no marcador durante bastante tempo, mas os «pilões» reagiram e alcançaram a vitória. Na 2.ª partida fomos bem vencidos. A 3.ª, decisiva para a conquista da vitória, foi a mais animada. A primeira metade terminou com o resultado de 5-1 favorá-

vel à Marquês de Pombal. Entre a nossa falange de apoio estabeleceu-se um silêncio tumular, pois sobre ela estendiam-se as asas da derrota. Mas os nossos jogadores não estavam vencidos. Fortemente moralizados, começaram a recuperar, até que a vitória final nos sorriu.

Obrigados, infantes, pela vitória alcançada. Por vossa causa, «sofreram» algumas dezenas de colegas vossos, mas as vitórias só sabem bem quando são alcançadas à custa de sacrifícios e sofrimentos. Continuai a lutar com a mesma alma, e podereis vir a ser campeões. Por intermédio do nosso jornal, todos os alunos do Instituto vos prestam homenagem.

CADETES

Pupilos, 0 — Oficinas de S. José, 2

(9-15; 3-15)

Devido a alinharmos desfalcados de três elementos, não podemos oferecer a réplica desejada. A equipa das Oficinas mereceu bem a vitória.

FERNANDO LOUREIRO
Aluno n.º 390

RESPIGANDO

1 — Sorrisos de Maio

O desabrochar das flores em presta ao lindo Maio a tonalidade dos sorrisos.

É certo que às vezes ouve-se falar de sorrisos amarelos, que a ninguém inspiram simpatia, mas pertence a cada um de nós a escolha dos sorrisos. Há quem aprecie os que são cor de rosa. Imaginemos, pois, que este lindo mês de Maio nos há-de sorrir sempre cor de rosa, e as rosas são de variadas cores e perfumes.

2 — Ocorrências felizes

A primeira é que temos motivos de nos darmos os parabéns pelo facto que nos é sumamente grato da promoção do nosso Ex.º Major Secretário, sr. José Policarpo Mendes Dias, cuja actividade entre nós, desde a primeira hora tem sido incansável, e conta com a simpatia de todo o «Pilão». Espera-se o momento da nova ascensão para o grau imediatamente superior, e para isso formulamos os nossos votos.

3 — Não há festas como as nossas!

Julgamos que ninguém se atreva a contraditar-nos. A prova está patente na grandiosa festa anual de despedida dos alunos finalistas, que, este ano e à hora em que o nosso *Jornal* geme nos prelos, reveste modalidade inédita ou quase, entre nós. Luz, movimento, espaço e tempo, matéria e espírito, arte, beleza e surpresa tudo se conjuga para um êxito magnífico.

As artistas da rádio e do cinema que abrilhantam este ano a festa dos Finalistas ocupam lugar de relevo entre os valores já consagrados, e reúnem à sua volta as mais lisonjeiras simpatias. Isto é enorme no campo das promessas, é claro, mas quem conhece os garbosos e inteligentes rapazes da Comissão das Festas, imagina facilmente todo o magnetismo irresistível que eles puseram ao serviço de tal realização. Só isso seria o bastante para haver de ante-mão, a certeza dum êxito sem par, na história destes acontecimentos, e vêm-se já os vastos salões de baile cheios de elegantes pares *rodopiantes*, entre cores, perfumes, luzes e calores de entusiasmo.

O ambiente é mágico e féerico. O todo, desde os candelabros de arte portuguesa contemporânea até ao novo encerado sintético, se não rivaliza logo com os encantados salões de Queluz, todavia leva-nos a imaginar que, no sítio, não há coisa superior nem sequer comparável. E não!

4 — O nosso jornal

Porque é que o «Jornal dos Pupilos do Exército» perdeu uma das suas cores, a cor da vida? É porque o seu sangue se tornou anémico por falta de alimento. Não há com que comprar o pão, visto a maior parte dos nossos Assinantes não terem pago as suas assinaturas, e por cúmulo de má sorte, as Unidades Militares, com cuja compreensão contávamos, não só não pagaram, com excepção de duas, mas vão devolvendo após os terceiros e quarto números.

O jornal aos

Deus, Pátria
e Família

O Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, cujo lema é: «Querer é Poder», completou 40 anos de existência ao serviço da Pátria.

Pupilos do Exército

Redactor: HENRIQUE M. CARREIRA

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

Editor: CURSOS FINALISTAS

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

25 DE MAIO DE 1911 — 1 DE JUNHO DE 1932

DUAS DATAS E UM SÓ PENSAMENTO

FOI no dia 25 de Maio de 1911 que o Governo da Nação de então, satisfez a maior aspiração das praças de pré das forças armadas, fundando o Instituto dos Pupilos dos Exércitos de Terra e Mar.

A partir desse dia, esses humildes servidores da Nação que em momentos difíceis verteram o seu sangue generoso em defesa da integridade da Pátria em todas as latitudes, deixaram de ter preocupações com a educação de seus filhos, pela inauguração da Escola que havia de fazer deles Homens e cidadãos dignos de continuarem a obra dos seus antepassados.

Ao celebrar-se o 40.º aniversário da sua fundação e analisando retrospectivamente esse lapso de tempo, ocorre-nos formular a seguinte pergunta: quantos dos jovens pertencentes às várias gerações que passaram pelo Instituto, durante os quarenta anos da sua existência, teriam conseguido as situações de que hoje disfrutam se essa Casa modelar não tivesse sido criada? Possivelmente nenhuns ou muito poucos, devido à falta de recursos financeiros das suas famílias.

E' por isso que o dia 25 de Maio tem um significado muito especial para todos aqueles que frequentaram o Instituto, estejam onde estiverem, reunindo-se em confraternização, recordando tempos passados!...

Neste dia, nós, ex-Pupilos, no território continental ou nas províncias ultramarinas, irmanados pela mesma comunhão espiritual, invocamos os melhores anos da nossa vida... reinando entre todos a mais franca e leal camaradagem, aprendida durante anos no Instituto.

Há quem se tenha referido a esta camaradagem nos seguintes termos: «os ex-Pupilos são terríveis; para conseguirem beneficiar um colega, são capazes de voltar a face do Mundo!»

De facto, é assim, e a razão é fácil de explicar: não foi impune que vivemos juntos durante anos, partilhando mutuamente as nossas alegrias e tristezas e nos educaram na mesma situação de igualdade!

No Instituto havia e há apenas alunos! Diferenças, somente as inatas ao indivíduo ou as conquistadas pelos méritos próprios: inteligência e maior dedicação ao estudo, taticamente aceites por todos, sem

que por isso alguns se considerem inferiorizados.

Mutatis mutandis, fora do Instituto, há unicamente ex Pupilos e nada mais!

Motivo por que os ex-alunos verificaram a necessidade espiritual de alguma coisa que lhes faltava, para continuarem, em conjunto, a Obra realizada pelo Instituto, que se consubstanciou na fundação da Associação dos Pupilos do Exército, no dia 1 de Junho de 1932, cujo 19.º aniversário se festeja também, e que constitui o traço de ligação entre ex-Pupilos e entre estes e os alunos.

Por este processo, podem os ex-Pupilos prestar melhor o seu apoio à Casa que os educou, irmanados no mesmo pensamento: o de cumprir bem!

Nesta hora festiva vão para as forças Armadas — Terra, Mar e Ar — os nossos melhores agradecimen-

Continua na 4.ª página

Excursão a Fátima

NOS dias 11 a 14 do corrente mês fomos de abalada ao Santuário de Fátima — altar de Portugal.

A excursão era constituída pelos nossos Ex.ºs Director, Sub-Director, Secretário e Reverendo Padre Antero Gomes, e por 115 alunos.

Dias inolvidáveis em que nos foi dado assistir a indiscreta manifestação de Fé, e admirar algumas joias do nosso património nacional.

A caravana era transportada no auto-carro do Instituto e em 2 auto-carros cedidos pela G. N. R.

O itinerário, sábiamente escolhido pelo Ex.º Sr. Sub-Director, Major Taveira Pereira, a quem se deve o êxito da jornada, levou-nos em primeiro lugar a Alcobaça onde visitámos o Mosteiro de Alcobaça, agora reintegrado no esplendor da sua primitiva construção.

Admirámos a graciosa verticalidade e precioso traçado da sua nave central e meditámos junto dos túmulos de D. Pedro e D. Inês — um dos grandes amores da nossa História Pátria.

AOS NOVOS

(reflexão)

Subir os degraus da escada da vida, quando se está nos verdes anos da juventude, é tanto ou mais fácil do que para os velhos o descer do outro lado dela, até à planura das folhas mortas.

A inexperiência e as ilusões emprestam asas que se deparam e desfazem com os trabalhos, no rude labutar das existências longes, deixando em seu lugar somente, tantas vezes, o trazo dum sentimento mais ou menos vivo duma derrota.

A imaginação dos novos, se for disciplinada e bem orientada a tempo, deve ser uma enorme força construtiva dessa acolhedora fortaleza, que oferece inabalável abrigo ao velho, que aprendeu, em novo, a viver plenamente a vida. Se, ao contrário, ela for deixada ao capricho do seu perpétuo doidejar, apenas construirá castelos de sonho que o mais leve sopro do infortúnio destrói, à maneira de mágicos castelos das nuvens que o vento desfaz sem encontrar resistência.

Cada um dos novos precisa de fixar fortemente a sua atenção nos exemplos reais de figuras heróicas, para imprimirem rumo seguro à sua imaginação fo-

gosa, que só por este caminho chegará a ser verdadeira imaginação criadora.

O ideal não nasce em nós com feições definidas. Aparece como impulso vago em ânsias de viver. Há que dar-lhe feições bem caracterizadas.

A História-Pátria deve ser largamente utilizada na ingente tarefa da orientação dos novos, porque só assim eles poderão concretizar as suas vagas aspirações de ideal humano. Os exemplos magníficos de vidas, heróica e desinteressadamente votadas à conquista da personalidade própria, são o mais sólido alimento para a imaginação do jovem em busca da sua integral realização.

Estes nossos quatrocentos jovens que vivem à sombra do velho claustro de S. Domingos de Benfica, podem e devem mergulhar as raízes do pensamento e do coração nas cinzas dos grandes

Continua na 4.ª página

História da máquina a vapor

APÓS Gutemberg ter inventado a maneira rápida de reproduzir os manuscritos, foi o vapor a descoberta que mais concorreu para melhorar as condições da vida humana.

Antes de conhecido e aproveitado o vapor, uma viagem longa era terrível, e havia quem fizesse testamento antes de a iniciar. Por mar, ainda mais terrível se tornava, pois dependia do vento, havendo o perigo de naufrágio ou a permanência de vários meses no alto mar, quando a viagem era longa, conforme os ventos que nem sempre sopravam na direcção desejada. Com o aparecimento do vapor todos esses perigos desapareceram, podendo hoje um paquete, em poucos dias, percorrer distâncias bastante grandes, dominando as vagas, arrostando com as tempestades, marés e ventos, assim como uma locomotiva transpõe uma centena de quilómetros numa hora. Graças ao vapor, pode actualmente dar-se a volta ao mundo mais tranquilamente do que se ia de Lisboa ao Porto há dois séculos.

* * *

Deve-se a Héron d'Alexandrie o primeiro aparelho a funcionar a vapor. Este sábio, que viveu no ano

Continua na 2.ª página

Continua na 2.ª página

Excursão a Fátima

Continuação da 1.ª página

Em 12 de manhã fomos visitar o Castelo de Leiria, há pouco beneficiado. Além da sua incalculável beleza arquitetónica, o panorama que dele se disfruta é encantador.

Mas novamente tivemos que medir o tempo e seguimos finalmente para o Santuário de Fátima.

Jornada indiscreta. Uma multidão incalculável caminhava pela estrada, em todos os meios de transporte, para levar à Virgem de Fátima o testemunho da sua Fé, o pagamento de promessas feitas nas horas mais amarguradas da vida, a supplica de melhoras e cura dos seus doentes, o público testemunho da Crença deste bom povo de Portugal! Nos corações uma Fé ardente e indestrutível nos semblantes a alegria do cumprimento dum dever voluntário que conduz à felicidade do espírito.

Mas, a meio caminho, depara-se-nos um outro altar da Pátria — o Mosteiro da Batalha.

Visitá-lo é um dever, e que encantamento as suas pedras seculares em nós produzem! Curvamo-nos reverentes perante a «Capela do Fundador», ouvimos respeitosamente a missa celebrada pelo Rev.º Padre Antero Gomes, extasiados nos perante as «Capelas Imperfeitas» e, num honroso preito de homenagem, guardámos um minuto de silêncio junto do «Túmulo do Soldado Desconhecido».

Grata visita que encheu de orgulho os nossos corações de Portugueses!

Servido um magnífico lanche dirigimo-nos para Fátima onde chegámos após hora e meia de trajecto.

O Ex.º Sub-Director, que se havia adiantado, já nos esperava e com a sua habitual calma o acampamento do I. P. E. foi «edificado» num abrir e fechar de olhos.

Depois—não é possível descrever-se a magnitude do espectáculo—500 mil pessoas estavam em Fátima, prestando o seu culto à Virgem, pedindo-lhe a Sua benção e a Sua protecção.

Foram dois dias inolvidáveis em que tomámos parte em todas as cerimónias realizadas, e em que o porte correcto e respeitoso dos alunos do Instituto mais uma vez honrou as tradições desta casa.

A «Procissão das Velas», a «Hora de Adoração Militar» a «Procissão do Adeus à Virgem» a «Missa dos Doentes» são cerimónias que o nosso coração jamais poderá esquecer. Em todas elas os alunos do Instituto marcaram a sua presença, reflexa de uma educação que nos honra.

A Virgem de Fátima, linda no seu andor, protegia-nos com um tempo maravilhoso, e, findos estes 2 memoráveis dias saímos de Fátima com a saudade que nos fica dos dias felizes e que pedimos a Deus que se repitam.

Fomos deabalada para Tomar depois de, em nossas preces, pedir à Virgem de Fátima dias felizes para a nossa Família, para a nossa Pátria e para o mundo.

Tomar, pequenina cidade encantadora, recebeu-nos com ar festivo e mais uma vez uma unidade militar — o Regimento de Infantaria N.º 15 — nos acolheu, proporcionando nos magníficas salas para dormitórios e esplêndidos lavabos.

Mais uma vez se patenteou quanto vale a «Família Militar» a que nos orgulhamos de pertencer.

As briosas fardas dos «filões» espalharam-se por Tomar, visitando a cidade, e, após uma noite de mere-

cido repouso, fomos visitar o «Convento de Cristo».

Joia manuelina, ela só pode ser definida como uma página de ouro da História e da Arte do nosso País.

O Rev.º Padre Antero Gomes a todos nos ilucidou sobre o que os nossos olhos viam encantados e quando saímos trazíamos no coração a orgulhosa alegria de ter nascido nesta Terra Bendita.

Ainda visitámos a «Cerca», lindíssimo logradouro público magnificamente ajardinado e fomos deabalada para a «Barragem do Castelo do Bode» admirar essa magnífica obra da Engenharia Portuguesa e onde muitos dos alunos deste Estabelecimento já prestam e virão a prestar provas, honrando a Casa que os preparou para a vida.

Em frondosa mata adjacente à barragem foi-nos servido o último almoço desta inesquecível jornada e seguidamente recolhemos a Lisboa onde nos esperava o carinho desta Casa a que nos honramos de pertencer.

Antes porém de terminar, faltaria-mos a um imperativo de consciência se, gostosamente, não deixássemos exarados nas colunas deste modesto jornal alguns factos que a nossa sensibilidade registou e que de forma alguma poderemos calar.

E como tal, aqui patenteamos as nossas homenagens ao Ex.º Director pela forma carinhosa com que nos honrou com a sua companhia, estreitando mais ainda a amizade que nos une; ao Ex.º Sub-Director pela maneira cativante como organizou a Excursão, nada nos tendo faltado, permitindo-se um esforço que a sua saúde não poderia suportar sem ser abalada, mas a que o impeliram as suas magníficas qualidades de grande oficial do nosso Exército; ao Sr. Padre Gomes pela atenciosa e elevada assistência que se dignou prestar, sempre com o visível fim de elevar o bom nome do nosso querido Instituto; e finalmente, como humilde autor destas despretenciosas linhas quero dizer aos alunos deste Instituto que a sua conduta durante a Excursão foi inexcédível de correcção e brio e que por ela mais uma vez contribuíram para que o I. P. E. seja um Estabelecimento que honra as Instituições Militares e o País.

J. P. Mendes Dias
Major

Recebemos, Registamos e Agradecemos

A gentileza que tiveram de nos enviarem a importância de suas assinaturas os Ex.ºs Senhores:

De benfeitor: 30\$00

Major Mário Teles Pamplona, Capitão Artur Ferrão Pimentel da Costa.

De auxiliar: 25\$00

Carlos Alberto de Barros Teixeira o aluno n.º 283.

De simples assinante: 20\$00

Capit. Manuel do Nascimento Antas.

De alguns alunos por intermédio do Senhor Capitão Martins, 340\$00.

Da Ex.ª Direcção do I. P. E., 1.000\$00 para liquidação das dívidas em atraso.

ESTE NÚMERO DE "O JORNAL DOS PUILOS DO EXÉRCITO", FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

História

da máquina a vapor

Continuação da 1.ª página

120 A. C., deu ao seu aparelho o nome de éliopilo. O éliopilo é parecido com o torniquete hidráulico, diferindo somente no fluido empregado. Trata-se portanto de uma máquina de reacção, e não deve ter sido aplicada na prática. Julga-se que Blasco de Garay no século XVIII fez funcionar em Barcelona um barco que era movido por um grande éliopilo.

Pouco tempo depois da descoberta de Héron d'Alexandrie, Vitruve disse que, empregando esferas ocas cheias de água, pode-se activar a tiragem das chaminés. Era o princípio da tiragem forçada, que hoje se utiliza nas locomotivas e máquinas marítimas.

Houve depois um interregno de dezasseis séculos, nos quais nada de novo apareceu que fizesse a aplicação da potência do vapor. Somente em 1624 se aproveitou o vapor para se fazer um trabalho. Foi o francês Salomon de Caus quem o aproveitou para fazer subir água num tubo vertical. Mas esta máquina tinha o grande inconveniente de funcionar de modo intermitente, pois de vez em quando tornava-se necessário encher o balão e aquecê-lo; no entanto, este inconveniente foi anulado por Eduardo de Somerset que reuniu duas máquinas de Caus. Desta forma a máquina funcionava de maneira contínua. Este aparelho foi brevettato em 1663 e com ele elevaram-se quatro grandes vasos de água a uma altura de 40 metros por um tubo de oito polegadas, no admirável tempo, para a época, de um minuto.

Em 1629 Giovanni Bianca descobriu uma máquina que era absolutamente semelhante às modernas turbinas a vapor. Depois, Denis Papin, célebre médico e inventor francês, construiu a primeira máquina de êmbolo. Conjuntamente com o inglês Boyle, Papin descreveu a sua marmitta. Além disso, tentou obter o vácuo por meio de bombas aspirantes de ar, e depois ensaiou a pólvora de canhão, mas não foi feliz.

Em 1698, o capitão Thomas Savery aproveitou a ideia de Caus, mas aqueceu a água num recipiente separado, devendo-se a ele a ideia do gerador separado. Em 1705 Savery associou-se a Newcomen, que era ferreiro, e a Cowley, que era canalizador, para se aproveitarem do monopólio do gerador separado, que a ele pertencia, e patenteiam uma nova máquina que é um grande melhoramento. Com esta máquina nasceu o balanceiro, a condensação e o funcionamento automático. Mas era muito imperfeita. Coube a vez a Watt, um dos maiores génios de todos os tempos, de a aperfeiçoar. James Watt era fabricante de aparelhos matemáticos. A ele se devem a máquina pneumática, o regulador de vapor que tem o seu nome e mais descobertas. Associado ao Dr. Roebuck primeiro, e a Boulton mais tarde, continuou a introduzir melhoramentos na sua máquina e construiu um novo modelo no qual o vapor actuava sobre o êmbolo, dando-se a ascensão pelo peso das hastes. Mais tarde realizou a sua máquina de duplo efeito, em que constantemente introduzia melhoramentos. Estava descoberta a máquina a vapor, mas o génio inventivo de Watt

não parou nunca. Ainda construiu um motor rotativo, um indicador que permite avaliar o trabalho desenvolvido sobre o êmbolo, e uma caldeira chamada caldeira de túmulo.

Mas os aperfeiçoamentos na máquina a vapor não param. Faltava fazer-se a distribuição do vapor de modo racional para que a máquina funcionasse bem. O primeiro distribuidor deve-se a Murray. Depois, apareceu o distribuidor em D de Watt, o primeiro dos distribuidores compensados, e mais tarde a distribuição de Seaward, composta de quatro distribuidores ou placas independentes, etc. Neste momento a máquina monocilíndrica estava completa. Mas houve mais aperfeiçoamentos, tais como: aumento de pressão do vapor que chega ao cilindro, aumento da expansão, aumento da velocidade do êmbolo, etc.

Em 1781 Hornblower construiu a primeira máquina a dois cilindros, na qual o 2.º cilindro era alimentado pelo vapor de escape do 1.º. No entanto, esta máquina não funcionava bem a baixa pressão. Deve-se a Leupold a ideia do emprego do vapor a alta pressão que, para diminuir a quantidade de água necessária para produzir a condensação, aumenta a pressão do vapor e deixa o escape produzir-se na atmosfera. O carpinteiro de Filadélfia, Olivier Evans, aproveita esta ideia e aumenta a pressão nas suas máquinas. Em 1804 Wolf aplica o vapor a alta pressão na máquina de dois cilindros de Hornblower, fazendo depois disso uma máquina de duplo efeito. Esta máquina pode considerar-se como ponto de partida para novos inventos. Os pontos mortos são concordantes. Se aumentarmos a pressão do vapor por um lado, e o número de cilindros por outro, e deixarmos o vapor expandir-se livremente nos três ou quatro cilindros, obtemos a máquina de tripla ou quádrupla expansão.

Faltava somente aplicar o vapor à navegação e às viaturas automóveis. A respeito deste assunto trataremos num dos próximos números.

Vital dos Reis e Fernando Louveiro
aluno n.º 164 aluno n.º 390

O Humorismo do momento

Continuação da 4.ª página

Entre amigos

O poeta — Eu tenho escrito bastantes poemas mas resolvi que a sua publicação só fosse após a minha morte.

O amigo — Então desejo-te muitos e muitos anos de vida.

Na rua

O pedinte — Uma esmola para o autor do livro intitulado «Cem receitas para ser milionário».

A senhora — E pede esmola?!
O pedinte — E' que é esta a melhor de todas cem...

Na escola

O professor — Custa-me muito dizer-lhe, mas você não tem disposição para isto.

O aluno — Não se apoquente, senhor professor, porque a disposição não deve ser tão cara, que o meu pai não possa comprar a necessária.

Vital dos Reis

Aluno n.º 164

PÁGINA Literária

«ESQUECER»

I

Esquece p'ra sempre os desgostos que tiveste,
Esquece também todo esse amor,
Esquece a mulher a quem tanto tu quiseste,
E não te deixes dominar por qualquer dor.

II

É a verdade bem dura desta vida,
Que embora com desgosto tenhamos d'enfrentar,
Esquecer a mulher que nos é querida...
E' esquecer tudo... e é tudo abandonar.

III

E' deixarmos de sentir aquele carinho,
Que tanto nossos corações acalentou;
E' seguirmos então nosso caminho,
Aquele caminho... que Deus nos indicou.

IV

Se fores então capaz disso fazer,
Embora que com muito sofrimento,
Tu serás um homem... a valer,
Um homem que se vê ter sentimento.

BRANDÃO DE BRITO

Março de 1951

As musas do I. P. E.

Ainda bem que as delicadas Musas têm guarida entre os alunos dum Instituto Profissional como o nosso. Não são já só os ensaios feitos nesta página do nosso jornal, mas temos a grande consolação de ver que acaba de lançar o seu 1.º livro de versos o aluno do nosso Instituto e dedicado colaborador de «O Jornal dos Pupilos do Exército», David Nogueira Sequerra. Intitula

se «Clamores de Alvorada», e, na verdade, o título corresponde à realidade patenteada nos deliciosos versos deste livro, que é expressamente dedicado a familiares, amigos e camaradas do nosso jovem autor, a quem felicitamos entusiasticamente apresentando-lhe os nossos votos bem sinceros de contínuos e progressivos triunfos no domínio da Bela Arte das Musas.

Podeis dirigir os vossos pedidos à Redacção do nosso jornal, que terá imensa satisfação em vos enviar os exemplares desejados.

O aniversário natalício do I. P. P. E.

No dia 25 do passado mês de Maio festejou se o aniversário natalício do I. P. P. E. com alguns actos oficiais que, apesar da sua simplicidade, não deixaram de ter o expressivo significado das grandes festas.

Por coincidirem quase com a elaboração do presente número do nosso jornal não é possível fazer deles uma reportagem completa, como convém.

Reservando, pois, para o próximo número o merecido relato, com todos os seus interessantes pormenores, limitamo-nos a enunciar apenas as cerimónias realizadas. Assim:

No dia 25 de Maio houve o desfile, pelas ruas da Baixa, até à Sé, entre multidão compacta de curiosos, vivamente impressionados.

No mesmo dia, pelas 15 horas, efectuou-se uma festa de recreio, prémio e prova, nos terrenos adjacentes ao edifício da 1.ª secção, a S. Domingos de Benfica.

Ainda no dia 25, às dezassete horas, foi inaugurada no edifício da 2.ª secção a Exposição de trabalhos escolares, e de técnica profissional e militar, ficando maravilhados todos os visitantes.

Pelas 13 horas, realizou-se no refeitório do I. P. P. E. um ban-

SAUDADE!

Saudade! — o que mais sofrer nos faz,
O que nos prosta, desalenta, moi.
Fogueira sempre ardente e tenaz,
Sede atroz, cruel, que mata, corroi.

Saudade! — o que nos dá mais prazer,
Viver do que mais amamos e qu'remos
Alma da vida, razão do fazer,
Fonte p'ra onde todos nós corremos.

Saudade! — matas-nos dando-nos vida,
Desalenta-nos dando-nos guarida,
Sacias-nos fazendo-nos mais sede.

Saudade! — és amada e temida,
Detestada, odiada e qu'rida,
Vida sem Saudade... absurdo — crede.

Luís António Ayres de Barros

quete de confraternização entre a Ex.ª Direcção, Professores, alunos actuais, ex-alunos e famílias e amigos.

Ali se reviveram 40 anos no espaço de poucas horas.

No próximo número, como acima dizemos, será feito destas solenidades o relato que elas merecem, e não foi possível inserir neste número.

Alma Insatisfeita!

Serei sempre o eterno insatisfeito
Que tem sempre, um desejo a formular,
Um sonho onde possa divagar,
Até que o vejo terminar, desfeito!

Haverá, toda a vida, no meu peito
A sombra duma luz a alcançar
Jamais me cansarei de caminhar
Serei sempre o eterno insatisfeito!

Os meus caminhos nunca têm fim,
Ei los negros, desertos de verdura,
Perdidos no mistério do Infinito

Grito à minh'alma: «Não sejas assim»
Mas ela, na voragem de loucura
Nuca ouvirá o eco do meu grito!

Lisboa, Junho de 1950

(Do livro «Clamores da Alvorada»)

DAVID NOGUEIRA SEQUERRA

Aluno n.º 333

MINHA MÃE A Alegria

Minha mãe, sou eu teu filho adorado
Tu, que sofres por mim, tanta dor,
Querias que eu fosse, um anjo imaculado
E eu, não olho a isso, sou pecador.

Devia mãe, ter seguido teus conselhos
Agora... ando pelo caminho do mal
Perdão, perdão te peço de joelhos;
Que caia em mim a benção celestial.

Dos filhos que tens... sim fui o pior
Tenho remorsos em ter sido assim
Agora, que não tenho pernas p'ra ir além,

Se quizer, voltar ao bom caminho, ser
[melhor
Tenho que me arrepender do princípio
[ao fim
Para novamente te amar, minha mãe.

Alexandre Coelho Marques

Aluno n.º 175

Maio de 1951

Sonho de Paz

A chuva cai direita, erecta, impertinente,
Lembrando o tracejado dum desenhador
Que num desejo louco de reformador
Tenta cobrir o Mundo dum vestir diferente!

Sorri do paralelo que surgiu na mente
Como uma fantasia que não tem valor.
Mas aprofundo o caso e penso 'inda
[melhor,
E chego à uma ilusão, deveras transcendente:

Se a chuva desbotasse todo um mapa-
[mundi
Até eu ver, feliz, que tudo se confunde.
Que o traço fronteiriço, em nada se destaz,

O globo universal teria a cor da graça
Das asas virginais da pomba que esvoaça
Trazendo no seu bico a desejada Paz!

Lisboa, 10/II/951

DAVID SEQUERRA

Aluno n.º 333

Dantès, quando vivias
Dentro do meu coração,
Sempre que tu me sorrias
Sentia satisfação.

Mas, porém naquele dia,
Tu partiste e eu fiquei só;
Todo o amor que possuía
Ficou reduzido a pó.

Desde então tenho chorado
Muitas lágrimas por ti,
E tenho sempre esperado
N'ansiã que voltes para aqui.

Enquanto que os outros estão
Cheios de ti a transbordar,
Eu peço-te em oração,
Para que te dignes voltar.

Tudo em vão, tudo perdido;
Não mais te possuirei.
Só, quando for recebido
Em casa de Cristo Rei.

Por: ANTÓNIO PINHEIRO

aluno n.º 33

13/5/951

Passatempo

Passatempo para as pessoas com alguns conhecimentos da história das ciências electrotécnicas.

Substitua os traços por nomes de Fisicos célebres na especialidade:

AMPERE
VOLTA
FOUCAULT
WATT
RUBENBORN
ERANKLIN
CULOMB
KIRCHOFF
FARADAY
GAUSS
DERSIED
HENRY

Rogério Santos

Aluno n.º 123

Solução do passatempo anterior

1) Gonçalo Zarco e Tristão Teixeira;
2) D. Afonso V; 3) Pedro Nunes; 4) D. João V; 5) D. Pedro V.

Vital dos Reis

Aluno n.º 164

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

25 de Maio de 1911
1 de Junho de 1932

COMPETIÇÕES

de Remo

Ao fim de três anos de ausência neste salutar desporto, a nossa equipa representativa, formada à base de novos remadores, podia ter sido mais feliz, pois os resultados por nós obtidos não traduzem o nosso real valor, que estaria de acordo com o dos nossos adversários.

A nossa equipa que esteve tecnicamente entregue ao Ex.^{mo} Sr. Ten.-Cor. Pereira Dias, velho amigo do pilão e antigo professor, teve a sua estreia em 22 de Abril numa eliminatória para a disputa do campeonato regional do Remo da M. P.

Numa manhã invernososa o rio Tejo apresentava-se péssimo sem condições algumas para a disputa de uma prova de principiantes, com cinco concorrentes, e em que a sorte nos tinha dado a pista cinco. Entrámos para a água com as honras de favoritos e saímos com um 4.^o lugar e a amargura da eliminação dum campeonato, que se presava para marcar bem o nosso valor atlético. Entre nós ficou apenas um desânimo temporário, mas não tardou que recommençássemos os trei-

nos, para entrarmos nas provas de 13 de Maio, «Dia do Centro».

E assim em franca manhã de primavera, num rio calmo e cheio de beleza, a nossa vitória contra um adversário de boa fibra foi brilhante, de modo a merecer as melhores referências de quem presenciou a prova.

A nossa equipa não é de elevado nível técnico, mas a prova por ela feita, demonstra bem as faculdades que tem para a prática do remo.

E' justo que se saliente o elevado espírito de sacrifício da equipa, pela intensa preparação a que se entregou, pois procurava-se demonstrar que o 4.^o lugar obtido na prova anterior não estava de acordo com o nosso real valor.

A nossa tripulação conquistou a «Taça Liga dos Antigos Graduados» e teve a seguinte constituição:

Guilherme Marques Guedes, Rui Cardoso Ferreira Costa, Armando Carlos Branco de Oliveira, Jorge Augusto da Fonseca e Afonso Matos da Cruz (timoneiro).

Armando de Oliveira

CAMPEONATO de Basquetebol da Mocidade Portuguesa

Foi de cinco o número de participantes, na categoria de iniciados, do campeonato desta modalidade.

Após ter obtido 3 brilhantes vitórias em igual número de jogos, a nossa equipa conheceu o amargo da derrota precisamente no último jogo, perdendo a conquista de mais um trofeu, ficando classificada em 2.^o lugar com igual número de pontos do primeiro (Col. Académico) tendo o vencedor vantagem no goal-average.

Os resultados obtidos nos jogos efectuados foram os seguintes:

I. P. E.—Col. Académico	20-18
» —L. P. Manuel	25-9
» —L. Camões	15-9
» —L. D. J. Castro	12-14

A nossa representação foi confiada aos seguintes jogadores:

Pina, Belo, Monteiro, Rodrigues e Abreu.

Supl.: Dourado, Puga, Barroso, Braga e Palleti.

Vital dos Reis

Duas datas e um só pensamento

Continuação da 1.^a página

tos pelo bem que nos proporcionaram, esperando que as altas esferas dirigentes, continuem a conceder todo o seu apoio ao Instituto, autêntico viveiro de futuros militares do melhor escol, devido à educação profissional e técnica, recebidas desde tenra idade.

E, se é verdade que nem todos os ex-Pupilos têm abraçado a nobilíssima carreira das armas, nem por isso têm deixado de cumprir o seu dever.

Talvez não haja até outra escola similar que possa apresentar um palmarés tão elevado de educandos, trabalhando nos mais variados ramos da actividade humana: oficiais do exército e da marinha, médicos, advogados, professores, engenheiros, economistas, architectos, jornalistas, contabilistas, agentes técnicos de engenharia e técnicos de toda a sorte, tão necessários ao desenvolvimento económico do país, mercê da orientação seguida nos cursos professados no Instituto.

Mas, se por qualquer eventualidade — oxalá não se verifique — o Governo da Nação necessitar directamente dos seus serviços em qualquer emergência, os ex-alunos civis, não hesitarão e responderão ao seu chamamento com esta simples palavra: presente!

No entanto, e apesar de exercerem as mais diversas profissões, a única diferença que nos distingue é a idade, mas esta, pesa apenas em detrimento dos que, como o autor deste rápido esboço, já entraram no ramo descendente da curva da Vida...

Ao vermos desfilar esses garbosos rapazes de uniforme cinzento e penachos alvos flutuando ao vento, marchando impecavelmente, recordamos saudosamente os tempos que não voltam e murmuramos baixinho, como uma prece: «Querer é Poder!»

Lema que nos tem guiado sempre na longa estrada da Vida e que possui o poder mágico de estreitar, através do espaço e do tempo, todas as gerações de jovens que irão engrassar a já numerosa falange de ex-Pupilos, para maior prestígio e glória do modelar estabelecimento de ensino, ao qual prestamos aqui sincera homenagem com a nossa tradicional saudação: — Salvé Instituto!

Por sua vez, «essa Casa tão bela e tão ridente», revê-se e rejubila com os frutos produzidos.

No momento em que se comemoram duas datas tão queridas para alunos e ex-alunos, um só pensamento nos domina: honrar o Instituto, porque honrando o, dignificamos a Nação!

César Pacheco

Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras
Antigo presidente da Associação dos ex-alunos
ex-aluno n.º 16
ano de 1921

O Humorismo do Momento

No médico

O Doutor — ... Além disso tome todos os dias um banho.

O doente — ... Todos os dias? Então eu estou assim tão mal, senhor Doutor... ?!

Continua na 2.^a página

Aos Novos

Continuação da 1.^a página

portugueses que ali repousam. O conhecimento exacto dos factos notáveis dessas vidas gloriosas são a mais rica seiva da inteligência e do sentimento, e nada como os factos pode nutrir-lhes a imaginação.

Interrogai aquelas grandes pedras que escondem o pó caído que, em vida, trouxe erguido o espírito de D. João de Castro. Elas não de repetir-vos no segredo da alma a frase do escritor: «Chamou-lhe Camões o Castro forte, foi Vice-Rei da Índia, e houve-se como herói no segundo cerco de Diu...»

Por certo, o mesmo Camões pensou neste e nos outros heróis portugueses, quando escreveu nos Lusíadas: «e aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando...»

A propósito de D. João de Castro, aquelas obras valorosas de que o Poeta fala, podemos ouvi-las dos lábios do próprio herói que desassombadamente abre a sua consciência.

A verdadeira grandeza dos homens vem-lhes do testemunho da sua boa consciência. Não há poderes que esmaguem ou aniquilem a voz da consciência do dever cumprido. E quando a heroicidade entra ao serviço do cumprimento do dever, é o testemunho da mesma consciência quem avassala, subjuga todas as outras forças. O seu eco ressoa pelo universo como o pregão duma verdade indestrutível. E o mais consolador é saber-se que esse eco é percebido por Alguém de ouvidos sempre atentos, com o zelo da Justiça mais integral e incorruptível.

Ouçamos a voz da consciência de D. João de Castro, manifestando-nos a sua

vida pura, ao chegar quase ao termo da sua gloriosa carreira. Demos a palavra ao seu biógrafo, Freire de Andrade, que escreveu: «Achava-se D. João de Castro gastado, menos dos anos que dos trabalhos de tão contínuas guerras, com que veio a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobriu a doença em poucos dias indício de mortal; o que ele conhecendo pela moléstia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo...»

Mandou vir a si o governo popular da cidade, o vigário geral da Índia, a S. Francisco Xavier e aos oficiais da Fazenda d'el-rei, a quem fez esta fala:

«Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da Índia, faltam nesta doença as comodidades que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a comerciar ao Oriente; a vós mesmos quis empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabelos da barba; porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixelas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que comprasse uma galinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do governador que os soldos de seu rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Peço-vos, que enquanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real, uma honesta despesa, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente...»

E logo pedindo um missal fez juramento sobre os Evangelhos, que até à hora presente não era devedor à fazenda real de um só cruzado, nem havia recebido coisa alguma de cristão, judeu, moiro ou gentio; nem para autoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras al-

faias que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata, que no reino fizera havia já gastado, nem tivera jamais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama viam; só a seu filho D. Álvaro fizera uma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao reino. Que disto lhes pedia mandassem lavrar um termo, para que se alguma hora se achasse outra coisa, el-rei como a perjuro o castigasse...»

Tal é o eco da consciência pura de D. João de Castro.

Para compreender bem todo o alcance destas desassombradas afirmações precisamos não esquecer o valor da palavra dada por esses homens amadurecidos no culto da honra e da virtude, para quem era mil vezes preferível a morte à desonra da mentira.

D. João de Castro atingiu os mais altos cimos da grandeza da personalidade. Não ambicionou riquezas, nem prazeres desregrados, nem vaidades, mas só quis enriquecer-se de bens espirituais, na virtude e na dignidade de bem servir aos homens, ao rei, à sua Pátria.

Concentrem os novos o seu pensamento no exemplo desta luminosa vida, e sentirão o peito dilatar-se no desejo de seguir pelo caminho da honra e do dever, contra todas as seduções do egoísmo feroz que tantas vidas torna estereis.

As cinzas de D. João de Castro, confiadas à guarda carinhosa dos nossos rapazes do I. P. E. continuam a mostrar o caminho da honra, que está em bem servir a Pátria com a maior lealdade, mesmo com o sacrifício da própria vida.

«Vim a servir, não vim a comerciar...»

Antero Ribeiro Gomes

O jornal aos

Instituto P. Pupilos do Exército
LISBOA

Deus, Pátria
e Família

Honra teu pai em acções e palavras e em toda a sorte de paciência. A Bênção do pai fortifica a casa dos filhos; e a maldição da mãe a destrói pelos alicerces.

Pupilos do Exército

DIRECTOR E EDITOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

A Educação Moral da Juventude

Acção Popular dos ARQUITECTOS

VÁRIOS aspectos do problema da educação têm sido proficientemente ventilados nas colunas deste jornal, mas ele é tão vasto e complexo, que uma série interminável de filósofos, pensadores e pedagogos, estabelecendo controvérsia acerca de muitas questões, não conseguiu ainda esgotar o assunto.

Sem pretender enfileirar no número dos que têm verdadeira autoridade na matéria, desejo focar um ponto, que me parece revestir um aspecto grave, e para o qual me permito chamar a atenção de todos aqueles que têm responsabilidades na educação da juventude. Refiro-me ao facto, por todos constatado, em escolas, liceus e até universidades, de os alunos estudarem cada vez menos.

Se é certo que, actualmente, a vida agitada dos grandes centros populacionais, com as suas diversões, entre as quais se destacam o cinema e as competições desportivas, desvia, em parte, os alunos das suas obrigações escolares, também se verifica o mesmo fenómeno fóra desses centros, pelo que temos de procurar mais longe as suas origens.

Sondando um pouco a alma juvenil, nota-se a existência de um estado de espírito, verdadeiramente deletério e derrotista, que urge combater por todos os meios ao nosso alcance.

Como um reflexo, possivelmente, das preocupações da hora presente e das interrogações que a triste humanidade dos nossos dias formu-

la a si própria, dando, a todo o momento, o triste espectáculo de uma multidão caminhando desordenadamente, sem orientação definida, sem qualquer ideal elevado, ao mesmo tempo que disfruta os benefícios de um formidável progresso material, os pais proporcionam a seus filhos, na maioria dos casos, o triste exemplo de uma vida vazia e sem sentido, ora caracterizada pela insânia e preocupação exclusiva do gozo e do luxo, ora dominada pelo medo, senão terror, do cataclismo que se avizinha, sem esboçarem sequer uma reacção salutar.

Ora, uma mocidade, vivendo num ambiente desta natureza, não pode deixar de acusar esse mesmo complexo de inferioridade, que se traduz pelo desamor ao estudo e ao trabalho sério, falta de brio, indisciplina e ausência de método, verdadeiramente lamentáveis.

Um professor, increpando, há dias, os seus alunos pela falta de atenção e de aplicação ao estudo, ouviu de alguns mais desbaraçados e crescidos este comentário, que o deixou atónico: «Não vale a pena a gente maçar-se muito a estudar, porque qualquer dia vem a guerra!»

Refeito da surpresa, ele deu uma lição de moral ao curso, verberando, em termos enérgicos, aquele estado de espírito, e disse-lhe que, se as gerações, que nos precederam, atravessando por vezes épocas de crise, tão ou mais graves do que a presente, tivessem pensado e procedido de igual forma, coisa alguma do que constitui o património mate-

rial e moral, que hoje gozamos, nos teriam legado, pois haveriam cruzado os braços, na atitude de quem espera um novo dilúvio universal...

Estes e outros sintomas, como sejam a desobediência das crianças aos pais e professores, a falta de respeito para com os superiores e pessoas de idade, um espírito de camaradagem cada vez mais falseado, e um egoísmo feroz, traduzindo-se tudo isto numa ausência de virtudes cívicas do povo, que se manifesta a todo o passo, vêm demonstrar que, ao mesmo tempo que se tem progredido na educação física e intelectual, em contra partida, se tem retrogrado no que diz respeito à educação moral do indivíduo.

Ora, é indiscutível que toda a acção educativa deve visar o integral desenvolvimento da personalidade humana, considerada sob o triplicado aspecto físico, intelectual e moral, esforçando-se ainda por adaptar o indivíduo ao meio social em que terá de viver, e ainda que a educação moral, sobretudo, tem que ser, durante a infância, obra dos pais. Já Aristóteles dizia: «A educação moral, cujo objecto é a prática da virtude e da justiça, deve ser feita desde a primeira infância, recomendando-se o maior cuidado em afastar as crianças do convívio dos escravos e em não as levar aos espectáculos imorais» e Plutarco, sábio grego, que exerceu o professorado em Roma, no tempo do imperador Domiciano, num tratado que publicou sobre a Educação das Crianças, recomenda os cuidados a

Continua na 2.ª página

A reconstrução da cidade humana exige a colaboração de todos os cidadãos. Ninguém se pode desinteressar deste grave problema do bem comum, sob pena de trair a sua missão como homem do seu tempo, renunciando à dignidade de ser racional, de pessoa humana.

Precisamos de possuir plena consciência do momento histórico em que vivemos, para agir pronta e eficazmente.

As linhas que vão seguir-se têm apenas esta finalidade: ajudar a ver para agir em seguida.

Recordemos primeiro a doutrina sobre a pessoa humana e seus sagrados e intangíveis direitos. Alguma coisa há, que diferencie o homem dos outros seres deste mundo, que habitamos. Claro que ninguém pode negar que o homem é dotado da capacidade de conceber idéias e sentimentos, e tem o dom de os exprimir de modo perfeito, fazendo-se compreender, por meio de fenómenos físicos-psíquicos peculiares do homem.

Essa capacidade de pensar é força que permite ao homem progredir em tudo o que se refere à sua actividade. O pensamento e o progresso na civilização são fenómenos que só se observam no homem. Logo, no homem encontra-se uma causa do pensamento e do sentimento que o distingue de todos os outros seres terrenos. Essa causa chama-se a alma racional, pela qual o homem existe, vive, pensa, sente, age e é livre. Muito bem.

Alma livre

A alma humana cujos actos bem conhecemos, é dotada de liberdade, isto é, possui o domínio sobre si mesma e sobre as suas acções, pelo menos numa grande medida. Ser livre significa que tem domínio sobre os seus actos, que pode escolher uns actos para os praticar e pode rejeitar outros. É certo que o homem quando se resolve por si mesmo a fazer uma acção e a rejeitar outra, tem sempre um fim em vista, o qual lhe dá o motivo da sua escolha sobre tal acção de preferência a tal outra. Logo, a finalidade conhecida pelo pensamento do homem, existe a guiar toda a sua actividade consciente, e por isso se vê que a liberdade só se exerce em relação aos meios a escolher em vista de conseguir um fim preestabelecido no pensamento.

Compreende-se, pois, que toda a actividade do homem, desde que seja consciente e livre, é sempre orientada para um fim voluntariamente procurado, e mostra-nos o que é a pessoa humana.

Podemos já dizer que pessoa é a natureza espiritual, inteligente e livre que tem domínio sobre os seus actos e sobre si mesma.

Em cada homem há uma pessoa. A

Continua na 2.ª página

«Do alto dessas colinas... quarenta anos... vos contemplam»

(O aniversário natalício do I. P. P. E.)

A Imprensa diária da Capital, nos dias 25 e 26 de Maio último, relatou, com expressiva documentação fotográfica, o facto das solenes comemorações do quadragésimo aniversário da fundação do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército de Terra, Mar e Ar.

Ouviu-se o eco forte da voz pública a consagrar uma data duplamente notável: 40 anos de vida do I. P. P. E. e as solenidades que lhes marcaram a passagem, numa belíssima iluminura, digna de tão expressiva página da sua história.

A nota mais bela que tudo domina foi a grandiosa simplicidade

destas festas. Devemo-la à inteligência directriz da nossa vida.

A Direcção do I. P. P. E. teve a peito realizar um programa comemorativo do dia, mas que fosse ao mesmo tempo verdadeira demonstração da obra de formação que o Instituto vem realizando na cultura física, técnica, intelectual e premilitar dos seus alunos. Trata-se efectivamente duma Instituição do Exército e para o Exército.

O todo bem concatenado, resume-se nas quatro partes deste mo-saico:

1.º — O desfile

No dia 25 de Maio p. passado,

pelas 9.30 h., todo o Batalhão Escolar, em grande uniforme de vistosos penachos brancos, com bandeira e respectiva escolta, precedido de banda de música e de ternos de clarins vibrantes, desfilou impressionantemente pelas ruas de Lisboa-Central, em direcção à Sé.

O percurso estava bordado por larga e movediça faixa humana de curiosos, de forasteiros, e de amigos do I. P. P. E., que não podiam conter o entusiasmo e a profunda emoção perante o empolgante espectáculo do desfile dos nossos queridos rapazes!

Continua na 4.ª página

A Educação Moral da Juventude

Continuação da 1.ª página

consagrar pelas mães aos filhos: desenvolvimento do corpo e do espírito; diz ainda que os pais têm a obrigação de dar o exemplo das virtudes que recomendam, e confia, especialmente, na influência da Mãe, que deve ser bastante educada.

Hoje, ninguém ousa negar o papel preponderante que a obra educativa tem na formação do carácter dos indivíduos. No entanto, Schopenhauer, o filósofo pessimista, defendeu a tese contrária, afirmando: «O homem é um animal selvagem e que o carácter é imutável porque é inato». Pelo contrário, o grande filósofo e pedagogo Kant disse «Ninguém nasce bom ou mau, porque ninguém é naturalmente um ser moral. Na criança há apenas disposições indeterminadas, que a educação pode desenvolver, desde que sujeite a natureza a regras».

Entre as teses opostas, é no meio termo que parece estar a virtude, aliás como em tudo na vida, pois, se é certo que na formação do carácter intervêm componentes hereditários, que não são para pôr de parte, também é verdade que a influência dos pais e dos educadores, sobretudo na primeira infância, se deve particularmente, a condensação inconsciente dos factores psíquicos, que não de elaborar o carácter do indivíduo. Vem a propósito citar um dos conceitos de Séneca: «Mais depressa se alcançam os fins com os exemplos de que com os preceitos».

Conveniente é também não perder de vista que, se a Fisiologia, a Psicologia e a Sociologia são as ciências da Pedagogia, não basta o seu conhecimento para ser um bom educador, porque, como diz William Jones, uma verdadeira autoridade nestes assuntos: «Torna-se necessário que o educador possua um dom adicional, um tacto feliz, uma habilidade tal que lhe permita saber como há-de falar e proceder em presença de um aluno. Esta faculdade de penetrar na alma da criança são o alfa e o ómega da arte educativa». Repare-se na expressão «arte educativa», que nos parece feliz, porque, na realidade, a Pedagogia é, ao mesmo tempo, ciência e arte, tal como acontece com a Estratégia e a Tática.

Se os pais têm muitas culpas nos factos apontados, não se pode lançar absolvição sobre os professores, que muitas vezes descuram o problema da educação moral.

É certo, todavia, que uns e outros têm a seu favor circunstâncias atenuantes: as mães, muitas vezes, vítimas das condições sociais e económicas do meio, vendo-se forçadas a abandonar o lar durante parte do dia para auxiliar o marido na obtenção dos recursos necessários ao agregado familiar, entregam os filhos, durante a infância, a criadas ou a vizinhas, o que é de péssimas consequências, ou a perceptoras e colégios, o que não sendo tão mau, também não é bom, porque lhes faz peder aquele misto de autoridade e carinho, um tanto severo, que as mães antigas imprimiam à educação dos filhos, e era todo o seu orgulho.

Não falo daquelas que, levando uma vida desafogada e até de luxo, abandonam os filhos a mercenárias para ir aos chás e matinées, mais ou menos elegantes, nem dos pais que exibem uma vida conjugal pouco edificante, porque esses só podem contar com circunstâncias agravantes do crime que cometem.

Quanto aos professores, dominados, tantas vezes, pela preocupação de cumprir os programas de ensino,

que primam pela complexidade e extensão, e, bem assim, de avaliar o aproveitamento dos alunos, muitas vezes em turmas excedendo o limite, que é lícito admitir do ponto de vista pedagógico, só episódicamente abordam nas suas aulas o problema da educação moral.

Refiro-me, em especial, ao professor de instrução primária, a quem cabe uma tarefa de altíssima importância e responsabilidade nesse sector, mas que, tendo, por vezes, a seu cargo, nas escolas da província, três e até quatro classes (da 1.ª à 4.ª), faz verdadeiros milagres na preparação dos alunos que tem de apresentar a «exame», pois, se não conseguir atingir uma determinada percentagem de aprovações, terá má informação do inspector escolar e, nestas condições, não lhe sobrá tempo para prelecções de carácter moral e dar-se-á por satisfeito, se conseguir, dentro da escola, uma relativa disciplina...

Não deixa de vir a propósito acentuar que o honesto exercício de qualquer profissão exige, como atributos mais importantes, a vocação e o amor profissional que, no caso particular do magistério, deverá atingir a expressão de um verdadeiro sacerdócio, quantas vezes dominado por preocupações de espírito, impostas pelo malabarismo do orçamento doméstico, a que obrigam os magros vencimentos, em especial do professorado primário. *Primum vivere...*

E, desta forma, relegando para segundo plano a educação moral da juventude, senão descurando-a por completo, não se corrigem, de início, as más tendências, os vícios e até certas taras, umas vezes por fraqueza, outras por falta de tempo e outras ainda por ignorância, caminhando-se de erro em erro, de transigência em transigência, até chegarmos ao desprante de certos pais se fazerem eco das queixas dos filhos, junto dos directores dos estabelecimentos de ensino, quando os respectivos professores lhes aplicam qualquer correctivo à sua atitude indisciplinada ou falta de atenção nas aulas, em vez de lhes prestarem o apoio moral tão necessário!

Se não se reagir, enquanto é tempo, contra este estado de coisas, não será pessimismo doentio entrever para o mundo de amanhã perspectivas bem sombrias, porque uma mocidade, cuja educação é desprezada ou não orientada nos seus princípios da moral, não dá garantia alguma de vir a cumprir com dedicação, honestidade e espírito de abnegação as duras tarefas da missão que lhe está destinada.

Eu bem sei que esta decadência moral é o triste despojo deixado por duas calamitosas guerras, que convulsionaram o mundo, no reduzido espaço de vinte e cinco anos, sobretudo esta Europa mártir, cuja velha face se apresenta cheia de cicatrizes.

E se vier a concretizar-se essa terrível catástrofe, que do Oriente ameaça subverter a civilização ocidental e cristã, como um novo flagelo de Deus, encontrará ela ainda as energias necessárias para travar essa luta de vida ou de morte?

Para tanto, terá, antes disso, de ganhar uma batalha que, em síntese, consiste em vencer-se a si mesma, isto é reencontrar-se, o mesmo é que dizer, retomar os caminhos espirituais, que fizeram a sua glória tão resplandecente que, dada a hipótese de verificar o seu ocaso, ficaria ainda a iluminar eternamente a história da humanidade!

Numa palavra, torna-se necessário, fundamentalmente, reconstruir

Acção Popular dos Architectos

Continuação da 1.ª página

pessoa, sendo espiritual, é uma natureza simples, e por isso indestrutível, ou que não pode morrer—é imortal. Chegamos ao ponto de ver com é justa a afirmação da imortalidade da alma humana.

O fenómeno da morte consiste precisamente na separação das duas partes: corpo e alma que integram o conforto humano. O corpo, resultante do aglomerado de todos os elementos materiais de que se compõe, facilmente é de ver como naturalmente ele se decompõe em tantas unidades quantas são as substâncias quimicamente simples, que nele se encontram. Mas a alma, substância simples, imaterial, espiritual, não pode de compor-se e continuará indefinidamente na existência após o fenómeno da morte corporal.

Alma imorta!

Qual será então o modo próprio de existência da alma humana, separada do corpo que animou? Eis um problema dos mais oportunos em todos os tempos e em qualquer lugar.

A resposta a esta pergunta, dentro da verdade, só pode ser uma, pois a verdade é uma em relação a cada coisa ou ser. Por isso, também só pode haver uma resposta verdadeira à pergunta acima feita. Mas, andam por aí várias explicações: uns dizem que com a morte do homem tudo acaba, como na morte do cão; outros dizem que as almas duns corpos passam para os outros, como os passarinhos saltando de ramo em ramo, outros, finalmente, sabem qual é o destino eterno da alma humana, porque o próprio Deus quis ensinar o homem sobre esse interessante problema. A verdade é pois como Deus nos diz. A alma humana é feita à imagem e semelhança de Deus.

É espírito criado, dotado de três potências ou faculdades que são: memória, inteligência e vontade. Estas faculdades têm actividade própria, independentemente da matéria, do corpo. Essa actividade manifesta a vida da alma, que se traduz pelos actos do conhecimento, pelos actos de vontade em querer e amar e pelos actos da memória retendo todos os conhecimentos para os fornecer à inteligência nos seus actos de pensamento.

Por isso, a alma separada do seu corpo, continua a existir como substância espiritual, cuja actividade consiste em conhecer e em querer e recordar. O objecto da inteligência é a verdade, desde as verdades parciais, existentes nos factos e nas inumeráveis criaturas, até à Verdade Suprema, que é Deus. Por consequência a alma tem como destino próprio chegar à posse de toda a verdade e ao gozo de todo o bem. A plenitude da Verdade e do Bem encontra-se em Deus. Santo Agostinho, grande pensador do século IV, um dia escreveu esta palavra: «Vós creastes-nos para vós, ó meu Deus, e o nosso coração permanece inquieto enquanto não repousar em vós».

O próprio Deus nos diz que só chegarão à Visão e ao gozo do mesmo Supremo Bem aqueles que usarem recta-

essa armadura moral, que foi o segredo da sua força, e continuaria invulnerável, se não fóra o menosprezo destas luminosas máximas do grande filósofo e pedagogo da Renascença, que se chamou Erasmo: «A educação é, acima de tudo, uma obra de amor» e «A natureza, ao dar-te um filho, nada mais te dá do que uma massa tosca. De ti depende dar a melhor forma a essa matéria flexível e modelável. Se a abandonar, produz um animal e, se dela cuidares, podes fazer, por aissm dizer, quase um Deus.»

Mário Telles Pamplona
Major de Infantaria

mente da sua liberdade, escolhendo os meios e o caminho que levam até Deus. De contrário, o homem que, usando da sua liberdade escolhe os meios contrários, que afastam da Suprema Verdade e do Supremo Bem, nunca chegarão à plena saciedade da inteligência e do coração. Haverá, pois, almas felizes na posse de tudo a quanto possam aspirar, e haverá almas infelizes, tristes e desgraçadas, em estado de horrível desespero por terem livremente rejeitado os meios e o caminho que conduzem à plenitude do gozo, da felicidade e da paz.

Grande e terrível prerrogativa, essa, da liberdade humana!

Em conclusão, vemos que o homem é pessoa, com destino à Vida Eterna, que consiste na visão e no gozo da Essência divina. Encontra-se na terra, espírito unido à matéria, mas é apenas um transeunte que há de preparar no tempo desta vida a sua eterna habitação na vida futura. Por isso, a vida presente deve ser conscientemente orientada de modo a merecer a vida eterna no gozo, em felicidade completa. Se encontrarmos, na terra, doutrinas opostas a estas afirmações da razão, do coração, da experiência e da Fé, essas doutrinas devem ser total e prontamente rejeitadas por todo aquele que se conhece como homem e que deseja chegar ao seu verdadeiro fim.

(Continua no próximo número)

SABES LER?

EIS uma pergunta que me faz sentir a necessidade de pedir aos nossos prezados leitores, que a não levem a mal. Francamente, hoje toda a gente sabe ler, (exceptuando os que não quiseram ou não puderam aprender).

Mas, hoje escrevo para os mais pequenos, que, embora saibam juntar letras, formar sílabas, pronunciar e ler, não têm ainda aquele conhecimento que se poderá chamar a *técnica da leitura*. Desejo ajudá-los a adquiri-la, porque estou convencido das suas incontestáveis vantagens na formação do espírito e na aquisição da verdadeira cultura literária.

Há quem saiba ler inteligentemente, e há quem leia à maneira de papagaio, isto é, sem inteligência do que lê. Ler sem entender, sem assimilar, é perder o seu tempo, como para certos doentes, que comem assustadoramente e nada assimilam, enfraquecendo de dia para dia.

Existe pois a arte de ler proveitosamente, e, como ninguém nasce ensinado, bom é aprendê-la.

Primeiramente, é necessário escolher os livros que não de ler, seguindo um critério justo, tendo em vista as condições do leitor e o carácter do livro ou da obra, que se lê.

Seria erro manifesto que um rapzinho do 1.º ano do Liceu se lançasse na leitura dos livros que apresentam tragédias violentas, que assustam e deprimem. Também seria contraproducente que se lhes metesse nas mãos algum sermonário de secas teorias, para forçada moralização. Então, impõe-se a escolha de livros para cada caso individual. Mas, podemos já concordar que, os novos podem ser agrupados segundo as idades até aos 13 anos, dos 13 aos 16 e aos 19, porque, geralmente, nestas idades as capacidades, as necessidades e as aspirações costumam ser sensivelmente as mesmas. Nestes casos, a melhor lei-

SUPLEMENTO A'

PÁGINA Literária

EXCURSÃO

dos Finalistas

Continuação da 5.ª página

ESTRANHA CANETA

A Caneta Dele é diferente de todas as outras. Tem uma personalidade estranha que eu próprio não sei explicar. Será a personalidade Dele que se Lhe transmite? — Não sei!

Tenho a impressão que se Lhe pegasse, Ela não reproduziria a minha letra: imitaria a letra Dele, aquela letra nervosa, larga e única no seu estranho encanto. — Mas que absurdo. Porque penso eu estas coisas?

Mas lá está Ela fascinando-me como um sonho das Mil e Uma Noites.

— Será possível?...

Gostava de Lhe pedir aquela Caneta que foi, comprada num basar de feira por uns parcos escudos.

Se Ele A não tivesse comprado deixaria, porventura, Ela de ser uma Caneta como tantas outras? — Não!!! — Ela continuaria a mesma Caneta pobre e insensível à marcha inexorável do Tempo.

Mas Ele comprou-A e então tudo mudou: A Caneta passou a ter uma personalidade, começou a escrever realidades brutalmente irreais. Começou a desenhar a estranha complexidade do dono, e imediatamente adquiriu uma personalidade vivida e vivida.

Mas — e a pergunta continua a martelar-me o cérebro — qual era a sua personalidade? — Como posso responder se conheço o Dono há muitos anos e ainda não o decifro?

Mas, a sedução continua a emanar daquela Caneta orgulhosa.

E, os dedos compridos e nervosos do Dono fazem-na escrever paradoxos que, talvez, jamais serão compreendidos. Todas as ideias maravilhosas do maior e mais estranho Génio do nosso tempo são escritas por Ela.

Continuo contemplando-O e a Caneta...

O dia passa... As nuvens como fantásticos guerreiros montados em cavalos impossíveis passam sobre nós numa galopada fascinante. O Sol parecendo uma senhora, tímida, apressa-se a recolher. A Lua, graciosa, e senhoril começa nos a mostrar o seu busto gentil encantador: é a noite nascendo do dia, querendo mostrar-se forte e dominadora: e toda Ela se consome num esforço estéril para dominar a Lua e as Estrelas que brilham quais diamantes de Golconda.

Assim a noite encontra-me nesta muda contemplação...

prejudicar o fraco, cujo protector é Deus. Formou-se um corpo de doutrina social que ensinava aos homens o dever de não ofenderem o seu semelhante porque Deus tomava como feita a si próprio essa ofensa. Acreditavam que há crimes ou pecados, cuja maldade é tão grande que, sendo praticados, irrompem num grande clamor que se eleva até Deus, pedindo justiça. São os pecados que bradam aos Céus, como ainda hoje diz o catecismo: Homicídio voluntário, pecado sensual contra a natureza, opressão de pobres principalmente de orfãos e de viúvas; e não pagar o salário a quem trabalha.

Em virtude desta doutrina bem conhecida, as consciências encontram-se fortificadas no cumprimento do dever, não com medo da polícia do Estado nem da fiscalização, mas sim com medo de desagradar ao Supremo Juiz, a cuja Justiça ninguém e nada pode escapar. E todas as vezes que o coração do homem era abordado pela tentação de exploração do fraco pelo forte, lá estava a voz da consciência a guardar, a guiar na prática da Justiça e da caridade, com a vista em Deus, quando no século XVI apareceram doutrinas novas e falsas, torcendo a palavra de Deus e submetendo-a ao capicho de cada indivíduo, aquela pureza das consciências começou a desaparecer, porque os homens ouvirem dizer aos mentirosos que para agradar a Deus basta acreditar nele, e que a fé sem as obras basta para levar os homens a merecer a salvação para a vida futura.

Destruidas, assim, as forças da consciência na justiça e na caridade, o egoísmo feroz recomeçou a sua obra de morte, e levou os homens poderosos ao desprezo pelos fracos. Logo a seguir veio novo golpe sobre a perfeição da vida humana, quando as ideias da Revolução francesa disseram aos arrogantes: Deus não existe, o céu e a vida eterna são uma quimera, e por isso, cada qual arranja-se como pode! Foi então o mais desenfreado galopar da tirania dos fortes, dos poderosos contra os fracos e os pobres. O desequilíbrio foi aumentando sempre, por meio de todas as injustiças e durezas de corações criminosos, até que se chegou ao triste estado de luta

profunda entre os homens, luta acesa nos corações, onde, em vez de amor existe o ódio.

É necessário reconstruir a cidade. Há homens que se enganam sobre qual das cidades se há-de reconstruir se é a do Amor se é a do Ódio. Mas só os cegos voluntários se enganam. Nós queremos reconstruir a cidade do amor, porque só o amor une, enche e sacia os homens.

Já se vê que o primeiro passo a dar por todos os cidadãos livres que querem trabalhar na reconstrução da cidade humana, é o regresso aos princípios do amor, da verdade e da Justiça, tais como Jesus rio-los ensina no Evangelho.

Actualmente existem só duas ideias em luta, uma contra a outra. Uma ideia é a verdadeira que leva pelo caminho da Justiça e do Amor. Outra ideia é falsa, cheia de mentira, e leva pelo caminho do absurdo até ao ódio e à escravidão mais desgraçada que jamais se viu. Não há que hesitar. Os homens livres ou tomam posição na verdade pela Justiça e pelo Amor, ou então necessariamente se colocam no terreno da injustiça explorando os fracos, reduzindo-os à mais negra miséria da escravidão.

A verdade sobre o homem diz-nos que ele é pessoa, cujo destino é a vida eterna de gozo com Deus. O caminho é o amor a todos os homens pela prática da Justiça e das virtudes que levam os homens a viver condigna — e felizmente na terra, em preparação da vida futura. merecendo a, pelo livre e constante exercício da sua actividade, no respeito das Leis vitais, que Deus revelou à Humanidade.

O primeiro passo, praticamente falando, está pois, na justa e equitativa repartição dos bens, de modo que todos possam ter o pão e o vestido e o uso das coisas necessárias e convenientes para adquirirem aquela elevação de pessoas, todas irmãs vivendo na presença do Pai Comum que está nos Céus.

Já estamos fartíssimos de palavras, não é verdade, leitor? e agora só necessitamos é de obras, porque de hoje para o futuro não acreditaremos em palavras se as obras as não apoiarem.

Antero Ribeiro Gomes

Ah!!! Quanto eu dava para escrever com Ela, mas não tento experimentar porque sei que Ela continuaria a desenhar a complexa personalidade; ou talvez não; e assim seria a perda de uma ilusão.

Por José Manuel da Silva Vaz
Aluno n.º 301 do 2.º ano Contab.
Lisboa, Fevereiro de 1948

O Lar paterno

(Todas do coração em simples frases)

É inverno.

A chuva cai sem cessar.

Estou longe do lar paterno.

Mais perto não posso estar.

Lar paterno,

Pobre casa onde nasci,

Onde eu passava o inverno

E agora passo-o aqui.

Onde eu passava o inverno,

Noutros tempos que já lá vão

No meu querido lar paterno

O lar do meu coração.

A estação mais tristonha

É a estação do Inverno

A Primavera é risonha.

Adeus, querido Lar Paterno!

Em colaboração de
Vale-Covo e Cabo-Verde
(Al. n.ºs 308 e 309 do I. P. P. E.)

ERA MENINA de bom pensar

Maria Helena é
Lindo nome baptismal
Branca linda portuguesa
Uma filha de Portugal.

Vou contar a tua história
Desde a tua tenra idade
Com palavrinhas de glória
E algumas com vaidade.

Em pequenina
Uma menina
De bom pensar
Ouvia dizer
Seu coração nascer
Sem parar! Sem parar.

Até que um dia
Um rapaz lhe valia
Com uma simples escrita
Uma carta lhe escreveu
Ela o seu amor cedeu
Atadinho a uma fita.

Continuaram a falar
Já falavam em casar
Em tudo o que existia
Lindo casal irá ser
Juntinhos há-de morrer
Depois de tanta alegria.

Rui Manuel da Conceição Dias
(Aluno n.º 71)

É V O R A

Cidade que eu admiro e que respeito
Como senhora idosa, mas sadia,
Quem em ti repousou um simples dia
Sentiu-se bem, sentiu-se satisfeito!

És tu, não por favor, mas por direito,
A que me inspira maior simpatia
Lembras tempos d'heroica lidalgua
A combater com Portugal no peito!

Tu tens aspecto antigo, mas qu'importa,
Se em cada rua, até em cada porta
eu torno a ver as lutas sem igual.

Combates que ajudaram toda a gente
A ver, em nós, país independente,
Que aqui neste cantinho

É PORTUGALI

Março de 1950

David Sequerra
(Aluno n.º 333)

nossos alunos constituiu passatempo inédito.

Seguidamente a gentileza dos oficiais espanhóis mais uma vez se revelou, oferecendo nos um magnífico lanche na sua messe, instalada em edifício próprio e com esplêndidos alojamentos.

O nosso Director usou da palavra para agradecer as gentilezas recebidas e o oficial espanhol mais graduado respondeu, ambos enaltecendo a boa amizade das Nações peninsulares.

Erguemos então sinceros vivas a Espanha e Portugal.

E então... já com saudades de tão bela visita, recolhemos ao nosso País.

Em 25 de manhã visitámos a «Estação de melhoramento de Plantas», magnífico estabelecimento, filho da renovação por que Portugal tem passado após a Revolução de «28 de Maio», onde o seu Director gentilmente nos elucidou sobre o seu interessante e patriótico funcionamento.

Fomos em seguida visitar o «Forte da Graça» onde o Sr. Capitão Valadas gentilmente se prestou a servir de cicerone, proferindo uma notável palestra sobre o seu valor histórico e militar.

Visita demorada que a todos deixou a melhor impressão.

Após o almoço dirigimo-nos para Évora, última etapa da nossa excursão, mas no trajecto visitámos a linda Vila Viçosa.

Demoradamente visitámos o Palácio dos Duques de Bragança onde embevecidos admirámos os seus quadros, as suas tapeçarias e os seus ricos mármoreis.

Admirámos também as colecções artísticas oferecidas pelo último Rei de Portugal — D. Manuel II — e recordámos que foi ali que passou a última noite esse grande Rei que foi D. Carlos I, antes de tombar para sempre, em Lisboa, vítima das balas de um regicida.

Finalmente pusemo-nos a caminho de Évora por Reguengos.

Chegámos à Cidade-Museu a meio da tarde, e mais uma vez fomos recebidos numa unidade militar — o Regimento de Infantaria n.º 16.

Em Évora visitámos: a sua magnificente Sé, esplêndida jóia de arte romana, e o seu tesouro; os dois esplêndidos monumentos góticos que são a Capela de S. Brás e a Igreja de S. Francisco; a Capela dos Ossos; o Palácio de D. Manuel em boa hora reconstruído; o Templo de Diana e o Museu.

Évora é uma cidade que, pelo seu património artístico e pelo brilhantismo da sua história, a todos os Portugueses honra.

Por fim, em 26, recolhemos a Lisboa por Santarém.

Magnífica e inesquecível jornada. Os alunos aumentaram os seus conhecimentos e o I. P. E. mostrou as suas garbosas fardas por terras de Portugal e Espanha, todos procurando honrar as suas tradições.

Que no espírito dos alunos perdurem as melhores impressões e que os seus olhos fixem para sempre o que o nosso querido Portugal valeu no passado, o que vale no presente e o magnífico e grandioso esforço de renovação e progresso que a nossa Pátria está realizando sob a égide de Chefes que nos orgulham, são os votos do autor destas modestas linhas.

J. Mendes Dias

Major

Suplemento ao n.º 8-9

(JULHO-AGOSTO DE 1951)

EXCURSÃO DOS FINALISTAS

Passatempo

Mais uma «excursão de finalistas» se realizou a qual decorreu de 20 a 26 do passado mês de Junho.

Por amável convite do Rev.º Padre Gomes, Director deste Jornal, volto a dar vos um sucinto e despretencioso relato do magnífico passeio que constituiu esta inolvidável jornada.

Foram percorridos aproximadamente 1.100 quilómetros do nosso encantador país, em esplêndidas estradas, sempre enquadradas por uma paisagem de sonho.

A caravana foi assim constituída:

Pessoal docente:

Ex.º Director, Major Vidigal, Major Almeida e Sá, Major Lampraia, Major Mendes Dias, Capitão Cabral de Melo, Capitão Garcia, Capitão Martinho.

Alunos:

Finalistas dos Cursos de Máquinas e Electrotecnicia, Construções Obras Públicas e Minas e Mecânicos de Automóveis.

O itinerário escolhido e totalmente cumprido foi o seguinte:

LISBOA — COIMBRA — MANTEIGAS — CASTELO BRANCO — ELVAS (BADAJOZ) — EVORA — LISBOA.

Difícil se torna reconstituir com precisão o que foi esta magnífica jornada, e ainda antes de tentar dar-vos uma resumida ideia de quanto se viu e apreciou, sou impellido a sinceramente vos afirmar que este passeio constituiu magnífica propaganda do nosso querido Instituto e contribuiu altamente para que ele fosse melhor conhecido pelas entidades militares e civis, não só das localidades portuguesas que visitámos como também das autoridades espanholas de Badajoz e Mérida que nos receberam com a tradicional hospitalidade do país vizinho.

E agora, caro leitor, vou tentar dar-vos uma pequena ideia deste magnífico passeio.

No dia 20 pelas 6 horas partimos de S. Domingos de Benfica em direcção a Santarém, onde se fez a primeira paragem para se comer uma pequena merenda.

Fazia um dia radioso e, após esta curta paragem, seguimos para a Barragem de Belver, primeira visita de estudo a realizar.

Amavelmente recebidos por um dos engenheiros da obra, foi-nos dado admirar a sua magnitude e mais uma vez comprovamos o gigantesco esforço que o nosso País está realizando para seu engrandecimento e valorização.

Terminada a visita, seguimos para Tancos, onde após magnífico almoço servido na messe de oficiais da Escola Prática de Engenharia, visitámos algumas dependências da referida Escola, entre elas o picadeiro, onde admirámos algumas fotografias do nosso Ex.º Director executando magníficos saltos nos seus tempos de concursista e vulgar desportista.

Novamente a caminho, seguimos para Coimbra, onde chegámos já ao declinar do dia.

Gentilmente recebidos pelos Srs. Comandantes do Regimento de Infantaria n.º 12 e do Batalhão n.º 5 da Guarda Nacional Republicana, a

quem aproveitámos a oportunidade para apresentar as nossas melhores homenagens, ali ficámos alojados, e, depois de termos jantado optimamente na messe de oficiais do Regimento de Infantaria 12, fomos gozar o merecido repouso de tão longa etapa.

Em 21 de manhã realizámos uma inolvidável visita a Coimbra, a linda e romântica cidade do Mondego.

Visitadas a Sé Velha, Santa Cruz, Universidade, onde certamente alguns alunos do Instituto irão continuar as suas belas tradições, o Museu Machado de Castro, etc., foi-nos servido o almoço em Infantaria 12 e novamente fomos de longada até Manteigas.

Esta etapa foi incontestavelmente a mais interessante e emocionante. O percurso pela Serra da Estrela jamais poderá ser esquecido.

O encanto da paisagem, as dificuldades da estrada, o ineditismo do percurso, tudo enfim contribuiu para que este dia jamais seja esquecido.

Já noite cerrada chegámos a Caldas de Manteigas e ficámos alojados no magnífico Hotel das Termas.

Em 22 de manhã visitámos os «Cântaros» e o «Poço do Inferno», visita esta que a todos encantou.

Almoçámos em Manteigas e de novo no nosso esplêndido autocarro fomos de abalada para Castelo Branco por Covilhã.

Castelo Branco inaugurava nesse dia o seu ciclo de festas da cidade, o que lhe deu belo ar festivo.

Novamente a gentileza do comandante do Batalhão de Caçadores 6 nos proporcionou higiênicos e cómodos alojamentos.

As refeições foram nos servidas no luxuoso Hotel Turismo, esplêndida pousada sumptuosamente decorada e requintadamente montada.

Em Castelo Branco foi visitada uma magnífica moagem e admirámos as belezas da cidade, das quais destacamos o encantador Jardim do Paço Episcopal.

Comida a última refeição em Castelo Branco, dirigimo-nos para Elvas, a histórica cidade fronteiriça.

Apertada no seu magnífico cinturão de muralhas, Elvas recebeu os Pupos no Regimento de Cavalaria n.º 1.

Após o jantar, fizemos rápida visita ao património artístico e histórico da cidade, mas... era véspera de S. João e o burgo estava em festa.

Bailes populares, mastros de S. João, enfim a boa gente alentejana bailando e cantando após um dia de árduo trabalho sob o sol ardente da planície de além do Tejo.

E a caravana também participou da alegria da noite de S. João...

Finalmente chegou o dia 24 — Dia de S. João — dia marcado para visitarmos Badajoz e Mérida.

Partimos de Elvas pelas 7 horas; na fronteira portuguesa (Caia) foram-nos concedidas as maiores facilidades e na fronteira espanhola fomos gentilmente aguardados por três oficiais do Exército Espanhol em representação das Entidades Oficiais do país vizinho.

Inolvidável dia se passou na

hospitaleira cidade raiana espanhola.

Após uma rápida visita a Mérida onde contemplámos o «Circo Romano» e o «Matadero» foi-nos servido o almoço e voltámos a Badajoz.

A cidade estava em festa. Lindas raparigas, vestidas com os mais castiços trajes espanhóis vendiam bandeirinhas da «Cruz Vermelha»; os cafés regorgitavam de gente bulhosa e alegre, nas ruas e estabelecimentos a multidão acotovelava-se, e... bendito Deus, ouvia-se falar português em toda a parte.

Os nossos fardamentos aumentaram o magnífico aspecto policromo da multidão.

Todos procurámos ver tudo o que havia de diferente do nosso país e todos procurámos também trazer um «reuerdo» de terras de Espanha.

Um sol radioso convidava nos a ir a «los toros» e... lá fomos.

Espectáculo castiço que arrasta multidões e que a uns embriaga e a outros repugna, mas que, para os

Continua na 6.ª página

Sabem história?
Então digam se estas datas estão certas:

Ossuma	1651
Ouirique	1918
Bussaco	1435
Jerusalém	1870
Lá Liz	1810
Rivoli	1797
Constantinopola	1777
Sedan	1039
Worusser	149
Saratoga	1139

Ponleres

Solução do passatempo anterior:

AMPERE
VOLTA
JOULE
FOUCAULT
WATT
RUHMKORFF
FRANKLIN
COULOMB
KIRCHOFF
FARADAY
GAUSS
OERSTED
HENRY

Rogério Santos
Aluno n.º 123

Acção popular dos Arquitectos

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA E CONCLUSÃO

Relações da alma com o corpo
Relações do homem com Deus
Relações do homem com os outros
homens e com as criaturas
A Vida temporal é a preparação
para a vida eterna.

A vida presente prende-nos às coisas materiais, aos bens deste mundo corpóreo. Os nossos sentidos têm por objecto próprio os corpos que nos rodeiam, cujo uso é necessário. São estes bens materiais que servem para, em grande parte, exercermos a nossa actividade consciente e livre de pessoas humanas com destino eterno.

Mas a liberdade, à medida que se vai exteriorizando e estendendo aos bens exteriores, começa a encontrar limites, que vêm dos direitos sagrados das outras pessoas. Aqui situa-se um outro gravíssimo problema: a posse e o uso dos bens terrenos, ou a repartição justa e proporcional da riqueza entre os homens.

Os homens, sendo todos iguais por natureza, são todos diferentes nas suas qualidades e nos seus defeitos pessoais. É frequente verem-se dois irmãos, com o mesmo sangue a girar nas veias, porque nasceram do mesmo pai e da mesma mãe, e não obstante, apresentam enormes diferenças de carácter, de inteligência, de coração de aptidões e até de resistência física e fisiológica. Isto prova que a igualdade de natureza não suprime a desigualdade das qualidades e dos defeitos pessoais. É certo que a liberdade rectamente utilizada ao serviço da pessoa humana é destinada ao exercício das faculdades para o máximo desenvolvimento das qualidades que enriquecem e elevam o homem, reduzindo, ao mesmo tempo, até ao aniquilamento, os defeitos e os vícios. Mas isto só se consegue por meio da educação e da formação do carácter, coisas quase ignoradas na sociedade dos nossos dias.

O facto é, pois, o mal estar, o sofrimento, a fome, a miséria e o desespero de inumeráveis pessoas, por esse mundo

fora, devido à injusta repartição dos bens materiais, que, encontrando-se na mão do menor número, privam dos seus benefícios o maior número de seres humanos.

Este é o mais grave dos problemas porque traz em si quantidade de outros, que vão até impedir os homens de conseguirem o seu último fim — a vida eterna.

Quando Jesus Cristo começou a ensinar os homens dizia-lhes que todos são irmãos, que têm o mesmo Pai, que está nos Céus, onde se guarda a eterna recompensa para as boas obras, que praticarem. Que os homens devem amar-se uns aos outros como bons irmãos, e que devem evitar todo o mal, praticando todo o bem. Não façam aos outros aquilo que não querem que te façam a ti. Fazem aos outros tudo quanto desejas que te façam. Dizia lhes ainda: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei; e ninguém dará maior prova de amor do que quando dá a sua vida pelos que ama».

Por força desta doutrina e do exemplo, os senhores foram levados, pouco a pouco, a modificar os seus sentimentos para com os escravos legais, e estes viram-se elevados à dignidade de filhos de Deus, em tudo com os direitos de pessoas humanas como os senhores. Estes começaram a ver nos escravos os seus irmãos, filhos do Pai Comum que está nos Céus, resgatados e lavados no mesmo sangue de Cristo e confortados com o mesmo Pão na Mesa da Eucaristia. Naturalmente os corações se elevaram até à abolição da escravatura legal, e os sentimentos de fraternidade humana aperfeiçoavam-se de dia para dia. A vida social obrigava os homens, como hoje, a dependerem uns dos outros. Mas a utilização dos serviços de uma pessoa humana era um acto que merecia toda a atenção dos homens e de Deus. Os homens deviam recompensar justamente os serviços recebidos, sem que o forte caísse na tentação de explorar e

PÁGINA Literária

Eu olhava a árvore... olhava... olhava...

HORA DE MELANCOLIA

Eu olhava a árvore:
Via-a com folhas amarelas, pendentes, caindo...
Eu olhava o chão:
Via-o coberto de tristeza—folhas amarelas.
Eu olhava a árvore:
Via-a nua, despida, só, com um fundo pardo.
Eu olhava o chão:
Via-o endurecido pela geada—era pedra.
Eu olhava a árvore:
Via-a rebentar—uns olhos verdes, verdes e o céu azul.
Eu olhava o chão:
Via-o coberto de relva verde, verde, um sonho...
Eu olhava a árvore:
Via-a tornar-se verde, folhas, folhas, erectas, soberbas.
Eu olhava o chão:
Via-o limpo, verde, as ervas, erectas, soberbas, querendo subir às folhas.
Eu olhava a árvore:
Via a flores, flores, flores, frutos, frutos...
Eu olhava o chão:
Via-o olhar o céu azul, azul, azul...
Eu olhava a árvore:
Via-a pesada, via-a mãe, via-a mãe que ama os seus filhos—os frutos.
Eu olhava o chão:
Via-o pronto a receber os frutos—amarelos... podres... apedrejados alguns...
Eu olhava a árvore:
Via-a com frutos esburacados, galhos partidos—bicos de aves, mãos de rapazes.
Eu olhava o chão:
Via-o atapetado de frutos, via a relva calcada—pés de rapazes.
Eu olhava a árvore:
Via-a com folhas pendendo, amarelecendo, o céu pardo.
Eu olhava o chão:
Via-o escuro... escuro... claro...
Eu olhava a árvore:
Via-a com folhas amarelas, pendentes, caindo...
Eu olhava...
Oh!
Passara-se um ano...
A árvore mo dissera...
Ela ia repetir a sua faina...
Eu era mais velho um ano...
E ia perdendo a candura...
Eu olhava a árvore:
E via-a...

LISBOA, sábado, 22-4-1950.

LUÍS ANTÓNIO AIRES BARROS

Perfil

Era assim o triste abandonado

A sua vida ninguém a compreendeu. Foi um drama vivido tão enigmáticamente, que nem mesmo ele foi capaz de o decifrar. Apesar de ter crescido e de se ter feito homem, foi sempre uma criança inocente e tímida, com um coração triste e uma alma de poeta. Em tudo quanto fazia, punha sempre um pouco do seu sentimentalismo doentio, uma espécie de saudade pelos tempos idos, sempre vividos num anseio cada vez mais palpitante.

Nunca amou. Nunca o seu coração se abriu numa súplica de amor, num desabafo sentido e cheio de paixão. O amor, este amor que nasce num beijo e que cresce com os desejos, que vive alimentado de interesses e que arranja pretextos de pequeninos ódios e vinganças para sacrificar, que morre num apertado abraço, sucumbido, pálido, triste, irreconhecível e desfigurado, não o sentiu. Viveu um outro, um mais forte, que ninguém compreendeu. Passavam por ele sem o olharem. Era o louco. E aquelas que o escutaram, perderam-se em gargalhadas sem fim, em afirmações balofas, ocas de pensamento, não sabendo adivinhar todo o mundo de carícias e de fantasias, toda a sinceridade tão cheia de beijos, que dentro de si brotavam tão naturalmente como o fluxo da vida. E gargalhando, passavam, não atingindo os seus pensamentos, não lhe confortando a sua alma tão triste, tão abandonada, tão entregue às suas reflexões, desprezando-a com um gesto, com um riso ou com uma palavra amarga.

A vida para ele foi sempre demasiadamente dura, sem afectos e sem alegrias. Tornou-se um idealista duma sensibilidade aflitiva. Muitas vezes, com uma espécie de riso a bailar-lhe na sua boca nervosa, dizia com uma voz sumida e impenetrável: «Quando morrer não terei olhos a chorarem-me, nem mãos carinhosas a comporem o meu caixão. Serei só na morte como fui na vida. Depois uma vala, uma tosca cruz e uma campa que se cobrirá de ervas, flores selvagens que nascem no lodo...»

A sua existência foi vivida num mundo à parte, onde só havia esperanças, promessas e mulheres que no amor eram diferentes. Af cantou e riou, falou e sonhou. Seus versos, tristes versos cheios de uma poesia estranha

e sem formas, evocavam as suas desditas, os seus loucos anseios, o seu drama incompreendido e o seu desprezo pela vida. Eram lágrimas choradas num desespero irritante, páginas de um amor arrebatado e forte que a vida não deixou florir, cantadas nas suas canções saudosas que pareciam histórias de espantar...

Os sinos por uma manhã cheia de sol tocaram mais demoradamente. Era quase primavera. Os dias eram mais quentes e aquele ar gelado e frio que soprava do norte tinha desaparecido. A vida tomava colorações garridas perfumadas por alvoradas de amor. O poeta morrera. No seu leito de morte não tivera mãos amigas que lhe fechassem os seus olhos cansados. Ele uma vez o dissera na sua voz sumida e impenetrável, que seria só na morte como o tinha sido na vida. Ninguém o chorou. Ninguém lhe levou flores, impregnadas de lágrimas, de beijos e de uma eterna saudade. Tivera só consigo naquele derradeiro instante, aquela paixão incompreendida por toda a gente, que o levava a sonhar, a chorar e a rir perdidamente.

A sua campa está coberta de ervas. As flores selvagens, rebentaram raiosas de mocidade e cheias de beleza, envolvendo a tosca cruz quase tombada, apodrecida, desfeita pela chuva, dominando-a com as suas folhas bravias que crescem numa louca fúria, querendo colorir a morada do triste poeta, dar-lhe um pouco da sua bárbara beleza, como estímulo para o seu nome apagado, espeznado pelos homens, encarnecido pelas mulheres, incompreendido pelas multidões, como se a Natureza, num acto justiceiro, o quisesse recompensar por tudo quanto sofreu em vida, perpetuando-lhe através dos séculos a sua imaginação tão cheia de poesia.

Em Novembro de 1950.

DÁRIO BASTOS MARTINS

Falta de espaço

Por falta de espaço, teve que se resumir a «Página Literária» deste número, para pouco mais de meia página. Pedimos desculpa.

tura é a que corresponde às tendências de cada idade. Poderemos assim indicar já uma lista de óptimos livros de consagrados autores que escreveram expressamente para corresponder aos problemas da juventude.

Há muitos livros, mas nem todos são aconselháveis. Estes, que indico, podem e devem ser lidos pela gente nova, sem perigo e com enormes vantagens.

Para rapazes dos doze aos quinze anos, durante as férias, poderiam ser proveitosos os seguintes livros:

— «Através da África»
— «Quintino entre os Canibais»
— «... e os Índios do Rio Madeira»
— «Heróis desconhecidos»
— «Juramento do dedo negro»
— «A Bíblia das Escolas» por J. Ecker.

Para gente dos 15 aos 20 anos, recomendo:

— «Belezas Ignoradas» pelo Dr. Thiamer Toth
— «O Caminho da Vitória» pelo Dr. Thiamer Toth
— «O Jovem de Carácter» pelo Dr. Thiamer Toth
— «Segredo de Heroísmos» pelo Dr. Thiamer Toth
— «Quando se tem Mãe» por Nuno de Montemor
— «O Avô» por Nuno de Montemor
— «Coração de Barro» por Nuno Montemor

— «O Crime de um homem bom» por Nuno de Montemor.

— «Encantos Meus» por Nuno de Montemor

— «O sangue se fez Luz» por Nuno de Montemor

— «O Irmão de Luísa» por Nuno de Montemor

— «A maior Glória» por Nuno de Montemor

— «Pobrezinhos de Cristo» por Nuno de Montemor

— «Uma Vítima da Seita Negra» por Pierre L'Ermite

— «O Problema de Castidade», por A. de Azevedo Pires

Sobre vida Espiritual

— «A alma aos pés de Jesus» por Tiago Simbalidi

— «Imitação de Cristo.

Todos estes livros podem ser pedidos à União Gráfica, Rua de Santa Marta—Lisboa, porque lá se encontram. Não tenho interesse algum em indicar esta Casa, mas é só porque sei existem lá estas obras que podem ser utilizadas pelos rapazes em férias.

Imediatamente após a escolha dos livros para ler durante as férias, vem — *O modo de ler.*

Os novos caem geralmente na impaciência e na falta de perseverança. Isso é sinal de leviandade de espírito, que se comporta na leitura à laia das borboletas doidejantes, de flor em flor, sem nunca lhes chegarem a extrair o nectar delicioso. É necessário

evitar esse grave defeito. Para isso, o leitor escolhe o seu livro, sempre bom, instrutivo, agradável, de segura orientação. Depois começa a leitura tranquilamente, decidido a levá-la até ao fim, custe o que custar. Acontece que, lidas as primeiras páginas, um certo desalento se manifesta na vontade do leitor. Pois é essa a hora de realizar actos de vontade enérgica, na perseverança, e ir teimosamente lendo com o desejo de não deixar o livro sem o ler até à última palavra.

Aristóteles aconselhava os seus discípulos a fazerem uma breve análise do livro pelo exterior, isto é: 1.º) perguntas —: Quem é o autor? — qual o título do livro? — como se divide? E se tiver índice, percorrê-lo e esforçar-se por obter uma ideia geral do assunto, que, muitas vezes, não se deprende da simples investigação do título, mas que resulta sempre da leitura do índice 2.º) Nunca principiar a ler dois ou mais livros simultaneamente quer dizer que só se começa a leitura de novo livro depois de ter terminado o anterior. Isto é uma regra preciosa.

Feitas as investigações que acabamos de ver, é muito útil que o leitor tenha à mão o seu dicionário da língua portuguesa, especialmente no começo, para se poder consultar todas as vezes que apareçam palavras de senti-

do ignorado, obscuro ou impreciso.

Não se deve ficar com dúvida acerca do significado das palavras. O contrário disto gera uma lamentável anemia intelectual de consequências muito desastrosas. O saudoso Mestre que foi o P.º Sertillanges aconselhava-nos a ter sempre connosco um bloco para notas e o lápis pronto para escrever as frases que mais nos impressionassem quer pela beleza do seu arranjo, quer pela justeza e originalidade do pensamento quer ainda pelo efeito produzido na nossa imaginação. O facto de nós escrevermos assim o que de melhor encontramos um livro leva-nos infalivelmente a conseguir fazer uma síntese de obra, que nunca mais se apagará do nosso espírito. E é nisto que está a maior vantagem da leitura bem feita.

É bom ler muito, muitíssimo. A leitura bem feita, como aqui se indica, é o melhor caminho para se chegar a ser homem culto e leva-nos a um alto gozo na vida de sociedade.

Por isso espero que os jovens aproveitem as presentes férias para se entregarem corajosamente ao exercício da leitura inteligente.

O Vosso Amigo.

«Do alto dessas colinas... quarenta anos... vos contemplam»

Continuação da 1.ª página

Parece que toda a glória acumulada nestes 40 anos de proveitosa existência, se concretizava nestes quatrocentos jovens, como que envolvendo os num sagrado prestígio, que se tem elaborado no silêncio do trabalho fecundo da preparação das gerações passadas.

Dir-se-ia que os nossos alunos já nasceram para conquistar simpatias e aplausos no esplendor das marchas e desfiles, como se vem verificando de há três anos para cá. É verdade, que o primeiro desfile, rumo à Sé, em comemoração do aniversário da fundação, fez-se há três anos, sob a direcção do Ex.º Tenente-Coronel Artur Quintino Rogado.

Simbolicamente interpretado, este facto quer dizer que os nossos rapazes se devem preparar no I. P. E. para fazerem da sua vida toda um gigantesco desfile perante a Pátria extasiada, a Pátria que agora os acaricia e ampara tão carinhosamente, e que amanhã se confiará afoitamente à sua guarda e defesa.

Enquanto desfilavam, o coração das multidões lançava sobre cada um deles, a mãos cheias, as pétalas do carinho, da ternura e da admiração comovida, tal como, se cada pessoa fosse a mãe de cada um dos nossos alunos.

E nós, que tudo víamos e sentíamos, verificamos a verdade do rifão que diz: «Quem meu filho beija, minha boca adoça».

Este desfile e o seu mais glorioso irmão, no dia 28 de Maio, foram autêntica revelação e uma preciosa consagração.

Espontaneamente sobe do coração aos lábios um hino de louvor e de glória ao I. P. E., envolvendo-o na mais vibrante e profunda simpatia. E este eco ressoa fundo nos nossos corações, tão rasgado na dor do sacrifício, e fica lá, a brilhar, como um farol.

2.ª — A festa de recreio, prémio e prova

Pelas 15 horas, nos terrenos adjacentes ao edifício de 1.ª Secção, a S. Domingos de Benfica, realizou-se deslumbrante festa, um fino programa de selectos números de ginástica, em que todos se exibiram correctamente, desde as classes do ciclo de preparatórios até aos consagrados atletas do I. P. E., numerosas vezes campeões no desporto omnímodo.

Em cenário grandioso, S. Ex.º o Subsecretário do Exército passou revista ao Batalhão, sendo acompanhado de vistoso e impressionante séquito constituído pelos Ex.ºs Oficiais, Professores, e altas individualidades, destacando-se o Ex.º Director do I. P. E., Tenente-Coronel Jorge César Oom, cujo peito rebrilhava sob o sol daquela deliciosa tarde de Maio, incidindo sobre tantas e tão variadas condecorações que lhe cobriam o peito.

Em destaque erguia-se a tribuna de honra na qual tomou a presidência Sua Ex.º o Subsecretário de Estado do Exército e as outras Entidades de relevo do nosso Exército, da Marinha e da Aviação, que se dignaram honrar o Instituto com a sua presença.

Seguidamente procedeu S. Ex.º o Subsecretário do Exército à entrega de diplomas e medalhas aos numerosos alunos que mereceram tão alta distinção durante o ano transacto.

AOS MEUS ALUNOS DO I. P. E.

TU E ELAS...

— «Pois se vivo, mostrai no-lo. Então, os do Mestre vindo tão grande alvoroço, como este, e que cada vez se acendia mais, disseram que fosse sua mercê de se mostrar àquelas gentes, doutra maneira podiam quebrar as portas ou lhe porem fogo; e entrando assim dentro por força, não lhe poderiam depois tolher de fazer o que quisessem. Ali se mostrou o Mestre a uma grande janela que vinha sobre a rua, onde estava Álvaro Paes, e a mais força da gente e disse:

— Amigos pacificai vos, ca eu vivo, e são sou, a Deus graças! Tanta era a torvação deles, e assim tinham já em crença que o Mestre era morto, que taes havia af que aporliavam que não era aquele; porém conhecendo o todos claramente, houveram grão prazer quando o viram».

Acabais de ler uma citação, cujo autor não menciono propositalmente. E porquê?

É que venho fazer-vos uma proposta.

Estais, amigos, já de caminho para as férias grandes. *Es tu e Elas.*

Tu, rapaz que desejas passar por inteligente e culto aos olhos que te vêm. Tu que acabas de concluir mais um ano de estudo para vires a ser homem completo. Mas, que pensas tu fazer delas?... das tuas férias?

Se fores sincero como um autêntico rapaz, talvez tenhas de responder — Não sei?

Por isso, amigo, eu queria lembrar-te o que te disse, de coração aberto, na última aula, sobre o teu programa de férias grandes. Lembras-te?

Antes de mais, faço-te esta proposta: relês as linhas que acima transcrevi, tirando as expressamente dum autor português. Depois perguntas a ti mesmo estas duas coisas. 1.º A que facto se referem? 2.º Quem é o autor?

Possivelmente não o sabes, e não tens já à mão os meios de te informares para responderes a ti mesmo. Então, como hás de fazer?

3.ª — Exposição de trabalhos escolares, e de técnica profissional e militar

Por cerca das 17 horas S. Ex.º o Subsecretário do Exército com as altas personalidades do seu séquito dirigiram-se para o edifício da 2.ª Secção, estrada de Benfica, para inaugurar e visitar a rica e expressiva exposição dos trabalhos dos alunos.

O Ex.º Director do I. P. E. pôs todo o seu empenho em organizar esta exposição dentro da verdade, para que os visitantes, numerosos, conhecedores dos assuntos e interessados, pudessem realizar, pela vista, em conjunto, daquele maravilhoso certame o vasto e criterioso programa executado pela formação dos alunos do I. P. E..

Não exageramos dizendo que todos os visitantes desta exposição ficaram maravilhados com o que viram e ouviram, porque a exposição era completa, reunindo a parte estática à parte dinâmica. Foi uma realidade superior a tudo o que os filmes nos possam mostrar, porque todos vimos a vida real do Instituto na plena luz da verdade.

4.ª — Confraternização

Por cerca das 13 horas, no aprazível refeitório do I. P. E. iniciava-

se o banquete de confraternização entre: a Ex.ª Direcção, Professores, alunos actuais, ex-alunos e Famílias e amigos. Ali, os corações tocaram-se pela mais transbordante cordealidade. Reviveram-se quarenta anos no espaço de poucas horas. Houve brindes, saudações; prestou-se homenagem aos ausentes, enfim marcaram-se novas posições orientadas para o dia pleno do maior engrandecimento da Pátria.

Em tudo isto se vê como Deus colocou o destino dos homens na mão dos próprios homens. Se os homens quiserem, o I. P. E. cujo quadragésimo aniversário celebramos, será um dos mais belos canteiros do Jardim de Portugal.

Viva Voz.

o que sucede aos futebolistas que passam temporadas sem chutar? Esses destreinam-se e perdem todas as vantagens que vêm dos exercícios repetidos.

Francamente, eu não quero de modo algum vir martirizar-te e entregar as tuas ricas, deliciosas férias grandes. Não, longe de nós vá o agoiro!

Já ouviste dizer que: Quem corre de gosto não cansa? Pois bem. O que eu te aconselho está plenamente dentro deste aforismo.

O teu horário de férias, já o fizeste? Está feito com precisão, nitidez, ou deixaste lo vago, indeciso? Feito ele, estás resolvido a cumpri-lo à risca ou esquece-lo no dia seguinte? Sabes que isso tem de vir do interior de ti mesmo, tem ser obra dum acto da tua vontade livre e soberana.

Gostas de ser tido por um rapaz que goza da sua liberdade. Pois bem. Agora, durante as tuas férias grandes é que podes tirar a prova, e ver se és livre ou se és escravo dos vícios, da desordem, da moleza, etc., etc., entendes.

Há tempo para tudo. Conheces o valor do tempo?

Estou a ver-te todo vaidoso com o teu relógio de pulso. Então compreende que o relógio serve para te ajudar a seguir à risca o teu regulamento de férias: repouso, trabalho, recreio, auxílio à família. Cada coisa no seu tempo e no seu lugar.

Julgo que fazes bem em reler estas linhas para compreenderes e pores em prática. Com isso poderás gozar esplendidamente das tuas férias, e isso mesmo é o que te desejo

Ex Corde.

Foi por lapso..

...que, no número anterior de «O Jornal dos Pupilos do Exército» na famosa crónica do Ex.º Major Mendes Dias, sobre «Excursão a Fátima» no atinente à memorável visita à «Nacional Fábrica de Vidros» saiu uma maldita gralha em: pias de Vidraria, onde, de facto o Autor escreveu: «Vimos fabricar autênticas joias de Vidraria».

E assim fica reparado o lapso.

Recebemos

Registamos

Agradecemos:

A fineza de nos terem enviado a importância das suas assinaturas, os Ex.ºs Senhores:

De amigo: 50\$00

Vasco Lagoa Ribeiro
João Barata Seródio Rosa
Julio Augusto Soares
Dr. Saúl M. Barata da Cunha
Director do I. P. E., Tenente-Coronel Jorge César Oom.

De auxiliar: 25\$00

Gabi Laranjeira

De simples assinante: 20\$00

Cap. António R. Noronha Paulino

ESTE NÚMERO DE «O JORNAL DOS PUPLOS DO EXÉRCITO» FOI VITADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

O jornal aos

Deus, Pátria
e Família

«Sem aprender, o homem não sabe caminhar, nem falar, nem comer, nem coisa alguma, se não chorar».

P. Labr, Filos. I. I., pág. 86

Pupilos do Exército

REDACTOR: Fernando Loureiro 390

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

EDITORES: David N. Sequerra e Vital dos Reis 333 164

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

Saudação

De regresso aos Pupilos, findos dois longos anos de ausência para preenchimento das necessárias condições para a ascensão ao posto imediato, revejo com contentamento muitas fisionomias conhecidas e entro em contacto com os novos alunos, entrados nesse período. Envolvendo-os no mesmo abraço amigo, a todos envio as minhas saudações, a todos pretendendo chamar para a valiosa colaboração que os alunos podem prestar na tarefa que todos os que trabalham nesta Casa se sentem animados a continuar para o seu progresso e para o seu engrandecimento.

Se aos alunos especialmente me dirijo, é porque é este o seu Jornal e porque são eles que mais poderosamente contribuem com o seu esmerado porte, com a sua dedicação ao estudo, com a sua conduta moral, com a sua camaradagem, com o seu desembaraço físico, com a sua iniciativa e com as suas correctas relações com a sociedade civil para o bom nome e para o alto nível do Estabelecimento que é a sua «Casa» durante os melhores anos da sua existência.

O Instituto dos Pupilos do Exército é hoje um estabelecimento com que o Exército Português conta para a formação dos seus quadros.

As virtudes e as qualidades do militar exemplar têm por isso que ser encaradas desde a hora em que se franqueia o limiar da sua porta, e a par e passo com o crescimento físico por forma a que, findos os seus cursos, os alunos estejam em condições de receber a honra de ingressar nesse Exército de tradições tão respeitáveis e que tanta responsabilidade envolvem.

Por isso faço os mais ardentes votos para que os alunos do Instituto dos Pupilos do Exército sejam distinguidos como exemplos de correcção, de competência técnica, de comportamento militar e de dedicação pelo serviço, superando com esses atributos a falta de prática das fileiras que não podem conseguir neste Instituto.

Ar. Quintino Rogado
T. Coronel de En.ª

A glorificação do Homem e do Trabalho

DIZER de novo coisas velhas mas úteis num pensamento construtivo, já constitui acção meritória.

É um bem para a Sociedade recordar as verdades esquecidas, para que o seu dinamismo possa exercer constantemente a sua benéfica influência no mundo. Por isso, e tendo em vista principalmente a preparação dos novos rumo à Vida, vamos fazer aqui algumas leves considerações sobre o trabalho visto à luz da Glória que lhe anda inseparavelmente unida.

Vulgarmente a ideia de Trabalho apresenta-se como sinónimo de vida

sacrificada em dura condição de inferioridade social.

Nas épocas de franca e profunda mentalidade cristã, a ideia de Trabalho concebida dentro da Lei que impõe o trabalho à Humanidade, aliava a intenção de penalidade e castigo com o ideal de regeneração e de glorificação do Homem. Com efeito, foi dito ao Homem: «Comerás o pão com o suor da tua frente». Todos sabiam e disso estavam bem convencidos, que a conservação da vida exige esforço, como ainda hoje e sempre, e o conceito de Trabalho correspondia a uma necessidade inerente à vida do próprio homem

Continua na 4.ª página

O vapor ao serviço da Navegação e dos Caminhos de Ferro

I — NAVEGAÇÃO

Nesta, como em todas as descobertas de grande importância, são várias as nacionalidades a querer chamar a si a glória do primeiro invento, de maneira que se torna difícil averiguar a verdade; no entanto parece ter sido Papin o primeiro inventor dos barcos a vapor, assim como fora da ideia de fazer mover êmbolos pela acção daquele agente poderoso, construindo um barco de grandes dimensões tendo como agente motor o vapor de água e fazendo sucesso nas experiências realizadas no rio Fulda.

Em 1707 tencionando transportar o seu aparelho para Inglaterra, a fim de poder ali repetir as suas experiências, pediu a autorização necessária, mas os marinheiros opuseram-se a isto e destruíram a máquina, derrubando as esperanças do inventor cujos recursos se encontravam já exaustos.

No ano de 1753 a questão da propulsão dos navios sem o auxílio do vento ou remos é posta a concurso pela Academia das Ciências de Paris. Maistarde o marquês de Jouffroy, exilado da França, dedicando-se ao estudo das máquinas a vapor durante o exílio na ilha de Santa Margarida, conhecedor dos trabalhos anteriores à locomoção dos barcos com o auxílio do vapor, concebeu a ideia de que os remos e velas, únicos meios empregados até esse momento na navegação, podiam ser substituídos; até que em 1770, Jouffroy faz navegar no rio Doubs um barco com 15 metros de comprimento por meio de remos palmípedes movidos pelo vapor e treze anos mais tarde o mesmo inventor substituiu as palhetas por uma autêntica roda subindo o barco, accionado por esse processo, o rio Saone perante grande multidão. Entretanto, tendo Jouffroy pedido privilégio ao ministro que consultou a Academia das

Ciências, a invenção teve que ser abandonada em virtude da Revolução Francesa, e porque o inventor não tinha recursos pecuniários para novas experiências, emigrando o fidalgo.

Fulton construindo um barco movido a vapor, em 1807, e que chegou a fazer um serviço regular entre New-Yorque e Albany, teve a glória de resolver o importante problema da navegação por meio de vapor. O primeiro barco deste inventor era do sistema de rodas assim como os outros que se lhe seguiram, pois a hélice só apareceu em 1841. Na Europa só em 1812 é que apareceu o primeiro barco a vapor tendo o nome de «Cometa».

O emprego do vapor na marinha mercante foi feito muito primeiro que na marinha de guerra. Em Inglaterra começaram a construir-se navios de guerra a vapor em 1806 e quatorze anos depois é que se pode marcar a época do grande desenvolvimento da referida marinha, principalmente em França procedendo-se à transformação dos grandes navios de vela e fragatas em barcos mistos, isto é, à vela e ao vapor. Chamava-se «Napoleão» o primeiro barco destas condições, tendo uma força de 1.000 cavalos. Para a navegação transatlântica construíram-se barcos com uma força superior a 500 cavalos.

Nos rios foram aparecendo diferentes tipos de barcos a vapor cada vez mais aperfeiçoados; as rodas foram substituídas por hélices e as máquinas atingiram velocidades mais elevadas, tendo aparecido um navio monstro com 23.000 C. V. de força, que levou quatro anos a construir.

Vital dos Reis e Fernando Loureiro

No próximo número:
CAMINHOS DE FERRO

Para os alunos do Ciclo Geral Preparatório

Conversa de animais

(História infantil)

O Caracol (levantando a cabeça):
— Olá, D. Borboleta! Então por cá?
A Borboleta
— É verdade compadre Caracol, vim dar dais dedos de conversa consigo.
O Caracol
— Dois dedos de conversa? Mas você tem dedos, porventura, comadre Borboleta? Ah! Ah! Ah! Se para lhe ver os

braços e as pernas até preciso de pôr os óculos... e ainda tem o descaramento de me falar em dedos... Deixe-me rir, Ah! Ah! Ah! Ah!
A Borboleta (abespinhada):
— Olha quem fala! Um ser da Criação que nem pernas possui, que para se

Continua na 2.ª página

REGISTO DE FACTOS para a História do I. P. P. E.

I — Reina viva satisfação entre Professores e alunos pelo regresso do nosso Ex.º Director, Senhor Ten.-Coronel de Eng.ª Artur Quintino Rogado.

Ausente durante dois anos por exigências da sua promoção ao posto imediato, que desejamos seja em breve, embora tenha sido substituído por entidades da maior competência, todavia, o seu lugar de Director efectivo estava sempre a reclamar o seu regresso, que ora nos enche de satisfação e alegria. Que Deus conserve Sua Ex.ª por longos anos à testa da grande obra que o Instituto dos Pupilos do Exército vem tão felizmente realizando.

Unanimemente, todos queremos repetir a Sua Ex.ª a nossa firme decisão de pronta e calorosa obediência na colaboração que nos é ou venha a ser pedida.

Por isso é que, apresentando as nossas saudações e homenagem ao nosso dedicadíssimo Director, repetimos-lhe: Presentes.

Conte connosco, meu Director.

II — O nosso regozijo completa-se, porém, ao vermos que a Ex.ª Direcção do I. P. E. se encontra agora na sua normal constituição para o bem de todos. Foi também com grande satisfação que vimos voltar para o seu posto de Subdirector o Ex.º Senhor Major Eloy Valverde, que se ausentara também por um ano, devido a exigências de serviço por motivo de promoção. Sua Ex.ª sabe bem quanto é estimado por todos, e por isso, aqui lhe dizemos: Seja bem vindo.

III — Para sermos obedientes à voz da justiça, queremos dedicar duas palavrinhas à última Direcção interina.

Ao Ex.º Ten.-Coronel Jorge César Oom apresentamos os nossos melhores votos de mil felicidades no seu novo posto de comando e, recordados do interesse e dedicação com que nos dirigiu durante o ano findo, aqui lhe gritamos mais uma vez, o nosso: Muito obrigado.

Não podemos esquecer o nosso bom Amigo, Subdirector interino cessante, Senhor Major António Augusto Taveira Pereira, a quem estamos gratos pela dedicação e zelo que pôs em todos os seus actos, e cuja fidalguia de trato e lídima camaradagem todos continuaremos a ter no mais elevado apreço.

ESTE NÚMERO DE "O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO", FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Para os alunos do Ciclo Geral Preparatório

Conversa de animais

(História infantil)

Continuação da 1.ª página

arrastar até precisa de andar com a barriga pelo chão...

Como se atreve a falar de mim? E que tem que dizer dos meus braços e das minhas pernas? Que são finos? Que são fracos?

Como os seus olhos, compadre Caracol, estão desabitados de contemplar o belo! Por acaso não reparou ainda na distinção dos meus braços e na elegância das minhas pernas? Não sabe mesmo porque são tão lindas as minhas asas? É porque a minha vida, compadre, é andar voando lá por cima, lá por alto, bem distante das misérias da vida, como por exemplo de certas línguas venenosas...

O Caracol

— Olá, olá! Está muito palradora, hoje, D. Borboleta! Acaso viu passarinho novo?

A Borboleta

— As borboletas têm sempre muito que dizer; voam por toda a parte e falam com toda a gente: com os homens, com os bichos e com as flores — com as flores, principalmente!

O Caracol

— Ah, sim? Mas eu sempre ouvi dizer que os bichos não sabem falar e as flores ainda menos...

A Borboleta

— Essa é boa! Então você não está falando agora comigo, e eu consigo, compadre Caracol?

O Caracol

— Isso sim! Olhem que ideia a sua! Como seria possível nós falarmos como os homens, eu um caracol e você uma borboleta? Não vê que disparate?...

A Borboleta

— Então a nossa conversa...?

O Caracol

— A nossa conversa, como a fala de todos os bichos, é apenas uma imaginação deles... Eles é que a inventam, eles é que a contam. Pode crer: são uns grandes fantasistas e também uns grandes mentirosos, os homens.

Ora o Carlitos que por acaso ouviu esta conversa ficou muito pensativo e resolveu escrever ao Avôzinho uma carta a pedir-lhe explicações:

"Avôzinho:

Tu que conheces e me tens contado tantas histórias de animais que falam, diz-me agora: — Isso é verdade? É realmente verdade que os bichos também sabem falar como nós?

Pergunto isto porque ouvi o Caracol dizer que os homens são mentirosos e fiquei muito ofendido.

Teu neto muito amigo

Carlitos,

O Avôzinho respondeu:

"Meu querido Neto:

Eu sempre ouvi dizer que houve tempo em que, efectivamente todos os animais, como nós, sabiam falar e conversar uns com os outros... Mas talvez isso tivesse sido há muito... há tanto, tanto... que seja duvidoso afirmá-lo, hoje. Pergunta ao Paizinho que te sabe explicar melhor.

Teu muito amigo

Vovô,

O Paizinho explicou assim:

— "No tempo em que os animais falavam, quer dizer: "No tempo em que os homens ainda não falavam, é que então todos se entendiam igualmente, homens e bichos... Entendiam-se pelos seus gritos, pelos seus assomos, pelas suas atitudes... Depois os homens começaram a falar, e com tão maravilhoso dom comunicaram os seus pensamentos e criaram para si um mundo diferente. Desde então, porém, deixaram de pertencer à comunidade de

todos os irracionais que se compreendem e que se exprimem numa só linguagem universal e misteriosa que é a voz do sangue dos instintos, e da finalidade da própria vida...

— Paizinho, Paizinho! Agora é que eu não estou a perceber nada!

— Tens razão, meu filho! É que tu... és muito pequeno realmente... Tens ainda que estudar muito, para seres um homem; e nessa altura entenderás tudo o que eu te souber explicar!

— Mas tu não sabes explicar... tudo, Paizinho?

— Não! Nem eu nem ninguém é capaz disso, meu filho.

Mas estuda com vontade pois poderes a certeza que quanto mais se estuda mais se sabe; e talvez tu, se fores estudioso, possas vir a descobrir algum dos segredos da vida.

— Oh, quem me dera! Hei-de estudar [então muito... muito! Quero saber mais que a Borboleta e o Caracol!

Lx. 16-X-1951

José M. Alves Ribeiro

A Propósito de «EUREKA» em «TU E ELAS»

Felizmente, não foi em vão que escrevi «AOS MEUS ALUNOS DO I. P. E.» no número anterior do nosso Jornal, pois tive a consolação de ver que os nossos queridos Estudantes estão animados da melhor boa vontade para se cundarem os nossos esforços. Ainda bem.

Para verem bem de que se trata, tomo a liberdade de remeter o Leitor para o N.º de Agosto — Setembro deste Jornal, 6.ª página, e passo a transcrever uma das cartas recebidas a tal respeito, por ser esta a que mais me satisfaz:

Belver, 20/6/51

Ex.º Sr. P... R... G...

Encontro me numa das vilas do nosso Portugal, a passar as férias, as quais, ao fim de um ano de trabalho, são o justo prémio por mim merecido.

Foi publicado no último número do nosso Jornal, um episódio sem autor e sem título. Como o facto me despertou interesse, pois não me era estranho de todo, logo que cheguei a casa, revolvi todos os livros da minha estante, e ao fim de duas horas de trabalho, exclamei finalmente — Eureka.

Foi Fernão Lopes que escreveu este episódio quando da morte do Conde de Andeiro pelo Mestre de Aviz.

O Mestre depois de matar o Conde, mandou um pagem pelas ruas de Lisboa a dizer: Matam o Mestre de Aviz. Matam o Mestre de Aviz.

Fez isto com o fim de saber se o povo gostava dele ou não. E então os cidadãos, ouvindo o pagem gritar, acorreram ao Paço, e no meio dum enorme desentendimento, sem se perceberem uns aos outros, reclamavam as portas abertas, lenha e fogo para queimarem os traidores.

Foi então que o Mestre, sabendo já que o povo dava a vida por ele, se abeirou da janela, e disse: — Amigos, pacificai-vos, cá eu vivo e são sou. Deus graças.

Julgo estar esclarecida a minha resposta, e junto lhe envio os meus respeitosos cumprimentos.

Luis de Matos Marcelino
Aluno N.º 147

Como se vê, não se podia es-

O 1.º Centenário do Corpo de Marinheiros da Armada

NO Alfeite, comemorou-se, com grande solenidade e a presença do Sr. Ministro da Marinha, o primeiro século de existência do Corpo de Marinheiros da Armada Portuguesa.

As comemorações foram iniciadas por missa ao ar livre, a que assistiu aquele membro do Governo.

Ao Evangelho, o celebrante fez uma prática patriótica e, referindo-se à época conturbada que se atravessa, disse: «A Armada portuguesa prepara-se moral, espiritual e materialmente para tudo o que a Pátria exigir dela. Que nós saibamos que a Pátria só exige de nós a defesa de tudo quanto seja nobre, belo e cristão e, portanto, a defesa da verdadeira paz.»

Terminada a missa, o Sr. Comandante Américo Tomás visitou algumas dependências do quartel, depois do que foi servido um almoço volante na messe. Findo este, as entidades oficiais dirigiram-se para o salão do Comando, onde o Sr. Ministro da Marinha fez entrega da medalha de Mérito Militar de 1.ª classe ao Sr. almirante Oliveira Pinto, «atendendo a que tem revelado sempre, através da sua longa carreira, excepcionais qualidades e virtudes militares que o tornam credor, no mais alto grau, do respeito e consideração da Armada».

No átrio do edifício do comando, realizou-se a cerimónia do descerramento das lápidas com os nomes dos sargentos e marinheiros mortos em combate. Antes, porém, o comandante do Corpo agradeceu a presença do Sr. Ministro da Marinha, dos oficiais generais, do governador civil de Setúbal e de todos os camaradas e senhores presentes.

Depois, fez a história do Corpo de Marinheiros. Fundado em 22 de Outubro de 1851, por decreto da rainha D. Maria II, com a designação do Corpo de Marinheiros Militares, passou, em 6 de Março de 1885, a designar-se Corpo de Marinheiros da Armada Real, até que, em 17 de Dezembro de 1868, foi alterada a sua designação para Corpo de Marinheiros da Armada. No período de cem anos, o Corpo de Marinheiros sofreu dois interregnos: o primeiro em 1918, com a criação do Corpo de Equipagens da Armada, que durou até 1920; o segundo em 1924, com a criação das brigadas da Armada, de duração mais prolongada, tendo existido cerca de dez anos, até 1934, ano em que foi constituído de novo o Corpo de Marinheiros. Das organizações existentes nos últimos cem anos, o Corpo de Marinheiros é de todas a mais simples, mais económica em pessoal de quartelamento, mais prática e mais harmónica.

perar melhor resultado para a finalidade com que escrevi AOS MEUS ALUNOS DO I. P. E..

Parabéns ao Luis de Matos Marcelino, e espero que continue a ter esta fecunda curiosidade pela investigação nas letras e nas ciências, para novos triunfos pela vida fora. Já recebeu o prémio que prometi em sinal de muita estima e de admiração pelo triunfo.

A. R. G.

«Sonhar é fácil»

Rosto de Anjo, lábios finos, boca de boneca, tez rósea, cabelos loiros graciosamente desprenhidos, aparece-me envolta em luz ténue como a duma visão. Tem uns olhos que dão vida.

Qual é o seu nome? Para mim, é uma Esperança...

Nela tudo encanta e seduz naturalmente. Desde o timbre da sua voz até à esbelta forma dos lindos sapatinhos, parece mais uma escultura grega de graças infindas do que um corpo de carne. Ao vê-la, assim, cheia de encantos, compreendo melhor com que amor Deus criou o primeiro homem, e depois lhe fez uma companheira — a mulher. É o homem ao vê-la, sentiu-se conquistado e feliz, nesse enlevo do amor que faz esquecer tudo o mais.

Depois de a contemplar, olho para mim, e ocorrem-me tantos pensamentos, tantos... e tão queridos.

Serei eu digno dela? A sua alma será irmã da minha? Sermos nós feitos e destinados um para o outro?

Gostava de poder medir-lhe a profundidade da inteligência, e de lhe sondar o abismo do coração. Queria ver se o sentimento dela é o eco fiel do meu sentir, porque só assim nos compreenderemos. Para mim, a mulher deve ser inteligente e generosa. Se o não fosse, já não era a mulher que idealizo. Inteligente, para me compreender. Generosa, para se dar, se entregar sem reserva ao avassalador impulso do meu coração exclusivista até ao egoísmo. Só para mim, só... só.

O amor é totalitário.

Desde que a vi, e lhe falei do que por ela sinto, não vejo outro astro brilhante no meu firmamento. E que mudança se operou em mim!

Ela fez-me melhor do que eu era dantes. Revelou-me o segredo do valor da vida. Tudo faço por ela, por seu amor, e receio que ela seja melhor do que eu, que tenha mais riqueza de alma. E este pensamento aflige-me. Não! É impossível que eu lhe fique inferior em qualidades de inteligência e de coração. Ela é uma rapariga extraordinária. Quando a visito, descubro nela sempre novos predicados.

O pai, há dias, censurou-a na minha presença, só porque ela parecia ter descuidado um pouco o arranjo da casa. Mas foi maravilhosa a simplicidade com a qual ela recebeu a reprimenda. Como ela sabe ser filha...

E eu? Neste assunto, sinto-me envergonhado... recebo mal as intervenções de meu pai, que, no entanto, são bem justas. Doime e custa-me quando sou reprimido... Ela, porém, pareceu-me sublime, ao receber a censura paterna com tanta dignidade e verdadeira modéstia. Ficou como uma criança, quando alguém a afaga... Quando ela for minha, se eu tivesse de lhe dizer alguma palavra dissonante, ela saberia compreender da mesma forma, ou talvez melhor ainda... e a paz não se altera no lar. O coração descansa tranquilo sobre a mulher inteligente e generosa.

O sorriso dela entra-me no coração como uma brisa refrescante em tarde de estival calor. Como é benéfica a sua influência na minha vida.

Mas eu quero corresponder sempre a tantos benefícios com tudo o que ela quiser de mim,

PÁGINA Literária

Praia do Corsário

(Subúrbio do Rio de Janeiro)

MONTES e praias e no meio, uma encantadora e maravilhosa cidade! Eis uma maneira de definir Rio de Janeiro que, embora grotesca, não deixa de ser, na sua íntima estrutura, uma irrefutável verdade.

Parece que algo sobrenatural andou espalhando pelo meio da obra primitiva da natura casas e ruas, brincando e entretendo-se com a edificação da cidade; porém para que nem tudo se assemelhasse, deixou sítios onde nada colocou, talvez para que ali, se sentisse apenas a pureza sã que foi doada à terra pela mão de Deus.

Um desses sítios é a praia do Corsário, a 30 quilómetros do centro do Rio de Janeiro, paisagem divina que nos extasia, ordenando-nos o sentimentalismo a vibrar dentro de nós.

Claro que esse algo sobrenatural que eu figurei, em caprichosa fantasia, para maior realce do poder descritivo, é, na realidade, o trabalho progressista dos entes intelectuais que, século por século, geração por geração, à custa de enormes sacrifícios e muitíssimo ajudados pela riqueza da própria terra sob qualquer ponto de vista focado, edificaram esta magestosa capital do Brasil.

E foi na praia do Corsário que eu tomei o meu primeiro cocktail. Juntei praia, mar, céu e montanhas, mexi tudo com o meu olhar atento e observador, e resultou-me um preparado estranho: O SONHO!

Foi um cocktail de imagens, em vez de líquidos!

Realmente, quando dei os primeiros passos pela areia que se estendia numa vastidão quase infinita, olhando tudo o que me cercava, senti-me estonteado, adormecido e, por momentos, julguei-me personagem dum corriqueiro canto de fadas encantadas.

Estava um luar maravilhoso que, enquanto arrancava às serenas águas reflexos dum brilho extasiante e os projectava na praia, provocava simultaneamente um fantástico contra-luz nas faldas negras e melancólicas das montanhas visinhas.

Tudo aquilo transpira arte e poesia. Mas quem poderá manter-se senhor de todos os seus dons para fazer poesia, perante a brutal perspectiva da praia do Corsário?

Sente-se que a poesia não chega, por maior fluidez e poder de adaptação que possua, para contar tudo o que existe ali de belo, de magnífico!

E é dessa forma, com os membros lassos, vencidos e convencidos pelo poderio da Natureza, que nós nos quedamos a sonhar, longe de nós mesmos, absortos, tentando colher dessa amalgama extravagante, a coragem para perscrutar as infinitas estradas do INFINITO.

na certeza de que ela nunca será exigente em excesso. Ela nunca ultrapassa a justa medida... E' extraordinária, aquela rapariga. Ela é toda a minha Esperança.

Waldemar Navega

Supus, por breves momentos, que todo o Mundo era assim, puro e são, belo e calmo, natural e simples, e esqueci tudo o que a Vida de mal me tem mostrado.

Quando acordei dessa torpeza mole que me venceu e me proporcionou o inegalável deleite da calma absoluta, pensei de novo na realidade do Mundo e fui-me daquelas paragens a perguntar a mim mesmo porque seria que o Universo não é todo como aquela Praia do Corsário, calma e naturalmente pura.

Julho 1951

David Nogueira Sequerra

ENCONTRO

Dedicação

Apertaste-me a mão;
Não sabes o que eu sofri.
Tive a tal sensação,
Do dia em que te vi.

Olhei com admiração,
Tua cara mudada:
Mas sei que no coração,
Há amor e mais nada.

Amor e sentimento,
Frases, contentamento;
Tudo isto é vida.

Que seja cheia de amor,
Abrindo como uma flor;
Nossa vida, comprida.

Agosto/1951

Alexandre Coelho Marques
(Aluno n.º 175)

No Mar...

O vasto mar s'encapela
Com pasmosa intensidade
E a minh'alma singela,

Pasma com a magestade
De tamanha vastidão,
De tanta realidade!

Dentro do meu coração,
Tripulante do navio
Que singra na direcção

Daquele ponto luzidio,
Vai tua imagem eaculpida
No cantinho mais sombrio.

Enches toda a miuba vida,
És o meu sonho doirado!
Talvez que a esp'rança perdida

Do amor teu que não me é dado,
S'encontre em triste viver
Nas ondas do mar irado!

Tanto te queria dizer!
Muito te queria afirmar!
Mas nada posso fazer...

Olho tristemente o mar
Numa derradeira esp'rança
Que ele te queria transportar

Sinfonia brava

A Mocidade

A mocidade
É esperança, é querer, é sonhar,
A mocidade
É viver, é ser fosforo, é querer ser livre, é amar,
A mocidade
É ser utópico, quimérico,
A mocidade
É ser santo, diabo, é ser tudo: bom e mau,
A mocidade
Ela é tudo na vida:
É o contínuo desfolhar do que todos desfolham,
Alegria, tristeza, ódio, amor, fé, esperança, desespero,
Eu estou na minha mocidade!
Que bom!
Eles dizem que fizeram isto e aquilo,
Eles dizem: Ah! a minha mocidade...
Eles dizem, eu era, eu acontecia.
E eu
Eu não faço nada? Faço?
Eu não quero dizer aos vindouros: fiz, não fiz.
Eu aspiro a minha mocidade,
Sinto-a, ela embriaga.
Eu não a estrago com o fazer ou não fazer.
Eu absorvo-a
Eu fumo-a e depois observo-a em espirais subindo ao céu.
Ela vai-se escoando e confundindo-se com o azul do céu.
Eles gozaram-na, eles gozam-na.
Eu sinto-a, eu vejo-a.
Mais tarde eu não hei-de poder traduzir a minha mocidade,
Ela é só minha, só eu a conheço.

Luís António Ayres de Barros

Passatempo

PILHA DE PALAVRAS

1	V P A I S	Cordilheira na Rússia
2	P O L E I A	Homem de classe inferior do Malabar
3	E S M A R	Avaliar
4	T R X P O	Pedaço de tecido velho
5	P O N T A	Operação aritmética
6	E X A H E	Interrogatório
7	Q O Q U E	Resíduo do carvão de coque
8	U R V A L	Que gosta de fazer mal
9	T R E L A	Correia para prender um cão
10	T I B I A	Flauta pastoral
11	P O F E J O	Erva medicinal
12	P I R I O	Vela grande de cera
13	S E T I A	Embarcação pequena da Ásia
14	C O R A L	Coro de vozes
15	S A N D I	O mais célebre dos poetas persas
16	S I N D O S	Instrumento de bronze, oco, em forma de cúpula
17	J N D I X	Dedo indicador

Na coluna do centro há-de se formar o nome de um livro de recreio, instrutivo e educativo.

Solução do Passatempo anterior (n.ºs 8 e 9) — Ossuma, 149; Ourique, 1139; Buçaco, 1810; Jerusalém, 1039; Lá-Lis, 1818. Rivoli, 1797; Constantinopla, 1435; Sedan, 1870; Worcester, 1651; Saratoga, 1755.

Pontaces

Os ais que a minh'alma lança
Por ti a todo o momento.
Mas... eis que volta a bonança.

Ficará no esquecimento
O meu enorme sofrer
Deste amor que eu alimento

E que dura até morrer!

Fevereiro de 1950

David Nogueira Sequerra
Aluno N.º 333

(Do livro «Clamores da Alvorada»)

APONTAMENTOS

DE

uma viagem às nossas Ilhas

COMO complemento do curso que estamos a tirar neste Instituto, efectuámos um tirocinio de 30 dias a bordo do vapor Carvalho Araújo, pertencente à Empresa Insulana de Navegação; são desta viagem os breves apontamentos que tirámos e que apresentamos à apreciação dos nossos leitores:

Madeira, Pérola do Atlântico

Esta nossa ilha, que já foi consagrada pelas penas ilustres de grandes escritores e pelas telas de grandes pintores, entre os quais Churchill, o grande paladino da vitória, é, sem dúvida, a mais bonita de todas as nossas ilhas, especialmente ao amanhecer.

Vista do mar, parece uma imensa cascata, semelhante, na disposição do casario, àquelas que mãos carinhosas e cristãs erguem pelo Natal, para comemorar o nascimento de Cristo. Não há palavras que descrevam convenientemente a vista maravilhosa que se disfruta de bordo, mas, quando descemos a terra, ainda mais encantados ficam os nossos olhos. Por toda a parte se vêem flores, flores essas que duram todo o ano, enquanto que aqui no continente não duram mais que uma estação.

Ruas e avenidas novas se rasgam por toda a cidade do Funchal, dando-lhe aspecto de cidade moderna e progressiva. Estabelecimentos comerciais, cafés, bares, tudo é moderno. Só em transportes a Madeira está atrasada, mas mesmo este inconveniente está em vias de solução, segundo informações que gentilmente nos forneceram. O que deve continuar a existir, por ser típico da ilha, são os carros sem rodas semelhantes a trenós, puxados por pachorrentos bozinhos. Pelo imprevisto que lhe é fornecido, todo o turista se vê obrigado a dar uma volta pela cidade nestes carros.

Ainda dentro da cidade do Funchal, pode-se admirar o mercado, moderno e limpo como não há nenhum em Lisboa. Está dividido em três secções: duas térreas, e uma situada no andar superior. No andar térreo encontram-se as secções de peixe e de trabalhos de vime, indústria esta que, juntamente com a de bordados, constituem as coroas de glória do laborioso povo madeirense. No andar superior encontra-se instalada a secção de legumes e frutas.

Mas deixemos o mercado, e metamo-nos num desconjuntado táxi, a caminho do cimo do monte, para apreciarmos o magnífico espectáculo que de lá se disfruta. O carro, lentamente, vai torneando o monte e, a cada volta, parece que vamos deixar a terra para penetrarmos no paraíso. No cume, está situada uma capela, a capela de Nossa Senhora do Monte onde nos vemos obrigados a entrar e a orar, impedidos por uma força desconhecida mas imperiosa.

Depois de nos recolhermos nuns instantes de adoração, saímos da capela a fim de apreciarmos o espectáculo surpreendente que a natureza nos oferece. Lá ao fundo, na baía, os barcos são uns pontinhos minúsculos e o conjunto policromado das flores nos jardins e encostas dos montes, encanta-nos; em face de tudo isto, a força misteriosa de que vos falámos há pouco obriga-nos a dizer baixinho, quase em segredo: «obrigado, Natureza, por teres distinguido Portugal com esta maravilha que os nossos olhos, extasiados, contemplam aos nossos pés...»

Lisboa, Agosto de 1951.

Vital dos Reis e Fernando Loureiro
(Aluno n.º 164) (Aluno n.º 390)

A SEGUIR: — S. Miguel, Ilha das Mulheres bonitas.

Página da História

D. Egas Moniz

A ombrear com Vasco da Gama Pombal, Nuno Álvares, e outros grandes vultos que no correr dos tempos engrandeceram esta nossa terra de Portugal, um há que é o modelo da fidelidade, do conhecimento do dever e da honra: esse é o de D. Egas Moniz, fidalgo transmontano.

Filho de Muninho Hermigues e descendente duma das mais nobres famílias néo góticas, combateu ao lado do conde D. Henrique e após a morte deste em 1114, recebeu de D. Teresa o encargo de dirigir a educação do jovem D. Afonso Henriques. Revoltado este contra sua mãe e rainha, D. Egas Moniz seguiu-o e tornou-se seu conselheiro.

Mas o Destino quis que algo de mais notável lhe envolvesse o nome. E, foi o caso que...

Estava D. Afonso Henriques em Guimarães, quando lhe foi pôr cerco Afonso VII rei de Leão, com o intuito de o obrigar a prestar-lhe vassalagem. Durante meses o cerco foi mantido. Porém, D. Afonso Henriques reconhecendo a sua impotência nessa luta, prestou a vassalagem imposta, ficando D. Egas Moniz como fiador do cumprimento do preito.

O rei de Leão levantou o cerco. Mas em breve D. Afonso Henriques atacou-o nos seus próprios domínios, não se lembrando já da vassalagem prestada.

Quem se não esqueceu foi D. Egas Moniz; espírito recto e honrado, reconheceu não haver maneira de fazer cumprir a seu amo e senhor, a vassalagem de que fôra intermediário. A sua honra ficara manchada: era preciso resgatá-la — «Não queria que se sacrificasse a Independência duma Nação, quando a vida dum homem a podia salvar.»

E, levado por este sublime pensamento, partiu para a corte do rei de Leão, em Toledo. Durante a via-

A glorificação do Homem e do Trabalho

Continuação da 1.ª página

que entra na Sociedade de peito feito para se lançar na «Luta pela Vida».

E' necessário ver na ideia de Trabalho a realidade mais nobre de actividade própria do ser vivo, para se restabelecer o verdadeiro conceito de dignidade, que o Trabalho encerra. Quantas vezes ouvimos dizer a velhos e veneráveis trabalhadores cristãos, mostrando as suas mãos calejadas: «O Trabalho é Honra». O contrário do trabalho chama-se, em linguagem, *ociosidade*, que é, manifestamente, a mãe de todos os vícios.

Um pensador antigo disse que o homem nasceu para trabalhar assim como a avezinha nasceu para voar. Esta justa comparação, ajudando-nos a compreender o lugar que o trabalho ocupa na nossa vida, mostra-nos também que o trabalho está ligado à finalidade última da nossa existência, a qual consiste em atingirmos todo o bem de que carecemos para sermos totalmente felizes.

Trabalhar é, pois, viver, embora o viver nem sempre se possa chamar Trabalho. Viver quer dizer actividade, mas esta só merece o nome de Trabalho quando produz algum bem humano. Logo, toda a actividade produtiva de qualquer bem humanamente apreciável merece o nome de Trabalho.

I — O trabalho é fonte dos maiores bens para o homem.

Para melhor explicar o nosso pensamento, distinguiamos os bens internos e os bens externos.

Bens internos: do corpo e da alma, como: a saúde, a proporção dos membros e órgãos cujo bom funcionamento produz o bem-estar físico, num conjunto harmonioso, do qual resulta a beleza corporal. Depois, o vigor e a potencialidade das faculdades mentais, realçadas pelas virtudes naturais e sobrenaturais.

Assim, na inteligência, há que considerar o recto uso dos primeiros princípios da razão, que geram: a Ciência, a prudência, as Artes e a técnica, formando um maravilhoso conjunto de riquezas humanas que o Dom sobrenatural da Fé vem elevar até ao plano da Vida do próprio Deus, cuja vida o homem é admitido a partilhar.

Na vontade, consideramos a rectidão da vida moral pelas virtudes humanas de: Justiça, Fortaleza e Temperança, donde resulta o completo domínio de si mesmo, isto é, a rectidão e a nobreza do Carácter. Destes bens imateriais do homem nasce a perfeita liberdade do ser racional que nos aparece aureolado com o heroísmo e a santidade, desentranhando-se em obras de paz, de verdade, e de Caridade, nas quais se traduz a participação efectiva e afectiva da Graça Divina ou a suprema realidade da Vida de Deus comunicada ao homem, já nesta vida. Tudo isto constitui o ideal cristão.

gem, se alguém tentava falar-lhe, dizia: — Ao largo, pois sou um homem sem palavra!

Chegado a Toledo, apresentou-se a Afonso VII com a sua família, descalços e de corda ao pescoço. Voluntariamente ele procurava remir com a própria vida e a dos seus a sua palavra de cavaleiro.

O rei de Leão, espantado como toda a sua corte, vacilou entre a a colera, mas comovido com este rasgo de lealdade, desligou-o do juramento e perdoou-lha.

D. Egas Moniz retirou-se para as suas terras de Trás-os-Montes, onde veio a morrer em 1144, repousando os seus restos mortais na Igreja românica de Paço de Sousa.

No dizer de Pinheiro Chagas, «este homem teve apenas a iluminar a sua presença, o seu nobre de não querer que a nova nacionalidade se fizesse num perjúrio. «Porém este gesto é suficiente para que D. Egas Moniz seja lembrado através dos séculos, para Honra e Glória da Pátria que tão gloriosos filhos teve.»

António Luís Celestino Soares de Andrade

Bens externos ou exteriores: São os bens ditos de fortuna ou as riquezas, a influência, os verdadeiros amigos com o incomparável gozo da perfeita vida em sociedade.

II — O trabalho executado em condições normais cria, desenvolve, aperfeiçoa, e conserva e defende todos os nossos bens internos e externos.

A saúde corporal benéfica do esforço nos vários exercícios, aos quais o trabalho submete o nosso corpo. Quantas pessoas há que, para evitarem o grave inconveniente duma vida ociosa ou produtivamente inútil se obrigam à prática de exercícios corporais e mentais? O trabalho ordenado e proporcional às nossas forças restabelece e mantém o equilíbrio da saúde, desde a circulação do sangue até à plenitude do vigor do sistema nervoso, fonte de prazer e de bem-estar.

Note-se que o trabalho muscular produtivo, normal, é sempre benéfico para todo o organismo; tanto no somático como no psíquico, ao passo que os exercícios físicos tendentes somente ao desenvolvimento muscular, criam elefantina musculatura, mas não aumentam as misteriosas energias do sistema nervoso, factor primordial e directamente utilizado na vida especificamente humana. Bom será, pois, acautelar dos pseudo-mestres que parecem confundir os bíceps e o cérebro, as energias musculares e o fluido do sistema nervoso. A esse gravíssimo erro se deve, em grande parte, o triste e doloroso facto de vermos sair dos nossos estabelecimentos de educação e de formação corpos de gigantes com almas de pigmeus.

Os bens de fortuna adquirem-se geral e normalmente pelo trabalho. As heranças e os jogos de azar não estão propriamente no plano do Legislador, que manda a todo o homem submeter-se ao trabalho para grangear o pão de cada dia. Bens de fortuna são, pois, tudo quanto se refere às necessidades materiais da vida presente, em conformidade com aquela clássica frase do Aquinatense: «Quaedam sufficientia bonorum, certa quantidade suficiente de bens materiais» necessária a todos os homens para poderem levar vida digna de seres humanos. Ora, o meio natural certo, imprescindível para conseguir todos os bens é o trabalho, num ambiente humano de justiça e de paz, pois que, assim, o trabalho é, de facto, a principal fonte de riqueza.

Em conclusão: O Trabalho merece toda a nossa boa vontade, mais ainda, merece o nosso amor, porque dele nos advém tudo quanto é bom para a nossa felicidade completa.

O trabalho glorifica o homem que o executa amorosamente, com o seu corpo, com a sua inteligência e com toda a sua vontade. Os preguiçosos, os ociosos merecem a infelicidade que, mais tarde ou mais cedo, cairá sobre eles. A Sociedade, em que abundam os ociosos de qualquer espécie, será necessariamente uma sociedade imperfeita e infeliz.

A ideia que apresenta o trabalho como um mal para o homem é falsa, injusta e perigosa para cada indivíduo e, consequentemente, para a Sociedade, e por isso deve ser combatida por todo o homem de bem.

Antero Ribeiro Gomes

Recebemos, registamos e agradecemos

A gentileza de nos terem enviado a importância das suas assinaturas, os Ex.^{mos} Senhores:

De Amigo: 50\$00

Eng. Manuel Matos Viegas

De Auxiliar: 25\$00

Cap. Humberto Gonçalves Garcia

De simples Assinante: 20\$00

Major José Domingos Lampreia
Diamantino Dias Reis
D. Elvira Ramos Paquete
João Ramalho Claro

«A consciência é a faculdade que o homem tem de contemplar quanto se passa no seu íntimo, assistir à própria existência, ser, por assim dizer, espectador de si próprio.»
— (Guizot)

O jornal aos

Deus, Pátria
e Família

Supiloso Exercicio

Quem é Deus? Basta olhar para cima das fontes,
Ver o céu, ver o dia, a noite, os horizontes...
E vós quem sois? Curvai o semblante altaneiro,
E vede-vos no pó mesquinho do cinzeiro!

REDACTOR: Fernando Loureiro

DIRECTOR: ANTERO RIBEIRO GOMES

EDITORES: David N. Sequerra e Vital dos Reis

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

Aspectos de Portugal no Brasil

A O iniciar a minha viagem, rumando para plagas de Vera-Cruz, mentiria se quisesse afirmar que nenhum interesse me despertavam os aspectos sociais e raciais dos brasileiros, relativamente aos portugueses, seu povo gerador.

Muito pelo contrário, essa faceta era-me particularmente interessante e excitava ao mais alto grau a minha natural curiosidade de viajante e português.

Bastantes opiniões já tivera escutado acerca da maneira como o povo genuinamente brasileiro recebia o lusitano que ali chegava, a maior parte das vezes em busca de novos horizontes, não só visuais, mas também, e em tonalidade mais intensa, horizontes monetários. Mas o que me era dado ouvir era por vezes tão divergente, tão nitidamente contraditório e paradoxal, que uma alegria ingénua entrava em mim só de pensar que iria, enfim, esclarecer em definitivo essas confusas ideias pelo mais simples processo: a experiência própria.

Dos apontamentos colhidos e que, desde já declaro, são mera-

mente pessoais, achei talvez interessante expor-vos alguns para que algo de mais verdadeiro passeis a saber sobre o intercâmbio de relações amistosas luso-brasileiras.

A grande maioria, ou melhor, a quase totalidade dos brasileiros gostam, admiram e respeitam verdadeiramente o nosso compatriota. E' principalmente na classe alta, na sociedade de requintados luxos e de cultura mais vasta e profunda, que essa extrema simpatia pela gente lusitana se eleva a um nível máximo.

Fui alvo de várias manifestações de cativante delicadeza e lia nos olhos dessas famílias que me obsequiaram, esse «pessoal» (termo tipicamente carioca) que há bem pouco me era totalmente estranho, a sinceridade das acções, a sã alegria de poderem ser úteis, o respeito pelas tantas qualidades dos habitantes deste cantinho querido.

O trabalho, a honradez, a antiguidade histórica, são primordiais adjectivos que «todo o mundo» utiliza para nos guindar a um pla-

Continua na 2.ª página

O vapor ao serviço da Navegação e dos Caminhos de Ferro

II — Caminhos de Ferro

NA navegação, o vapor fez aumentar grandemente a velocidade dos navios. Então, nas viagens terrestres, que prodígios não seria capaz de fazer este agente poderoso?

Apesar de as locomotivas serem de mais fácil construção do que as máquinas marítimas e do que as que se usavam nas oficinas, o que é certo é que o emprego do vapor para as fazer funcionar é muito mais moderno. Havia muitos anos já que os navios a vapor circulavam nos mares e rios e que a indústria utilizava o vapor, quando apareceu a primeira locomotiva. Parece que esta demora se deve ao facto de as primeiras máquinas a vapor serem de condensação, o que necessitava de muita água, sendo por tal facto, inaplicável às locomotivas. No entanto, fizeram-se ensaios com máquinas de condensação, até que apareceram as máquinas de alta pressão, as únicas de fácil aplicação às locomotivas.

Parece que em 1759 o Dr. Robinson apresentou uma sugestão para se fazerem mover as rodas

Continua na 2.ª página

AS NOSSAS FESTAS

Com singeleza e profundidade vimos realizarem-se, nos passados dias 10 e 11 do corrente, as festas de Recepção aos novos Alunos, de distribuição de prémios e Diplomas aos Alunos que mais se distinguiram durante o ano transacto e também a abertura solene das aulas.

Dignou-se assistir Sua Ex.^a o Senhor Sub-Secretário de Estado do Exército, que era acompanhado por Sua Ex.^a o Senhor Governador Militar de Lisboa, pelo Ex.^{mo} General Comandante da Guarda Republicana e pelo Ex.^{mo} Brigadeiro Comandante da Defesa Marítima de Lisboa, e por várias outras altas individualidades, além da Ex.^{ma} Direcção do I. P. P. E., com todos os Professores. Assistiram numerosas pessoas de Família dos Alunos, bem como grande número de Amigos.

Pelas três horas da tarde encontrava-se o Batalhão Escolar, vistosamente uniformizado, em rigorosa formatura, na estrada, em frente aos portões do edifício do Instituto, aguardando a chegada de Sua Ex.^a o Sub-Secretário do Exército. Uma formatura de clarins, em acordes vibrantes, executava os toques e marchas de estilo em tais circunstâncias. A' hora prevista chegava o Senhor Sub-Secretário de Estado, que, depois de receber os cumprimentos da Ex.^{ma} Direcção do Instituto e os de outras individualidades presentes, logo passou revista ao garboso Batalhão Escolar. Seguiu-se uma cerimónia comovente, previamente explicada pelo Ex.^{mo} Director do Instituto, num brilhante discurso de circunstância, que foi também uma interessantíssima lição sobre a formação da Pátria Portuguesa através da evolução natural e histórica da sua Bandeira, desde Afonso Henriques até ao advento da República.

Essa cerimónia comovente foi a primeira saudação em continência à Bandeira Nacional pelos novos alunos, que se sentiram galvanizados por um mais concreto sentimento de amor à Mãe-Pátria, tão expressivamente simbolizada naquela Bandeira verde-rubra que parecia abençoá-los carinhosamente.

No domingo, dia 11, completaram-se as festas com um luzido baile no-salão de festas do I. P. E. Todos ficaram satisfeitos pela forma brilhante como decorreram as festas.

Agora continua-se na azáfama das aulas, que este ano se acham distribuídas pelos dois edifícios, na 1.ª e na 2.ª Secção.

A Juventude

E O TEMPO

A psicologia da Juventude é caracterizada por uma profunda ansia de experimentar tudo quanto aos jovens solicita os sentidos. Nesta quadra da vida, nada os satisfaz como a experiência pessoal, e se algum veterano pretende acautelá-los contra os perigos a que se expõem, dificilmente lhe prestam ouvidos.

A experiência alheia pouco ou nada os impressiona, porque eles são incapazes de compreender. No entanto, a juventude necessita de protecção, de defesa. Nisso existe um problema tão urgente como delicado.

É banal repetir que a Juventude é a Primavera da vida. Ela está para a plenitude humana como as flores estão para os frutos. Mas nunca é banal colher as lições da natureza para as aliar às dos homens.

A inteligência nutre-se de factos, que, sendo objectivamente verificados, servem para nos orientar os passos na senda da vida.

No fundo, cada homem é o cultor de si mesmo, cada homem é o construtor do seu próprio destino.

Se, na estação primaveril, os temporais desfeitos em aguaceiros, em vendavais e em granizo, perturbam a floração, lá-se vão os frutos irremediavelmente.

Entre os jovens alguns há dotados de grande riqueza em valores humanos, ávidos das explicações de algum cicerone, competente e dedicado, que os guie seguramente pelos caminhos misteriosos da existência.

É para esses principalmente que vai o meu pensamento.

A Juventude só é bela quan-

do se conserva no equilíbrio da saúde física e moral, emoldurada na disciplina voluntária resplandecendo com vigor, ordem e harmonia.

Há novos sem juventude, como há velhos em juventude perene. Que ninguém se escandalize com este paradoxo, pois ele é apenas aparente. Sim, porque a verdadeira Juventude não se reduz aos verdes anos da pouca idade, a Juventude é a beleza da plenitude da vida, que, na idade juvenil tem o brilho virginal das rosas ao receberem o primeiro beijo do sol, e nas outras idades ostenta o resplendor da energia e das qualidades que lhe asseguram a imortalidade. A Juventude é imortal. Falo da Juventude em concreto e não em abstracto.

Continua na 2.ª página

A Juventude e o Tempo

Continuação da 1.ª página

Há novos pelos quais apenas passou a juventude, pois que depressa a destruíram.

É justo pensarmos que Bocage foi sincero quando escreveu:

*Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava
Ab, cego, eu cria, ah, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.*

Aqueles cujo ser se evapora na lida insana das paixões em tropel, perdem a juventude, porque perdem a irradiação do ser, diminuindo-se e descendo até ao nada da desordem orgânica e mental.

Bocage, nestes versos, é a penas o eco duma juventude que se extinguiu, e contrasta vivamente com o sentido dos versos de Camões, cantando: ... «aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando...»

A obra valorosa por excelência é o perfeito equilíbrio da vida virtuosa, de cuja harmonia nasce a juventude como a faísca no arco voltaico.

O chamado tempo da juventude, cujas características psicológicas são bem conhecidas e a língua francesa exprime na frase: *Le temps de la bêtise* — o tempo da tolice, decorre geralmente envolto em perigosos sofismas.

O sofisma mais corrente entre os jovens de certa classe é: *Quero viver como vivem os outros da minha idade.*

Por viver, entendem eles o entregarem-se à solicitação desordenada dos sentidos, que nessa idade começam a manifestar o tropel desorientador da sua infrene cavalgada.

Infelizes. Não vêem nem querem compreender que *esse tal viver* é precisamente a morte da bela flor da juventude. Entregaram-se ao tropel das paixões, e eis desbotada e murcha a maravilhosa flor da Juventude.

Urge combater os sofismas da juventude, as mentiras que destroem o bom senso, que é o guardião da rectidão do bom viver genuinamente humano.

Impõe-se uma campanha de ideias sãs, baseadas no conhecimento científico da natureza das coisas e das pessoas.

Assim como é necessário vigiar a alimentação dos corpos para que seja sadia e reúna todos os elementos necessários à vida e à saúde corporal, assim também se torna necessário conservar sãos os pensamentos, as ideias e os sentimentos dos jovens, para os salvar dos imensos perigos que os rodeiam na idade inexperiente e arrogante.

Infelizmente, na prática, há mais quem semeie erros e mentiras no espírito e no coração dos novos, do que quem lhes administre, como convém, as verdades sãs, luminosas e dinâmicas, para neles aviventar e fecundar os princípios geradores da verdadeira Juventude.

A literatura e o cinema deviam ser veículos poderosos e eficazes a jorrar verdade e vida no coração dos jovens, mas afinal, é bem o contrário que tristemente sucede. E, absurdo singular, são relativamente poucos os pais e educadores que pensam em dirigir os seus filhos e educandos na escolha dos livros e dos filmes.

O mercantilismo, que invadiu todos os sectores da vida, já nem a consciência é capaz de respeitar. E para cúmulo da desdita, os novos parecem teimosos em não quererem compreender a triste realidade e suas desastrosas consequências, pois que rejeitam inconscientemente os meios aptos para conduzi-los no único caminho da perfeição do ser e da actividade humana.

A natureza não lhes perdoará jamais as tropelias que os estouvados sacrilegamente lhe infligem.

O tempo virá um dia, com a sua mão de ferro, sufocar e esmagar na dor inútil esses peitos carcomidos pela ferrugem dos vícios, em que a juventude se consumiu. Então, mas já tarde, e sem remédio, terão eles que chorar com o poeta em vão arrependido, dizendo:

*«Prazeres, sócios meus e meus tiranos,
Esta alma, que sedenta, em si não conbe,
No abismo vos sumiu dos desenganos.»*

Mas que ninguém se iluda, pois que nem o próprio poeta se iludiu, acrescentando:

*«Ganhe um momento o que perderam anos:
Saiba morrer o que viver não soube.»*

A natureza morta já nada consegue remediar, porque a solução do problema encontra-se na vida, que não na morte. Resta o sobrenatural.

E a Juventude quer viver, sofregamente, porque foi feita para a vida. A Juventude é detentora das promessas de vida eterna. Nós lutamos pela vida, para a vida, contra a morte.

Há, pois, jovens de temperamento nobre, dotados dum sentido especial que herdaram geralmente de suas mães, o qual se lhes manifesta oportunamente como se fora um alarme de perigo de incêndio, logo que o mal dos vícios tenta roçar-lhes o coração.

Esses pressentem a malignidade penetrante dos espinhos ocultos por detrás da folhagem das rosas da tentação, e conseguem assim evitar

ASPECTOS DE PORTUGAL NO BRASIL

Continuação da 1.ª página

no de justo respeito. E, realmente, através do grande à-vontade com que me trataram, eu adivihei sempre uma pontinha desse respeito, pelo simples facto de eu ser um português.

A parcela de indivíduos que não gostam de nós, que não toleram a nossa presença digna e edificante em suas próprias terras, é somente preenchida pela classe baixa, nomeadamente negros de favela, trabalhadores rurais, carregadores e até a própria vadiagem, enfim, gente sem cultura para poder marcar o seu juízo com um cunho de reconhecida sensatez.

À parte esta espécie, ninguém mais nos classifica de indesejáveis e deslocados.

Podem todos crer que no Brasil se gosta verdadeiramente de Portugal!

Expressando esta verdade, eu fico bem com a minha consciência e presto uma justíssima homenagem de gratidão a tanta gente que eu, possivelmente, jamais tornarei a ver, mas que vivem na saudade latente do meu coração.

Não acreditem mais, por favor, no tanto mal que lançam sobre o comportamento dos brasileiros para conosco.

Quando o barco se ia afastando pouco a pouco da costa desse fantástico país, nosso mais dilecto filho, eu senti vontade de gritar bem alto: Obrigado Brasil! Obrigado boa gente brasileira!, e encontrei dentro de mim, mais nítida que nunca, a grande vaidade de ter nascido em PORTUGAL!

8-11-51

David Nogueira Sequerra
al. 333

o mal, as feridas sangrentas que roubam a vida da juventude.

Sabem dar o primeiro passo na boa e justa experiência, evitando o mal, e em seguida caminham galhardamente de frente erguida, como autênticos jovens, na estrada maravilhosa da perene e eterna juventude.

Esses vencem a morte, porque estão na posse da vida e dos seus tesouros.

Saberem eles o valor do coração, e defendem-no corajosamente, enchendo-o incessantemente no amor do Bem e da Verdade.

Nestes, a Juventude alia-se com o tempo, e torna-se perene.

Semelhantes a essas árvores excelentes que nos deliciam com o espectáculo de se mostrarem carregadas de flores e de frutos ao mesmo tempo, esses jovens gozam, na aliança da primavera sempre em flor e do outono riquíssimo em frutos saborosos e perenemente inesgotáveis.

Se entre os leitores houver algum que sinta o nobre desejo de enveredar por este caminho da verdadeira juventude, que esse queira decididamente renunciar ao tropel das suas paixões desordenadas, siga a recta razão e aceite o bom conselho da disciplina e da virtude.

A luta trava-se rija dentro de nós próprios, é necessário conservar todo o vigor e entusiasmo da juventude, confiante e esplêndida, para, com o auxílio de Deus, tudo conseguirmos.

Os covardes, que se negam à luta, não pertencem ao número dos jovens.

Jovens, conservai e defendei a vossa juventude.

ANTERO RIBEIRO GOMES

O vapor ao serviço da Navegação e dos Caminhos de Ferro

Continuação da 1.ª página

das carruagens por meio do vapor, e que mais tarde James Watt descobriu uma máquina de condensador. No entanto, estas ideias não vingaram, e os seus autores não lhes deram grande importância.

Em 1778, Cugnot fez no Arsenal de Paris um ensaio de uma carruagem a vapor. Esta máquina, que não era de condensação, atingia a velocidade de cinco quilómetros por hora, mas era obrigada a parar muitas vezes por falta de vapor.

Houve mais ensaios, mas todos sem importância. Em 1802 Trevithick e Vivian, construíram a primeira locomotiva que rebocou vagões carregados. Esta locomotiva era constituída por uma caldeira cilíndrica, no meio da qual estava uma bomba de duplo efeito. A haste do embolo, por meio de tirantes, actuava sobre duas manivelas colocadas nos extremos dos eixos das duas rodas. Havia um volante para regularizar a marcha da máquina.

Esta máquina foi empregada no País de Gales nas dependências de uma mina de carvão, arrastando cem toneladas de carvão de pedra à velocidade de 10 kms. horários. Como a superfície de aquecimento era pequena, tornava-se necessário armazenar vapor antes de partir, para que a máquina não se visse obrigada a parar no meio do caminho.

Nessa época não se acreditava que o simples peso da locomotiva era suficiente para criar o atrito necessário para o seu deslocamento. Diga-se de passagem que este modo de pensar não era destituído de lógica, pois nessa altura as locomoti-

Continua na 3.ª página

Apontamentos de uma viagem às nossas ilhas

DEPOIS de passarmos Santa Maria, primeira ilha do Arquipélago dos Açores, dotada de um excelente aeroporto de Categoria Internacional, aportamos a S. Miguel, única ilha açoreana que possui cais acostável.

Famosa pelas Furnas e pelo panorama surpreendente das Sete Cidades, esta ilha vai, a pouco e pouco, progredindo. Actualmente, entre as obras previstas pelo plano de melhoramentos, Ponta Delgada possui um magnífico teatro e um bonito hotel, cada um dos quais, pertence a duas empresas de navegação importantes e rivais. O hotel «Terra Nostra» pertence à Empresa Insulana de Navegação, e o «Teatro Micaelense» é propriedade da Empresa de Navegação «Carregadores Açoreanos».

Afora estas quatro preciosidades micaelenses, só as mulheres são dignas de nota pela sua beleza. Foi a ilha em que vimos as mulheres mais bonitas, seguida de perto pela ilha das Flores.

Esquecia-me já de apontar a estufa dos ananazes, obra de facto importante e interessante. Nela, pode o turista apreciar e comprar, os mais belos exemplares deste fruto, artisticamente colocados em vasos de madeira, mas este luxo paga-se bem. Por curiosidade, quisemos saber os seus preços e ficámos surpreendidos ao ouvirmos dizer que variava entre 30 e 40 escudos, sem vaso.

Em Ponta Delgada, encontram-se ainda as fábricas: de tabaco que fornecem as ilhas do Aequipélago; cerveja e refrigerantes; açúcar, de raiz de beterraba, que abunda nesta ilha.

Falemos agora das preciosidades da terra. Descreveremos o que vimos, e o que nos contaram. Primeiramente vai o que vimos.

O Teatro Micaelense está situado num óptimo local, e tem lugares para perto de mil espectadores. Possui pla-

teias, frisas, camarotes e balcões, sendo todos os lugares cómodos e com óptima visibilidade. As condições acústicas são admiráveis, permitindo boa audição em qualquer lugar. As instalações para os artistas também são óptimas. Possui cerca de meio cento de camarins, cabine telefónica, posto de socorros, e uma sala de espera, onde os artistas aguardam a sua vez de entrar em cena.

A iluminação é indirecta, e feita por meio de tubos fluorescentes, de comando automático no quadro instalado na cabine situada nos bastidores. Fora da sala de espectáculos, existem: um salão de festas luxuoso, iluminado por três lustres, cada um no valor de vinte contos; vestiários de homens e senhoras; bar; sala de fumo; e vitrines de exposição de produtos nacionais e estrangeiros.

O hotel Terra Nostra, que não visitámos por não termos obtido a necessária autorização, deve ser, no género o único no mundo. Nele existem quartos de variadíssimos estilos: Império, Renascença, Contemporâneo, Luís XV, Luís XVI, Antiga Portuguesa, etc. Os mobiliários deste hotel, são da época que representam. Deste modo, a montagem do hotel ficou caríssima, e quem nele se hospedar pagará bem a sua estadia. Pena é que, pessoas com pouca educação o tenham visitado e estragado peças e estatuetas de porcelana no valor de sessenta contos. Por causa desses visitantes, agora os turistas encontram mais dificuldades para visitarem esta obra prima. O hotel Terra Nostra possui ainda magníficos jardins, salões de baile, bares, magníficos quartos de banho, uma luxuosa sala de jantar, e uma esplêndida piscina, onde os hóspedes poderão nadar quando o desejarem.

Penetrando na ilha, encontramos as Furnas e as Sete Cidades.

Como se sabe, esta ilha é vulcânica,

PÁGINA Literária

APONTAMENTOS

sobre A. Lopes Vieira

Se nos seus poemas «o poeta é a voz do que um povo diz», nos seus livros de prosa o escritor é o sacerdote que nos prega o amor alto e sagrado pelas nossas coisas. E' ler a sua Campanha Vicentina, é folhear esse livro de rara beleza que é o *Em demanda do Graal*, livro que todos nós devemos ler e amar para nele aprendermos a arte de ser bom português.

E nem toda a gente conhece ainda esse livro que é uma nova Bíblia e já devia andar nas escolas, nas mãos dos pequeninos portugueses!

E que dizer da interpretação do Amadis, de Lobeira, e da ressurreição da Diana, de Jorge de Montemor?

Ao romance de cavalaria, masculino, quis o poeta dar a novela feminina pastoril e agora os dois poemas ficarão para sempre enlaçados, para que assim, bem juntos, melhor definam a alma heróica e amorosa em Portugal. Em ambos os poemas estremece e confessa-se o amor português, «amor fino e fiel, rendido como ele e só», que mesmo em língua estranha não deixou de ser nosso. E o poeta escreveu esses dois livros pondo-lhes um novo e formoso ritmo, para que as idades distantes acordem e de novo comecem a falar...

E o Amadis e a Diana agora completamente portugueses pelo espírito e pela linguagem — ficarão como os mais belos poemas da nossa terra. E' o amor português que enche de heroísmo e ternura as suas páginas, o nosso amor adoração que é o maior amor, como se o corpo fosse a alma, ou a alma fosse o corpo...

e, por conseguinte, no interior, encontram-se poços de água sulfurosa, uns de água a ferver, e outros de água gelada. O mais interessante, é que logo ao lado de água a ferver, se encontram outros de fria.

As Sete Cidades, constituem outro local que se deve visitar, caso o barco esteja fundeado o tempo necessário, o que não sucedeu connosco. Mas, segundo o que nos contou um ex-aluno do Instituto, natural de Ponta Delgada e lá residente, o espectáculo que se depara é extraordinário.

Duns pontos, as águas das lagoas parecem azuis mas basta mudar um pouco a posição em que nos encontramos, para que vejamos verdes as mesmas águas.

Possui ainda Ponta Delgada, dois magníficos jardins, num dos quais existe um cinema ao ar livre. No outro, uma vez por semana, há concertos musicais, dados pela banda de música do quartel existente na capital da ilha.

Pela uma hora da manhã, com grandes saudades, dissemos adeus a Ponta Delgada, terra das mulheres bonitas. Mantivemo-nos na coberta até desaparecerem as últimas luzes da cidade, apesar de entrarmos de serviço às quatro horas da manhã.

Lisboa, Novembro de 1951

Vital dos Reis e Fernando Loureiro
Aluno n.º 164 Aluno n.º 390

A seguir: ILHA TERCEIRA

Quis, com o barro esquivo das minhas palavras, moldar o perfil magnífico deste grande poeta e não pude, nem soube mesmo fazer o elogio deste «nobre arauto e mantenedor do Lirismo da alma portuguesa e evocador das suas mais puras manifestações», no dizer desse gentilíssimo espírito que foi entre nós, D. Carolina Michaélis de Vasconcelos, que tanto o admirava e estimava por ver nele «um dos verdadeiros Camões de hoje» que, tendo se identificado tão belamente com o melhor da alma portuguesa, não podia, por isso, deixar de sentir e interpretar, como seu e como nosso, o lirismo heróico de Lobeira ou a poesia feminina de Montemor.

Se dos livros maus não se consegue falar rigorosamente mal, também dos livros belos como os deste poeta, não se consegue falar esplêndidamente bem.

Carlos Alberto de Azevedo Araújo
(Aluno n.º 257)

O vapor ao serviço da Navegação e dos Caminhos de Ferro

Continuação da 2.ª página

vas eram muito leves. Fizeram-se então os carris canelados que se estragavam depressa. Em 1811 Blenkinsop fez colocar em toda a extensão da linha uma cremalheira cujos dentes engrenavam nos da roda que a máquina fazia mover. Em 1812 Chapman fez substituir a cremalheira por uma cadeia sem fim, colocada paralelamente aos carris.

Em 1813, Bruton deu à locomotiva uma disposição célebre. Barras articuladas, funcionando como os membros posteriores dum cavalo, faziam caminhar a máquina.

Só um ano depois é que o engenheiro inglês Blackett, pensou que a aderência das rodas nos carris seria suficiente para que a locomotiva se deslocasse, e a experiência provou que o seu raciocínio estava certo. Com esta descoberta simplificou-se muito o emprego das locomotivas, e dataram desta época os maiores aperfeiçoamentos que foram introduzidos nas locomotivas. Dodd e Stephenson suprimiram o volante, substituindo-o por dois corpos de bomba, ou cilindros, em lugar de um só, e fazendo com que os embolos actuassem sobre duas manivelas perpendiculares entre si. Mais tarde, Stephenson fez que os cilindros, em vez de serem verticais, fossem inclinados 45°, — e ainda mais tarde é que se colocaram horizontais, o que não se fizera antes com medo de que, por efeitos do atrito, rapidamente se deteriorassem os embolos.

Apesar destes aperfeiçoamentos todos, as máquinas durante pouco tempo podiam aguentar o andamento, pois as superfícies de aquecimento eram muito pequenas. Em 1827, Séguin, em resultado das experiências feitas em tal sentido, imaginou as caldeiras tubulares, empregando grande número de tubos de ferro ou cobre horizontalmente, e paralelos entre si, ao longo da caldeira, aumentando assim consideravelmente a superfície de

QUEBRANTO

Quero-te ao longe, p'ra sonbar-te perto,
Sonbar-te perto, estando tu bem longe.

Fecho os meus olhos, penso, olvido o Mundo,
Deixo o meu peito à saudade aberta,
Apago a luz, vou expirar mais fundo,
Preparo tudo p'ra um prazer fecundo,
Quero-te ao longe, p'ra sonbar-te perto!

As trevas lambem este meu recanto
Qual vil mansarda dum antigo monge
Vou já dormir, oh divinal quebranto,
Vai começar em breve o doce encanto:
Sonbar-te perto, estando tu bem longe!

20-9-51

David Nogueira Sequerra
Aluno n.º 333

15 ANOS...

Eu amo a vasta sombra das montanhas
Que estendem sobre os largos continentes
Os seus braços de rocha negra, ingentes,
Bem como traços colossais de aranhas.

D'ali o nosso olhar vê tão estranhas
Coisas, por esse céu e tão ardentes
Visões, lá nesse mar de ondas trementes!
E às estrelas, d'ali, vê-as tamanhas.

Amo a grandeza misteriosa e vasta...
A grande ideia, como a flor e o viço
Da árvore colossal que nos domina...

Mas tu, criança, sê tu boa... e basta:
Sabe amar e sorrir... é pouco isso?
Pois a ti só te quero pequenina!

Carlos Alberto de Azevedo Araújo
Aluno n.º 257

Passatempo

VIANA DO CASTELO
TAVIRA
AVEIRO
LAGOS
SETÚBAL
PORTIMÃO
LISBOA
BRAGANÇA
AZAMBUJA
FARO
PORTO

Substitua os pontos por letras de modo a formar nomes de terras portuguesas.

Aluno n.º 379

Solução do Passatempo do número anterior

1	U	R	A	E	S
2	P	O	L	E	A
3	E	S	M	A	R
4	T	R	A	P	O
5	C	O	N	T	A
6	E	X	A	M	E
7	C	O	Q	U	E
8	C	R	U	E	L
9	T	R	E	L	A
10	T	I	B	I	A
11	P	O	E	J	O
12	C	I	R	I	O
13	S	E	T	I	A
14	C	O	R	A	L
15	S	A	A	D	I
16	S	I	N	O	S
17	I	N	D	E	X

Pontares

Vital dos Reis e Fernando Loureiro

VISADO PELA C. DE CENSURA

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

Página de História

Gil Fernandes

RELEBRANDO

Agora, que um novo ano desportivo vai começar, será interessante relembrarmos os nossos feitos desportivos do ano que passou. Embora não tão brilhantemente como nos anos anteriores, os nossos atletas souberam representar bem o Instituto. Digo não tão brilhantemente, pois de facto as classificações não foram aquelas que habitualmente costumávamos ocupar. A apreciação de cada uma das modalidades desportivas, que hoje começaremos a publicar, dar-me-á razão.

Apresentarei as apreciações pela seguinte ordem:

- I - Foot-ball
- II - Volley ball
- III - Basket-ball
- IV - Hand-ball de 7
- V - Remo
- VI - Atletismo (iniciados)
- VII - Atletismo (juniões)

I - FOOT BALL

Começaremos por este desporto, por ser nele que os nossos atletas mais têm brilhado. No passado ano, as nossas equipas, só por uma extraordinária força de vontade, conseguiram alcançar os primeiros postos das classificações; as nossas equipas, que ganharam fama devido ao futebol puro e alegre que costumavam praticar, em 1950/51 foram uma decepção. Tênicamente, em conjunto e em concepções tácticas, deixaram muito a desejar. Só o valor individual dos jogadores veio ao de cima, os elementos que vestiam a camisola do nosso Instituto, bem treinados, seriam um caso sério, umas autênticas peças de engrenagem complicada que é uma equipa.

E' do conhecimento de todos que o foot-ball é jogado por duas equipas de 11 jogadores cada uma, os quais, adestrados ténicamente, só trabalham para um fim: o bom rendimento da equipa. E é assim que se tem visto equipas constituídas por jogadores vulgares, baterem equipas em que se encontrem fenómenos, desde que a equipa de valores individuais médios jogue com mais ligação entre os vários sectores, do que a equipa de fenómenos.

Foi essa falta de ligação que obrigou os nossos atletas a um elevamento de esforço, e ao consequente abaixamento do rendimento de jogo.

Feitas estas considerações, apreciemos agora os resultados obtidos pelas nossas equipas, e quais eram normalmente os jogadores que as acompanhavam.

Iniciados

Jogos particulares

- Pupilos, 1 - Valssassina, 0
Pupilos, 5 - Escola Portugália, 0
Pupilos, 1 - S. L. Benfica, 2
Pupilos, 3 - S. C. Portugal, 4

Campeonato de Lisboa

Série de apuramento

- Pupilos, 4 - Afonso Domingues, 0
Pupilos - Ferreira Borges
vitória dos Pupilos por f. c. dos adversários

- Pupilos, 5 - Escola Agr. de Paia, 0
Pupilos, 3 - Fonseca Benevides, 0

Poule Final

- Pupilos, 3 - Liceu Camões, 0
Pupilos, 1 - Liceu D. João de Castro, 0

Campeonato Provincial

- Pupilos, 6 - Almada (ala de Setúbal), 0
Pupilos, 0 - Liceu S. João de Deus do Estoril (ala de Cascais), 3

Marcaram golos nos encontros de campeonato, os seguintes atletas: Verde, 7; Silva, 4; Cardoso e Monteiro, 3; Sousa e Nogueira, 2; Belo, 1.

Constituição normal da equipa: Martelo; Baia, Silva e Belo; Ratinho e Rodrigues; Cardoso e Monteiro, Verde, Sousa e Nogueira.

Resumo de todos os desafios disputados: 12 jogos; 9 vitórias e 3 derrotas; 32 bolas marcadas e 9 sofridas.

Juniões

Encontros particulares

- Pupilos, 4 - Escola Valssassina, 0
Pupilos, 6 - Escola Portugália, 0

Campeonato de Lisboa

- Pupilos, 3 - Liceu D. João de Castro, 0
Pupilos, 1 - Escola Ferreira Borges, 2
Pupilos - Colégio Académico vitória dos Pupilos por f. c. do adversário

- Pupilos, 3 - Esc. Luís de Camões, 0

Marcaram bolas nos encontros de campeonato, os seguintes jogadores: Cruz, 3; Montalvão, 2; Donald e Pereira, 1.

Constituição normal da equipa: Carreira; Oliveira, Matias e Preto; Peste e Junça; Araujo, Donald, Cruz, Iglésias e Montalvão.

Resumo de todos os encontros disputados: 6 jogos; 5 vitórias e 1 derrota; 17 bolas marcadas e 2 sofridas.

Conjunto dos resultados das duas equipas:

Encontros particulares

- 6 jogos; 4 vitórias e 2 derrotas; 20 bolas marcadas e 6 bolas sofridas.

Sinal de Vida ou de morte?

COM o presente número, «O Jornal dos Pupilos do Exército» encerra o seu primeiro ano de vida.

Ao lançarmo-lo na luz do mundo, dizíamos largamente da sua razão de ser, traçando as normas que nos haviam de orientar. Julgamos que nos mantivemos fiéis ao plano idealizado, mas reconhecemos as deficiências.

Este ano de trabalhos em prol da formação completa dos nossos alunos, foi também um ano de luta, em que se evidenciaram forças antagónicas, mas a perseverança triunfou, mercê do espírito de sacrifício que animou os lutadores.

O perigo maior foi a questão económica. Começamos do nada, sem fundos, confiando na compreensão dos alunos, de suas famílias e dos amigos do J. P. E.. Somos obrigados a reconhecer que nos enganamos.

Só o grande amor à causa de formação dos rapazes nos deu os meios para chegarmos ao fim do ano. Temos uma dívida que vai além de 1.500\$00. Se os nossos Assinantes devedores quisessem, tudo tinha remédio. Mas se persistem, estamos ameaçados... A nossa situação financeira é, pois, alitativa ao máximo. Haverá alguém que queira e possa vir em nosso auxílio?

Cá esperamos o pronto socorro. Há justo motivo para exprimir aqui os nossos sinceros agradecimentos a todos quantos, de algum modo positivo, nos vieram em auxílio, com a sua colaboração.

A obra da formação dos Estudantes merece bem os nossos sacrifícios, e é certo que nem tudo se perde.

Para se iniciar o novo ano de publicação «O Jornal dos Pupilos do Exército» coloca-se nas mãos dedicadas e generosas que se abrem para o amparar.

Quem vem em nosso auxílio?

Encontros de campeonato

12 jogos; 10 vitórias e 2 derrotas; 29 bolas marcadas e 11 bolas sofridas.

Total: 18 jogos; 14 vitórias e 4 derrotas; 49 bolas marcadas e 17 bolas sofridas.

Classificações obtidas

Iniciados

Série de apuramento

1.º lugar: - 4 jogos e 4 vitórias; 12-0 em bolas e 8 pontos.

Poule final

1.º lugar: - 2 jogos e 2 vitórias; 4-0 em bolas e 4 pontos.

Campeonato Provincial

Fomos eliminados na 2.ª ronda, depois de vencermos o grupo representativo da ala de Setúbal e de perdermos com o grupo representativo da ala de Cascais por 0-3.

Juniões

Campeonato de Lisboa

2.º lugar: - 4 jogos; 3 vitórias e 1 derrota; 7-2 em bolas e 6 pontos.

FERNANDO LOUREIRO

Aluno n.º 390

O bom carácter

HÁ nos homens, em alguns, uma notável qualidade que os torna queridos de toda a gente. É o bom carácter.

Trata-se duma disposição natural e adquirida, onde se encontra a bondade sincera, a afabilidade e a compreensão para com os outros homens.

A pessoa de bom carácter quer e consegue manter-se sempre com boas disposições, tanto nos momentos de prosperidade como na adversidade. Nunca ofende voluntariamente quem quer que seja, e consegue dominar-se sempre nos impetos da ira.

Para isso, não admira que as pessoas dotadas de bom carácter se sintam felizes e contribuam poderosamente para a felicidade dos outros.

Pelo contrário, aqueles que têm um mau carácter são infelizes e tornam infelizes muitas outras pessoas.

Apontam-se dois meios principais para conseguir o bom carácter.

O 1.º consiste em corrigir e suprimir tudo o que nos levaria a ter mau carácter, isto é: os excitantes, os choros fingidos e os amuos. Sobretudo, nunca devemos amuar.

O 2.º meio consiste em nos deixarmos educar bem.

Mas é necessário evitar absolutamente o mau humor. Dupanloup aconselha:

Acautelai-vos sobretudo do vosso mau humor. É um inimigo que levais para toda a parte convosco até à morte: entrará nos vossos conselhos e vos trairá, se o escutardes. O mau humor faz perder as ocasiões mais importantes; dá caprichos e aversões de criança, com prejuizo dos mais valiosos interesses; faz resolver os casos mais graves pelas razões mais leves ou mesquinhas; obscurece todos os talentos, deprime a coragem, torna o homem desequilibrado, fraco, arrebatado e insuportável.

Desconfiai deste inimigo.

É necessário evitar os excitantes, isto é:

A alimentação excitante;

As palavras provocantes ou maldosas;

Os exemplos das pessoas aborrecidas, da aspereza, do azedume e do rancor ou da vingança.

A pessoa dotada de bom carácter sabe rir como convém. Segundo dizia um grande sábio, o rir vale muitas vezes mais que os remédios. O riso dilata o coração, abre o espírito, alivia o organismo, predispõe para a bondade e leva a disciplina aos nossos movimentos inferiores.

Procuremos, pois, ter bom carácter.

Amável Simplicidade.

UM vulto apagado e pouco conhecido é o de Gil Fernandes, cavaleiro do rei D. Fernando e fronteiro de Elvas. Espírito irrequeto e brigão, audaz até à temeridade, as suas proezas punham em constante perigo o poder castelhano naquelas recuadas eras dos fins da primeira dinastia portuguesa.

A sua vida foi um batalhar sem tréguas contra os de Castela. E foi numa dessas lutas que, corria o ano de 1370, quando...

Gil Fernandes partiu apenas com 40 lanças, para atacar Badajoz, uma das mais fortes e mais ricas cidades de Castela. O seu amigo Gonçalo de Vasconcelos, fronteiro do Alentejo, preparou também a sua hoste e com ela marchou sobre a cidade inimiga.

Os castelhanos deram o alarme quando viram o terrível guerreiro aproximar-se apenas com 40 homens. Fizeram sair ao seu encontro 300 soldados. Gil deixou-os aproximar, trava luta durante alguns minutos e em seguida ordena a retirada. Perante o facto, os castelhanos saem em maior número da cidade, afim de acabar para sempre com o audaz guerreiro.

Repentinamente sobre o flanco direito surge uma chusma de soldados que cortam a retirada aos imprudentes castelhanos—era a hoste de Vasconcelos que vinha secundar o hábil plano de Gil Fernandes. Estava ganha mais uma escaramuça e os portugueses regressaram à sua terra com numerosos prisioneiros.

No reino, morrera D. Fernando e D. Leonor Teles subia ao poder. A rainha correspondia-se com os castelhanos visto D. João I de Castela ser o marido de sua filha D. Beatriz. Os inimigos cobravam o trono, mas no seu caminho haviam de encontrar os portugueses de rija tempera: era preciso comprá-los ou aniquilá-los.

Para isso, o alcaide de Campº Maior, D. Paio Rodriguez, mandou aviso a Gil Fernandes «pois coisas graves lhe tinha a comunicar». Era o mais terrível inimigo e portanto o primeiro a ser eliminado. Na sua habitual lealdade, o fronteiro avistou-se com o castelhano. A cidade estava preparada e 40 guerreiros cairam sobre ele, amarraram-no e levaram-no para Campo Maior.

Porém, D. Rodriguez não o matou; espírito vil e ambicioso pediu aos elvenses o resgate do seu fronteiro pela quantia de 2000 dobras. Por toda a provincia, desde o mais pobre camponês ao mais rico negociante, todos contribuíram para o seu resgate. Gil Fernandes regressou a Elvas, mas ainda não havia passado uma semana e já ele, à frente da sua gente de armas, atravessava de novo a fronteira.

Era a vingança e a destorra. Alconchel foi saqueada e arrasada, o mesmo sucedendo a Xerez e a Macieira. D. Rodriguez viu-se perdido; pediu auxílio ao alcaide de Olivença e, reunidos o maior número de soldados, foram ao encontro de Gil.

Porém o fronteiro mudou de direcção e chegou a Elvas onde distribuiu por todos os que tinham contribuído para o seu resgate, os ricos despojos que trazia. Em seguida volta a atravessar a fronteira e vai dar batalha aos castelhanos. No primeiro embate, o alcaide de Olivença bate em retirada, deixando o seu amigo a braços com a fúria devastadora de Gil Fernandes.

Mas a batalha não se podia prolongar e os inimigos renderam-se. D. Rodriguez, amarrado, foi levado para Elvas por um guerreiro, mas este junto dum bosque, desembainhou a espada e com um golpe certo degolou-o. Gil estava vingado.

Alguns meses depois, atravessou outra vez a fronteira ao lado de Nuno Álvares e distinguiu-se na batalha de Valverde. Mas, já cansado e sentindo a sua estrela apagar-se diante da que agora começava a brilhar em Nuno Álvares, retirou-se para Elvas, donde nunca mais saiu a guerrear o castelhano, e onde morreu, talvez em 1390.

António Luís Celestino Soares de Andrade

O jornal aos

Deus, Pátria
e Família

QUERER
E'
PODER

Pupilos do Exército

REDACTORES PRINCIPAIS: David Sequerra e Vital dos Reis

DIRECTOR: FERNANDO LOUREIRO

EDITORES: Cursos Finalistas

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

I Aniversário do Jornal

Dezembro de 1950... Dezembro de 1951...

Um ano se dispersou na distância infinita que abrange a humanidade, reduzido a pó, a simples poeira de estrada que esvoaça sob o trolpel, sem rota definida dos dias que, monótona e sucessivamente se passam, fazendo velhos os novos, antigos os modernos, desfazendo em nada a pretensiosa vaidade do homem, na sua vã e fugidia passagem de mesquinho a este rói-de, neste vastíssimo Universo.

Duas datas ligadas por 365 dias podem encerrar dentro dos seus limites, muitíssimos acontecimentos dignos de nota.

Aquelas duas que encimam este aglomerado de modestas linhas, são o símbolo dum esforço, o orgulho dum punhado de pessoas de boa vontade, o significado mais patente duma íntima e sincera alegria, são, enfim, os marcos indicadores do 1.º Aniversário do nosso jornal, deste órgão cultural, que tantos teimam em não aceitar como uma necessidade absoluta de todo o estudante e, mais ainda, de todo o ser humano que queira justificar bem o apodo de ente racional.

Nesta hora adivinho uma satisfação interna, conjugada com uma vontade forte de prosseguir na espinhosa caminhada, em todo aquele que, ignorado e anónimo, fez parte do grupo dos romeiros da cultura.

Chamemos assim a todos que, pelo seu esforço, embora pouco que fosse, pelo seu temperamento insistente e fé na vitória, nunca renunciaram a dar apoio ao rejuvenescimento dum Jornal que quase se perdera esquecido nas cinzas dum fulgor que, embora nunca atingido na sua total plenitude, constituiu um ideal supremo a que temos o direito de aspirar.

O momento que ora passa é de satisfação e optimismo. Mas, cuidado, é necessário, é absolutamente preciso que atrás deste ano de existência, outros se sigam, caminhando firmemente com os olhos

DESPEDIDA!...

Deixou o cargo de Director do nosso jornal, o Senhor Padre Antero Ribeiro Gomes.

Seríamos ingratos se, neste número, não dirigíssemos umas palavras ao nosso capelão que, com tantos sacrifícios materiais, conseguiu pôr de pé uma obra que nós desejávamos erguida e que nos parecia um sonho.

Nós, que desde a primeira hora nos colocámos decididamente a seu lado, encontramos agora em continuadores desta obra tão importante e simpática. Faremos todos os possíveis para que nos tornemos merecedores da confiança do Sr. Padre Gomes, ao colocar-nos no seu lugar a gerir os destinos do órgão oficial do Instituto, para isso, precisamos da colaboração de todos, professores e alunos.

postos no lema de «mais e melhor». É a vós, nóveis colegas, caloiros e miúdos de hoje, esperanças dum Amanhã próspero e risonho, que eu dirijo as minhas palavras de incitamento.

Dai um pouco de vós mesmos à existência constante deste Jornal, para que ele vos retribua, na sublime elevação do espírito, o gosto pelo acto de existir.

Dedica-lhe carinho e atenção, trabalhando para que este órgão do nosso Instituto possa repetir muitas vezes o dia do aniversário, como hoje, elevando sempre bem alto, num irrefutável exemplo de tenacidade e persistência, o lema «QUERER E' PODER».

Novembro de 1951

David Nogueira Sequerra

VISADO

PELA C. CENSURA

«Glória in Excelsis De, et in Terra Paz Hominibus Bone Voluntoatis.»

— «Glória a Deus no mais alto dos Céus, e Paz na Terra aos Homens de boa Vontade.»

Eram estes os cânticos dos anjos, chamando os homens à adoração do Deus-Menino, numa fria noite de Dezembro, há 1951 anos.

Em Belém nasceu o Filho de Deus, feito homem, para trinta e três anos depois, aos homens se entregar, esperando a salvação dos mesmos pelo Seu sacrifício terreno.

É que maravilhosa missão a d'Ele. Imolar-se na cruz para remissão dos seus irmãos pecadores.

É o nascimento deste Deus Misericordioso, que a Igreja festivamente celebra e que nos traz a Sua luz, iluminando-nos o caminho a seguir e a continuamente aumentar de virtudes e dons espirituais a nossa vida terrena.

O 25 de Dezembro de cada ano, significa para nós, cristãos, mais do que a simples cerimónia religiosa, significa a encarnação do Verbo de Deus, no seio da Virgem Maria, dogma este que transformamos em oração, penitência, humildade e em todas as virtudes nascidas e vividas no Natal.

Quão simples e humilde nasceu! Ele, o Deus, o Filho da Santíssima

Virgem tornou-se homem, veio à terra e entregou-se todo por nosso amor. É esta vinda que se celebra desde há 1951 anos e que este ano, como no primeiro, será uma evocação à obediência filial e à humildade divina, como exemplo para o mundo devasso e corrompido dos nossos dias.

Exemplo sublime este, da divindade humanizada: a humildade.

É esta humildade divina que nos é espiritualmente necessária e que se torna evidente imitar.

Jesus, apenas uma coisa buscou: o amor dos homens, o amor dos seus amados irmãos.

O pastor zeloso pelas suas ovelhas, procura achar as perdidas e guardar e conservar as que possui ainda.

Por isso, entre nós nasceu, viveu e morreu, para nossa salvação.

É o dia festivo universal, do seu nascimento, que se aproxima e que nos traz a todos nós, a certeza da presença Divina, em nosso lar, no templo, em toda a parte e lugar.

Necessário se torna portanto, chegar a esse dia único, com Jesus no coração e fé na nossa alma.

Viva Cristo-Rei!

Lisboa, Dezembro de 1951.

Orlando Junça

Colaborando

Existem fortes razões que nos levam a concluir que a colaboração dos professores deste Instituto no «Jornal dos Pupilos» não é apenas necessária ou, se quiserem, desejável, como variante ou para simples preenchimento das lacunas de composição, devendo antes considerar-se moralmente obrigatória.

Como muito bem se disse no primeiro número da actual série, «a colaboração dos alunos será a mais apreciada». Mas, encontrando-nos em presença de mais um instrumento de cultura, mais um elo de ligação intelectual entre alunos e mestres, possuímos mais um meio de fortalecer o «espírito de corpo», que felizmente sentimos viver nesta Casa. Todos quantos aqui trabalham, quer aprendendo, quer ensinando e educando, estão moralmente obrigados a prestar o seu concurso, por mais débil que ele possa parecer, visto que para levantar um edifício tudo é útil e necessário, desde os grandes blocos aos pequeninos grãos de areia.

Estas considerações, puramente subjectivas, reforçadas com o apelo, em tempo, lançado pelo dedicado director do nosso periódico aos seus colegas, levaram-nos a quebrar o mutismo e a vencer a inércia que se opunha ao «arranque» para as lides jornalísticas, (de carácter muito particular, bem entendido, no caso presente).

É fora de dúvida que tal apelo envolve as melhores intenções: manter e elevar, se tanto for possível, o mérito, a utilidade e a projecção duma obra que a todos interessa, e que deve ser um reflexo do bom nome e prestígio de que o nosso Instituto, mercê da qualidade e da quantidade dos elementos que tem fornecido à Nação, desfruta fora de portas.

Tem boas razões para afirmar que os alunos dos Pupilos, tanto os actuais como os antigos alunos, com o seu porte garboso, o seu procedimento correcto, o trato afável no meio extra-escolar, quer nas suas visitas e excursões de estudo, nos seus estágios e nos actos correntes da sua vida profissional, têm sempre procurado e conseguido prestigiar e honrar o seu Instituto, os seus Directores, mestres e instrutores, de quem receberam ensinamentos e exemplos de conduta moral que os guiam e distinguem na sociedade.

Passando de simples palavras e factos concretos, vem a propósito recordar algumas referências altamente agradáveis, prestadas nos relatórios de estágios de ex-alunos pelos engenheiros, que dirigiram os mesmos estágios; o garbo e aprumo notado em paradas e desfiles, etc.. Isto são elementos com que podemos contar no activo do nosso Património, o qual esperamos ver enriquecido com a idade do Instituto.

Não queremos ainda deixar de fazer algumas referências à última excursão dos finalistas, em Junho passado. Pela sua extensão e duração, muito superiores às das simples visitas de estudo, estas excursões oferecem aspectos especiais e deixam vivas recordações no

nosso espírito. A óptima camaradagem que se desenvolve entre direcção e professores, a alegria natural e boa disposição dos rapazes, os próprios incidentes e imprevistos das variações de meio, alojamentos, alimentação, mesmo alguns contratempos de momento, tudo isso é motivo para criar um espírito colectivo de bom entendimento e harmonia, de compreensão mútua, de que resultam gratas recordações.

Uma noite mal dormida, em intervalos de brados de «alertas», outra no silêncio pesado num recanto da Serra da Estrela; um almoço mais cedo, para seguir jornada, o jantar muito tarde porque a viagem foi longa e acidentada; um trecho de estrada poeirenta, depois um asfalto novinho em folha; são estas e outras variantes que dão imprevisto e sabor especial à excursão e perduram na memória.

Por muito gratas que sejam as nossas recordações destes aspectos duma viagem cultural e recreativa, nada é comparável à satisfação que sentimos sempre que, de Coimbra a Évora, por Castelo Branco, Portalegre e Elvas, nos era dado ouvir apreciações agradáveis à correcção, ao aprumo e ao procedimento impecável dos rapazes, tanto mais que essas referências provinham, na maioria das vezes, de pessoas estranhas a estas instituições, e por isso, traziam o selo de garantia da sinceridade e da imparcialidade.

Na verdade, nada mais agradável, nada mais bonito do que a boa conduta individual e colectiva. E nada mais fácil, pois tudo se resume na consciante compreensão dos princípios da ordem e do método indispensáveis na vida em comum: cada um no seu lugar, um lugar para cada um, e todos cooperando pela harmonia do conjunto. Queremos que assim seja, que assim

Boas Festas

«O Jornal dos Pupilos do Exército» deseja a V.ªs Ex.ªs, umas Boas Festas e um Novo Ano cheio de felicidades.

DE LUTO!...

C A Ç A

Esteve de luto a Nação Portuguesa!

Em França no Castelo de Bellevue, deixou de viver a Rainha Senhora D. Amélia de Orléans e Bragança, que foi, até há 43 anos, a Rainha do grande Povo Português.

Viveu ela 86 anos, sendo 43 de felicidade, e os restantes de infortúnio. Nunca, a não ser Ma-

ria Antonieta, outra rainha sofredora tanto como a nossa Augusta Soberana, que no nosso país tantas simpatias grangeou, graças ao seu trato afável e às numerosas obras de caridade a que dedicou os anos em que viveu em Portugal.

Em 1908, a atmosfera no país era de revolta e a rainha, prevenindo o perigo, quis prolongar a estadia da família real em Vila Viçosa, mas o rei D. Carlos, temendo que a sua ausência da capital fosse tomada como cobardia, ordenou o regresso. Estava-se em Fevereiro, em pleno inverno, quando os reis e filhos regressaram a Lisboa. E no local onde actualmente termina a rua do Arsenal para começar o Terreiro do Paço, mãos assassinas puseram termo às vidas do Rei e do Príncipe Real D. Luís Filipe, e feriram no braço esquerdo o Infante D. Manuel, futuro rei de Portugal.

Em 1910, devido à proclamação da República, a Família Real exilou, mas no coração da Rainha, o amor pelo Povo Português continuou a ser ardente. Vinte e dois anos mais tarde, viu morrer em Londres o seu último filho, o ex-rei D. Manuel II de Portugal.

E agora, serenamente, deixou esta vida para a trocar pela vida Eterna. No coração dos jovens portugueses que não conheciam a Rainha, existe uma grande admiração pela nossa última Soberana, que soube ser uma exemplar Rainha, Esposa e Mãe.

No dia 29 de Novembro, chegaram a Lisboa os restos mortais da Senhora Dona Amélia de Orléans e Bragança. Milhares de pessoas se espalharam pelo percurso para prestarem as últimas homenagens a tão ilustre dama.

Nós também estivemos presentes e, respeitadamente, inclinámos as nossas armas em funeral, enquanto ao longe soavam os acordes da marcha de continência de cavalaria.

Que a alma da nossa Rainha descanse em paz, já que a sua vida foi de contínuas lutas...

Fernando Loureiro
Aluno 390

PEQUENAS notícias

Por intermédio do instrutor professor Moniz Pereira, deslocaram-se a este Instituto, onde realizaram um jogo-treino de Volley-ball no Ginásio da 1.ª secção, os componentes da selecção nacional de Volley-ball e respectivos suplentes.

O jogo que foi presenciado pela Ex.ª Direcção do Instituto, alguns senhores professores e alunos, foi-nos bastante útil e nele se puseram em foco as novas regras deste salutar desporto.

Organizado pelos finalistas, realizou-se no dia 11 no salão de festas deste I. P. E., o tradicional baile de recepção aos novos alunos, que decorreu bastante animado e teve a colaboração da orquestra «Caravana».

As datas de início dos campeonatos, segundo circular da M. P., são as seguintes:

Futebol 5 de Janeiro

É o desporto primórdio no mundo. Desde os tempos primitivos que o homem o começou a praticar, não com a noção do desporto, como hoje acontece,

O Estádio de Maracanã

O que pode a Engenharia! Por onde se espraia o poder edificativo do Homem!

Como é surpreendente a subjugação da natureza ao intelecto!

Frases como estas serão vulgaríssimas de ouvir, ditas por todo aquele que tenha a oportunidade de admirar esse colosso de pedra, de esplendorosa magnificência, que é o Estádio de Maracanã.

Construído especialmente para a realização do Campeonato Mundial de Futebol, de 1950, ele não é mais do que a expressão concludente e real do alto grau a que já se elevou o futebol brasileiro. E, de facto, os aspectos: organizador, técnico e tático que ele nos apresenta, são de veras excepcionais, merecendo em absoluto a eleição para o grupo de verdadeiras potências futebolísticas mundiais.

Só por essa razão mereciam se por mais não fosse, possuir um estádio digno de si próprios.

E construíram no para que lotasse com 200.000 pessoas!

Abstraindo agora a parte desportiva e enveredando apenas para o campo da Engenharia, que mais directamente nos interessa, o Estádio de Maracanã continua a merecer-nos o título de fenómeno.

Os engenheiros brasileiros mostram-se particularmente fortes e eficientes no ramo do betão. Existem verdadeiras maravilhas a admirar, nesse capítulo tais como: um bellissimo troço da Estrada das Canoas, sustentando fora das faldas do morro que tornea por um potente conjunto de colunas, a cobertura do Jockey Club, etc.

Também no gigantesco Estádio digna de todo o nosso apreço a engenharia brasileira, pela mestria que mostra possuir na edificação da total cobertura, em betão, de toda a extensa bancada central. São 300X30 metros de placa maciça, pairando sobre as nossas cabeças, numa demonstração indiscutível de arte e ciência e num desafio temerário às leis da gravidade.

As fundações para tal obra, calcula-se bem que terão que ser profundas e bem afastadas!

Pena é que, a pressa absoluta com que se construiu, impedisse de se cumprir totalmente o projecto, roubando-lhe muita beleza de aspecto que lhe daria um ajardinado em volta com uma colecção de bustos de atletas célebres, um chão de minucioso empedrado, rampas ascendenciais em hélice, para automóveis, e outros pequeninos nada que, parecendo desprezíveis, tiram grande parte da estética formal de uma construção como aquela.

É muito possível que nunca mais se complete a obra (faltam cem milhões de cruzeiros), mas mesmo assim, o Estádio de Maracanã, o colosso de betão que nos extasia e domina, não deixará nunca de ser uma obra prima de potência e engenharia.

Novembro de 1951.

David Nogueira Sequerra

Volley-ball 5 de Janeiro
Hand-ball/7 13 ou 20 de Janeiro
Basquetebol 10 de Fevereiro
Atletismo 17 ou 18 de Maio

continuí a ser. E, se a nossa divisa é «QUERER É PODER», nós podemos manter sempre em elevado nível o bom nome do nosso Instituto.

Os alunos mais novos seguirão o exemplo dos mais antigos, quer dos presentes, quer daqueles que já saíram, mas cujo espírito paira na atmosfera das camaratas, das salas de aula, dos corredores e paradas, e que se distinguiram pela sua dedicação ao estudo, comportamento e aprumo dentro e fora dos actos escolares. Assim irão alimentando o seu cérebro com conhecimentos indispensáveis e formando o seu carácter para bem se desempenharem das futuras profissões, para serem elementos úteis à Pátria, desejados e estimados na sociedade.

Tudo isto pode estar muito certo, mas parece repetir-se a história daquele preto, que foi depor ao tribunal, no seu idioma desconhecido do juiz, o qual ao fim de uma hora de ouvir falar sem descanso, perguntou ao intérprete: «O que é que o homenzinho tem estado a dizer?» Ao que o intérprete informou: «Senhor doutor juiz, o homenzinho ainda não disse nada, tem estado só a falar...»

E tempo, portanto, de começar a dizer alguma coisa, isto é, justificar as razões e expor os fins da nossa colaboração.

Afigura-se-me natural que o director do «Jornal» pretenda de cada professor uma exposição, quanto possível proveitosa, das particularidades ou aspectos mais interessantes das matérias das respectivas especialidades, ou melhor, daquelas que ministra nas suas lições, tendo em atenção que a massa principal (ou mesmo exclusiva) a quem se deve destinar, é o corpo de alunos deste Instituto. Doutra forma, não viríamos nós até aqui, pois «meter a foice em seara alheia» é sempre perigoso e pouco simpático.

Mas então, se os nossos Cursos Médios de agentes técnicos de Engenharia vão deixar de existir no fim do presente ano lectivo, por imposições das actuais exigências da técnica militar que obrigaram a elaborar a última Reforma do I. P. E., valerá a pena trazer para aqui quaisquer considerações sobre um assunto que vai ser riscado das nossas preocupações escolares?

Que interesse pode trazer para os alunos focar os pontos, mesmo os mais amenos, duma matéria vasta e, por vezes, árida (apesar da água!) como esta a da Hidráulica?

A estas perguntas poderemos responder:

1.º) Em todas as matérias, por mais árduas que pareçam, há sempre aspectos que interessam à cultura geral de todos nós, qualquer que seja a especialização para onde enveredarmos;

2.º) Não é pelo facto de deixarmos de estudar Hidráulica, que deixaremos de ter necessidade de beber, de tomar banho, de lidar por variadíssimas formas com um líquido tão vulgar quanto indispensável como é a água. Nem por tal facto, deixará felizmente... de cho-ver todos os anos futuros!

Era nossa intenção, ao lançar mão da pena, escrever alguma coisa sobre o precioso líquido, que o homem nunca pôde dispensar, e cada vez tem maior necessidade de captar e dominar, como o seu ancestral avô teve sempre que procurar a sua proximidade, como elemento tão indispensável à sua vida como o ar que respirava e o animal bravo que perseguia e matava ou capturava, para seu alimento, comodidade ou simples companhia.

Deste modo, respondendo ao apelo do director do Jornal, procuramos prestar a nossa contribuição (talvez em prestações, para suavizar). Mas isso ficará para outra vez, ou para outras vezes, se Deus nos der vida e saúde, pois que, como todos sabem, «Roma e Pavia não se fizeram num dia».

L. Almeida e Sá
Major de Engenharia

mas vendo na caça a fonte principal da sua subsistência.

Conta este desporto em Portugal com muitos milhares de adeptos, e muitos deles verdadeiros furiosos, senão a totalidade, pois a caça é tão influente que basta meditar um pouco neste pensamento, que me acorreu, e que li em algures: «O prazer da caça só é comparável com o amor, mas há uma diferença, enquanto este se desvanece com a satisfação do desejo, aquele agiganta-se com o desejo insatisfeito.»

Quando a caça começou a ser praticada por mero divertimento, eis que apareceu a noção de desporto.

Depois de ter sofrido as mais variantes transformações os utensílios de que o homem se tem servido para abater os espécimes de caça, chegou-se à moderna espingarda de fogo central. Serviu-se sucessivamente da vara, da lança, da funda, do arco e da flecha, e depois quando apareceu a pólvora o homem começou a aplicá-la nos velhos bacamartes de carregar pela boca.

Quanto a mim, acho que o extermínio da caça é um facto dentro de poucos anos no nosso país, se não se tomarem medidas rigorosas nesse sentido. Note-se que já se tem feito alguma coisa em defesa dela, mas não é o suficiente.

Apresento alguns espécimes de caça que são permitidos caçar no nosso país: rolas, codornizes, perdizes, coelhos, lebres, galinhas, patos e pombos bravos, narcejas, graças, etc. Sendo os cinco primeiros os principais, e entre eles, a caça à perdiz é a que conta mais adeptos, sendo mais espectacular a sua caçada.

O grande auxiliar do caçador é o cão, que caça mais ou menos todas as espécies acima citadas. Vem depois o furão que é o grande auxiliar do apaixonado da caça ao coelho. Toca habitada por coelhos onde entre um furão, é sabido que fica desabitada. Esta espécie de caça tem o seu atractivo muito especial e é para mim a preferida. Está proibida em muitos concelhos, e digo que foi uma boa medida, pois ele é o principal dizimador do coelho. Vem depois o cavalo na muito especial caçada à lebre.

Dos cães, destaco os perdigueiros, os galgos e os coelheiros, respectivamente empregados na caça às perdizes, às lebres e aos coelhos. Estes últimos, quando alojados em sítios acessíveis aos cães, pois se eles estiverem em tocas, é evidente que os cães nada podemos fazer.

As rolas caçam se junto a rios, ribeiras, albufeiras, etc..

Quer dizer, o caçador oculta-se e ao passarem as rolas que procuram água, tenta abatê-las. A caça às perdizes faz-se de diversas maneiras: podendo o caçador caçar isoladamente ou agrupando-se a outros em «joldas» ou «linha». Esta espécie caça-se por perseguição, por batida e em todas estas maneiras de caçar servimo-nos do cão, precioso auxiliar do caçador.

Os coelhos caçam-se nos matos, juncos com o auxílio do cão e nas tocas e coviladas com o auxílio do furão.

A caça com o galgo e com o cavalo é das mais interessantes mas só possível em terrenos pouco arborizados. Como derivação deste modo de caçar, citarei a corrida de galgos que tanta fama alcançou em quase todo o mundo.

Depois desta pequena resenha de caça e modo de caçar, quero

PÁGINA Literária

MÉRTOLA

DESDE há muito que idealizava, explorando ao máximo a minha ainda diminuta cultura, escrever um artigo sobre a minha terra natal, a Rainha do Guadiana, e já que esta oportunidade se depara, eis-me a converter a ideia em realidade.

Em 1238, D. Pais Correia, cavaleiro ao serviço de El-Rei D. Sancho II, herói consumado das conquistas de Serpa, Cacela, Tavira e Mértola, arrebatou a aos mouros dando assim mais um passo em frente na dilatação da fé Cristã e na conquista lenta, mas aliás conseguida, do Território Português. Desde então, jámais deixou de nos pertencer, excepto quando foi o domínio filipino.

Doada por D. Sancho II à ordem de S. Tiago de Espanha, possui Mértola monumentos que atestam o seu passado, ainda que pouco falado, glorioso como o de todo o nosso Portugal.

Entre eles destacam-se a Igreja, velha mesquita mourisca agora em reconstrução, que é de uma grande magestade e o Castelo, actualmente em ruínas, que nos relembra a praça forte que era Mértola, e os encarniçados combates ali travados, entre os eternos rivais cristãos e mouros.

Banhada pelo rio Guadiana, principal riqueza da sua reduzida população, que orça por 2.500 a 3.000 habitantes, possui Mértola desde longa data, várias aspirações justificativas, como a da construção de um hospital, convenientemente apetrechado de moderna aparelhagem cirúrgica, que esteja à altura das necessidades da vila e do respectivo concelho.

A substituição da actual ponted-as-barcas, que mantém o tráfego entre as duas margens durante grande parte do ano, por uma ponte por excelência, que estabeleça com segurança e livre das habituais interrupções, em geral em pleno inverno, motivadas pelas enchentes do Guadiana, o trânsito entre as duas encantadoras margens do mesmo rio e a canalização da água são outras

fazer uma distinção entre atiradores e caçadores, pois talvez a maioria daqueles que se derem ao trabalho de lerem estas minhas despreziosas palavras, o ignorem.

Atirador é aquele que sente o seu desejo satisfeito pelo grande número de peças abatidas. Aqueles que nos torneios de tiro aos pombos ou aos fracos, procuram a melhor classificação, aqueles que na caça não se importam de prejudicar os seus companheiros, contanto que o seu número seja elevado. Assim, tenho observado grandes atiradores que são péssimos caçadores e vice-versa, não sendo tão vulgar que um bom caçador seja mau atirador.

Caçador é aquele que o prazer que tem na caça, reside em: procurar a caça e apreciar o trabalho do seu cão, tendo para ele menor importância o tiro e o seu resultado.

Armando Albino de Oliveira Soares
Aluno do 4.º ano de M. E.

Continua no próximo número

duas aspirações, que em breve, assim o esperam os Mertolenses, serão convertidas em realidade.

Mértola, sede de um dos mais extensos concelhos de Portugal, tem à sua frente um homem, o seu actual presidente da Câmara, que, pelas suas invulgares qualidades de honestidade e de empreendimento, jámais será esquecido, pelos que se interessam pela vida quotidiana da vila.

E, para terminar, falta-me falar dos meus conterrâneos, desses que reúnem em si todas as principais boas qualidades, como a honradez, a modéstia e a hospitalidade.

Pensais talvez que os elogios que acima teço são por ser Mértola a terra onde eu nasci?

Se o fazeis, enganais-vos abertamente, porque, quando um povo é merecedor dos maiores louvores, não lhos devemos regatear e devemos tributar-lhe todo o nosso respeito, toda a nossa estima e consideração.

Francisco Vargas Correia
aluno n.º 399 do 1.º ano do Curso
Geral de Comércio

SÓ ...

ESTES entre nós uma palavra, que poderá ter dois significados completamente distintos.

Conforme o leitor a interpretar, ela pode significar alegria ou tristeza.

Muitos a pronunciam como final de um diálogo massador, com uma pessoa que gosta imenso de discutir assuntos, os quais, muitas das vezes, não tem interesse comum; e a outros, ela assombrava aos lábios, como sendo a tristeza e o desalento que lhes invade o coração.

Estes, que subjugados pela tristeza e pelo desalento, ficando entregues às vicissitudes da vida, não reagem deixando-se vencer pelo desânimo e não tentam com os seus próprios recursos melhorar a sua situação, comparo-os às avezitas ainda implumes descansando no seu ninho que, uma vez destruído por mão malfazeja, ficam entregues aos desígnios da sorte, sem esboçarem sequer salvação, em virtude dos seus membros se encontrarem inertes.

Mas estes ainda têm desculpa, pois não possuem recursos próprios dos quais se possam valer.

Todos aqueles que se encontram SÓS no mundo, não possuindo os seus entes mais queridos, únicos seres que constituíam a felicidade os quais lhes podiam fornecer o seu apoio moral e material, não se deixam vencer pelo desânimo labutando contra todos os obstáculos, aniquilando os seus inimigos, enfim, vencendo todos os contratempos até singrarem pelo caminho do bem, esses sim, são dignos de respeito e admiração pois conseguiram elevar-se na sociedade pela sua persistência no trabalho, personalidade intelectual, moral e física; ela representa não só o seu triunfo, como também o seu alento, asua fé e vontade de vencer.

Mas, depois de tantos sofrimentos e privações, é justo que se tenha uma recompensa final, a qual se poderá alcançar familiarizando-nos com pessoas, de entre as quais o nosso coração possa eleger uma que nos trate com amor e carinho, restituindo-nos a felicidade já há muito perdida.

Desta maneira se alcança o fim desejado, isto é, a formação do lar, a mais preciosa das ambições humanas.

SÓ... palavra tão cruel para aqueles que por ele se deixaram vencer e amesquinhar, mas bela e risonha para os que labutaram e venceram; estes, devem sentir-se orgulhosos da sua vitória uma vez que ela apenas dignifica e enobrece.

Lisboa, Novembro de 1951.

Orlando de Barros Gaspar
aluno do 3.º Ano do C. C. O. P. M.

CONTO DO NATAL

Natal na frente de batalha

Meia noite. Hora da Missa do Galo; os sinos repicam festivamente nas igrejas do mundo cristão, anunciando o nascimento de Jesus, o Redentor.

Enquanto a maioria dos pacíficos cidadãos se reúne para a alegre consoada do Natal e, ao mesmo tempo, aproveitando a solenidade da data, se juntam aos seus mais próximos parentes a fim de festejarem a chamada festa de família, na frente de batalha, ao som do sibilar das balas, o valente soldado defende o país do terrível invasor, que ameaça da ruína o povo; e da destruição o lar. Inconscientemente, ele vai disparando a arma que lhe puseram nas mãos, como valioso instrumento de protecção, pois o seu pensamento nesta quadra festiva, vai para a família que lá longe o espera ver regressar dessa carnificina são e salvo, e não para a batalha que se está a desenrolar. Ele bem quer concentrar-se na responsabilidade que lhe depuseram nas mãos, mas o amor aos seus e a sua crença religiosa não lho permitem; não que ele seja covarde, mas o complexo de inferioridade que o atormenta e o amor a Deus, levam-lhe ao pensamento e aos lábios as orações que lhe ensinou sua mãe em pequenino, e são palavras de incitamento a combater ou a escarnecer o inimigo.

Apodera-se-lhe dos membros um letargo sem explicação, mas de repente ele é chamado à realidade, pois o combate tornou-se mais aceso, ouvindo-se o crepitar das balas já muito perto, e a terra revolvendo-se ao seu lado pelas granadas inimigas. Mais uma vez a família lhe vem à lembrança, num curto intervalo da refrega em que lhe é dado pensar; mas não tem tempo para mais, visto que uma granada perdida lhe fragmenta o corpo, já ensanguentado e perfurado por outros estilhaços.

Cãl, herói e valente; o seu último pensamento, vai para a Pátria, para Deus e para a família. E tudo isto se passou numa Noite de Natal, enquanto a neve polvilhava os campos com a sua mortalha branca, a única que serviu a esse Soldado Desconhecido.

Lisboa, Dezembro de 1951.

Carlos Araújo
(Aluno do 2.º ano de M. E.)

SORRINDO...

Ele — V. Ex.ª lembra-se da Sofia Lima, que foi sua companheira de colégio?

Ela — Perfeitamente. Era muito estúpida e arranjava-se sempre muito mal. O que é feito dela?

Ele — Oh! nada! E' hoje minha mulher.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS — 1) Clima; Bairro de Lisboa (lad. Oriental). 2) Pron. pess.; Prendi; Data. 3) Vi; Rasparas. 4) Duas letras de acto; São. 5) Único; Cabelo branco. 6) Lista; Resguardo lateral. 7) Apelido; Símbolo quim. do cobalto. 8) Carta de jogar; Gracejei; Vaso para vinho. 9) Confusão (pl.); Sufixo de negação. 10) Fila; Nome de mulher bíblica; Prática. 11) Agarrar.

VERTICAIS — 1) Colecção de mapas geográficos; Morada. 2) Aquele que rege; divisão duma casa. 3) Art. def. (pl.): Pátria. 4) Fruto da marmeladeira. 5) Liga; tempo do verbo dar. 6) Raso; segura. 7) Marca de tabaco (C. P. T.); repetir. 8) Suspensório. 9) Ver; simb. quim. do alumínio. 10) Sulcas; duas vezes. 11) Guarnece de asas; possessão portuguesa na Índia.

Um sonho de amor

(Dedicados a Ailicec)

Este amor que por ti sinto
Como um fogo abrasador
Faz de mim pobre faminto,
Do teu nobre e puro amor.

Vivesse eu eternamente
Que nunca te esqueceria,
É esta paixão ardente
Jamais me abandonaria.

Serás sempre para mim
Um anjo p'ra me guardar,
Mas olha, que a vida assim
É mui dura de levar.

Foi lindo o sonho que tive
Foi tão bela essa ilusão,
Mas, amor, quem sonha vive,
Faz sofrer o coração;

Não poderei esquecer-te
Pela minha vida sóra
E sempre te amarei
Do mesmo modo que agora.

O. B. G.
Aluno do 2.º ano do C. C. O. P. M.

Lição da Vida

MOTE

Por este mundo de enganos
Fala verdade quem mente

A. BOTO

Com um eterno sorriso nessa boca
Tens que seguir a correria louca,
Tropel sem freio do rodar dos anos,
Pobre e paciente, como um peregrino
POR ESTE MUNDO DE ENGANOS!

E quando regressares, qual vagabundo
Que percorreu sem rota todo o mundo,
Uma coisa aprendeste, certamente;
Nesta vida de igual monotonia
De vãs quimeras, sonho e fantasia
FALA VERDADE QUEM MENTE!

Junho de 1950.

David Nogueira Sequerra

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	A	R	M	I	R	I	V	I	L	I	A
2	T	E	A	T	I	A	L	I	A	R	A
3	L	I	R	I	A	S	I	C	A	I	R
4	R	I	T	M	L	S	I	A			
5	S	I	O	E	C	A	S				
6	R	I	O	L	A	L	A				
7	C	S	I	A	C	I	B				
8	B	E	D	R	I	O	I	B	A		
9	S	I	A	L	A	D	I	A	S		
10	A	L	I	A	E	U	A	I	S	I	A
11	A	R	I	P	O	I	A	R			

Vital dos Reis

(Aluno n.º 104)

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

RELEMBRANDO

(Continuação)

II — VOLLEY-BALL

Nos campeonatos de volley, as nossas equipas exibiram-se com geral agrado.

Concorremos nas séries das Escolas Técnicas, e obtivemos as seguintes classificações:

Infantes

Série: — 1.º lugar — 8 j., 8 v.; 10-2; 16 pontos

Poule final: — 3.º lugar — 2 j., 2 d., 0-4; 2 pontos

Vanguardistas

Série: — 1.º lugar — 9 j., 8 v., 1 d.; 14-6; 17 pontos.

Poule final: — 1.º lugar — 3 j., 3 v.; 2-0; 6 pontos.

Final do campeonato de Lisboa: — derrota por 0-2.]

Cadetes

Série: — 2.º lugar — 6 j., 5 v., 1 d.; 4-2; 11 pontos.

Poule final: — 2.º lugar — 3 j., 2 v., 1 d.; 2-2; 5 pontos

Resultados:

Infantes

PUPILOS — Machado de Castro: 2-0 (10-0; 10-3)

PUPILOS — Ferreira Borges; vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — P. de Santarém: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — Of. de S. José: 2-1 (10-8; 8-10; 10-6)

PUPILOS — Fonseca Benevides: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — M. de Pombal B: 2-0 (10-7; 10-3)

PUPILOS — M. de Pombal-A: 2-1 (12-10; 7-10; 10-6)

Poule final:

PUPILOS — P. Manuel: 0-2 (6-15; 7-15)

PUPILOS — Champagnat: 0-2 (12-15; 11-15)

Vanguardistas

Série de apuramento

PUPILOS — Machado de Castro: 2-0 (15-5; 15-4)

PUPILOS — Escola D. Diniz: 2-0 (15-1; 16-14)

PUPILOS — Ferreira Borges A: 2-1 (10-15; 15-4; 15-8)

PUPILOS — Ferreira Borges B: 2-1 (11-15; 15-2; 15-2)

PUPILOS — Fonseca Benevides: 2-0 (15-4; 15-5)

PUPILOS — Veiga Beirão: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — Patrício Prazeres: 0-2 (2-15; 15-8)

PUPILOS — Voz do Operário: 2-0 (15-5; 15-3)

PUPILOS — Oficinas de José: 2-1 (15-4; 10-15; 15-6)

Poule final

PUPILOS — Braço de Prata: 2-0 (15-7; 15-4)

PUPILOS — Académico: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — Passos Manuel: vitória por f. c. do adversário.

Final do campeonato de Lisboa

PUPILOS — Colégio Militar: 0-2 (1-15; 2-15)

Cadetes

Série de apuramento

PUPILOS — Fonseca Benevides: 2-0 (15-4; 15-5)

PUPILOS — Voz do Operário: 2-0 (15-1; 15-1)

PUPILOS — Escola D. Diniz: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — Ferreira Borges: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — Patrício Prazeres: vitória por f. c. do adversário
PUPILOS — Of. de S. José: 0-2 (3-15; 8-15)

Poule final

PUPILOS — Passos Manuel: 2-0 (15-7; 15-8)

PUPILOS — Mitra: 0-2 (12-15; 7-15)

PUPILOS — Académico: vitória por f. c. do adversário

III — BASKET-BALL

Após uns anos de ausência, voltámos a estar presentes no campeonato de basket-ball. E em boa hora o fizemos, pois a nossa equipa, apesar de não sair vencedora, apresentou-se como a melhor.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

PUPILOS — Académico: 20-18 (2-12)

PUPILOS — Passos Manuel: 25-9 (9-5)

PUPILOS — Liceu Camões: 15-9 (8-5)

PUPILOS — Escola Académica: 12-14 (4-8)

Entre parêntesis indicam-se os resultados verificados ao fim das primeiras partes. E' de salientar a magnífica recuperação da nossa equipa no primeiro jogo, que tornou possível transformar uma derrota que parecia inevitável numa sensacional vitória.

Classificação

PUPILOS — 2.º lugar — 4 j., 3 v., 1 d.; 72-50; 10 pontos

Novidades desportivas

Exerce as funções de treinador de futebol, o nosso professor de ginástica, sr. Capitão Noronha.

Começam no dia 5 de Janeiro as competições desportivas da M. P., sendo os campeonatos de Futebol e Volley os primeiros a serem disputados. Como habitualmente, o Instituto estará presente nestas modalidades.

Este ano teremos quatro equipas de volley nos campeonatos da M. P., em virtude de uma alteração nas categorias, que passam a ser Infantes, Vanguardistas A, Vanguardistas B e Cadetes.

O treinador das equipas de volley é o sr. alferes Moniz Pereira, conhecido seleccionador nacional da modalidade.

Este ano voltaremos a ter o Colégio Militar como adversário em futebol. No dia em que as duas equipas descenderem ao rectângulo para se defrontarem, esperamos ter uma grande falange de apoio, constituída por professores, alunos e ex-alunos. E há razões para isso, pois ainda não nos esquecemos do 0-1 de 1949.

O treinador de hand-ball de 7 e de lançamentos de atletismo, é o conhecido lançador de peso do Sporting e estagiário da INEF, sr. Eduardo Cunha.

Como treinador da equipa de remo, continua o sr. Tenente-Coronel Pereira Dias, coadjuvado pelo aluno n.º 139, Cruz.

IV — HAND-BALL DE SETE

Somente realizámos dois desafios, e num deles fomos vencidos por margem expressiva, que se ficou a dever à excelente exibição dos nossos adversários, que viriam a ser campeões de Lisboa.

No entanto, os nossos jogadores merecem um aceno de simpatia, graças ao magnífico desportivismo de que deram provas nesse jogo de triste memória.

Resultados:

PUPILOS — Gil Vicente: 0-12 (0-9)

PUPILOS — Esc. Académica: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — Col. Clenardo: vitória por f. c. do adversário

PUPILOS — M. de Pombal: 3-1 (3-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados da primeira parte dos encontros.

Classificação

PUPILOS — 2.º lugar — 4 j., 3 v., 1 d.; 3-13; 10 pontos.

Fernando Loureiro

Aluno 390

CURIOSIDADES

As baleias podem nadar à razão de 24 kms. por hora o que é deveras notável para um peixe tão corpulento.

Se toda a água dos mares se evaporasse, ficaria uma camada de sal que seria suficiente para cobrir toda a superfície da terra com uma espessura de 112 pés.

Os cientistas usam o micron (a milionésima parte do metro) como unidade para medir o diâmetro das gotas dos líquidos. Um cm. tem 10.000 microns. Alguns exemplos do tamanho das gotas medidas em microns: nevoeiro do mar, 5; nuvens, 33; vapor, 100; chuva miúda, 200.

O grande Lago Salgado, nos Estados Unidos, contém 364 milhões de toneladas de sal, segundo estimativa realizada por entidades oficiais.

Assegura-se que a Suíça emprega alguns dos seus lagos como câmaras frigoríficas, submergindo alimentos em tambores selados a 12 metros de profundidade abaixo do nível da água.

(Mecânica Popular—Dezembro)

Em uns frascos cheios de azeite desenterrados em Micenas, Grécia, o ano passado, encontraram-se as impressões digitais daqueles que os enterraram há uns 3.500 anos.

(Mecânica Popular—Dezembro)

Calcula-se que, se fosse possível reunir todo o pó que se encontra na atmosfera, o mesmo formaria uma massa cúbica de aproximadamente 179 metros de lado.

(Mecânica Popular—Dezembro)

Homenagem do Instituto à memória do falecido Presidente Carmona

No passado dia 24 de Novembro, prestou o Instituto uma homenagem à memória do falecido presidente da República, Marechal Carmona.

Esteve presente ao acto a viúva do extinto, Ex.^{ma} Senhora D. Maria do Carmo Carmona e algumas pessoas de família, Ex.^{ma} Direcção, srs. oficiais e professores e todo o batalhão escolar.

Impecavelmente como sempre, o batalhão desfilou desde a Praça Afonso de Albuquerque até aos Jerónimos onde, na nave central, assistiu a um acto religioso celebrado pelo nosso capelão, reverendo Padre Gomes, acolitado por dois alunos. Finda a missa, todos os presentes se dirigiram para a Sala do Capítulo onde se encontra o túmulo do falecido Marechal Carmona, tendo sido deposta uma palma de flores com uma fita com as cores da bandeira nacional, onde se lia a inscrição: PREITO E GRATIDÃO — INSTITUTO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO, seguindo-se o desfile do batalhão escolar em continência. Finalmente, guardou-se um minuto de silêncio.

A cerimónia, em si, foi de uma grande simplicidade, mas altamente significativa, devido à sinceridade de que foi revestida.

Acompanhou o batalhão, executando marchas militares, a banda da Polícia sob a regência do nosso professor de Canto Coral, sr. Capitão Armando Fernandes.

Fernando Loureiro

Aluno 380

Passatempo

Número 2

Substituir os traços por letras, de modo a constituir nomes de:

P.....
B.....
C.....
D.....
E.....

..... D.
E.....

P.....
R.....
S.....
T.....
U.....
V.....
W.....
X.....
Y.....
Z.....

Vital dos Reis

Solução do Passatempo anterior

VIANA DO CASTELO

TAVIRA

AVEIRO

LAGOS

SETÚBAL

PORTIMÃO

LISBOA

BRAGANÇA

AZAMBUJA

FARO

PORTO

Aluno n.º 379

Recordamos que:

— Todos os originais que nos forem enviados, quer sejam publicados ou não, ficam a ser propriedade da redacção do jornal, que lhes pode dar o destino que melhor entender.